

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
NÚCLEO DE ESTUDOS DAS DIVERSIDADES, INTOLERÂNCIAS E CONFLITOS -  
DIVERSITAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HUMANIDADES, DIREITOS E OUTRAS  
LEGITIMIDADES

TEREZA DE FATIMA MASCARIN

**Cultura Ganza:** preparo de alimentos para o desenvolvimento mediúnico no Terreiro Senzala  
em Maringá Pr

São Paulo

2020

TEREZA DE FATIMA MASCARIN

**Cultura Ganza:** preparo de alimentos para o desenvolvimento mediúnico no Terreiro Senzala em Maringá Pr

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Humanidades Direitos e Outras Legitimidades da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP – Universidade de São Paulo, para obtenção do título de doutora em Ciências.

Área de concentração: Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Margarida Maria Moura

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M395c Mascarin, Tereza de Fatima  
Cultura Ganza: preparo de alimentos para o desenvolvimento mediúnico no Terreiro Senzala em Maringá Pr / Tereza de Fatima Mascarin ; orientadora Margarida Maria Moura. - São Paulo, 2020. 144 f.

Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades.

1. Cultura Ganza. 2. Ancestralidade. 3. Desenvolvimento Mediúnico. 4. Preparo de Alimentos. I. Moura, Margarida Maria, orient. II. Título.

Nome: MASCARIN, Tereza de Fatima.

Título: **Cultura Ganza**: preparo de alimentos para o desenvolvimento mediúnico no Terreiro  
Senzala em Maringá Pr

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP – Universidade de São Paulo, para obtenção do título de doutora em Ciências.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora

Profº Dr: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Profº Dr: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Profº Dr: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Profº Dr: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho a Ganza  
Aos meus filhos e  
Aos guerreiros e guerreiras da Cultura Ganza.

## AGRADECIMENTOS

A Deus Criador de Todas as Coisas e aos Nossos Ancestrais, pela vida e pela força que emanam e que nos permite continuar trilhando nossos caminhos.

Sou profundamente grata a Ganza líder da Cultura Ganza, por permitir que eu continue traçando minhas trajetórias dentro da nossa Cultura, trazendo as escritas. Por permitir que esta pesquisa fosse realizada, foi fundamental seu apoio, participação e conhecimentos nesta pesquisa.

À antropóloga Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Margarida Maria Moura com afeto e em reconhecimento por suas contribuições, amizade e conhecimento, pelas muitas tardes, valiosas e agradáveis de orientações em que nos reuníamos em sua residência para discutir sobre a pesquisa. Foram extremamente importantes e profícuas as discussões que tivemos e que resultaram nesta tese.

À todos os guerreiros e guerreiras do Terreiro Senzala pelo apoio e contribuições à esta pesquisa, pelo carinho, troca de experiências e conhecimentos. Foram essenciais para que este trabalho pudesse ser desenvolvido.

Ao meu marido e aos meus filhos Amona Jinlè, Madara, Moran Agbára, com muito amor e gratidão, pelo apoio e tolerância, em vista da distância e dos quase cinco anos em que passei a maior parte do tempo fora para desenvolver esta pesquisa.

À Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Zilda Gricoli Iokoi, uma das principais responsáveis pela criação do Núcleo de Estudos Diversitas/FFLCH/USP, pela amizade e apoio aos trabalhos, principalmente sua participação na banca, muito me honra. Foi inspiradora sua participação neste processo da pesquisa e de estadia aqui em São Paulo. Sempre guerreira!

Agradeço ao Professor Dr<sup>º</sup> Sergio Bairon Blanco Sant'Anna, coordenador do Diversitas/FFLCH/USP o apoio que recebi nos trabalhos neste tempo do doutoramento, por sua sensibilidade, valorização em prol das Culturas, das Humanidades e por sua amizade.

Agradeço imensamente ao professor Dr<sup>º</sup> Edvaldo Sapia Gonçalves UEM/Maringá/PR, sinto-me honrada com sua participação na banca e contribuição a esta tese. Agradeço pela valorização das culturas e pelo apoio a pesquisa. Sou grata à sua querida esposa Dora Gonçalves e seus filhos.

Agradeço à professora Dr<sup>ª</sup> Eliane Hojaj Gouveia PUC/SP, sinto-me honrada com sua participação na banca. É um grande prazer ter sua contribuição nesta tese.

Aos Professores com quem convivi aqui na USP, pela amizade e pelo aprendizado, Maurício Cardoso, Eucenir Fredini Rocha, Sandra Nunes, Vagner Gonçalves da Silva, Antonio Ribeiro, Paulo Daniel Elias Farah.

Agradeço a Ana Cecília Nogueira pela amizade e pelas importantes discussões e contribuições à pesquisa.

Aos meus queridos pais Antonio Andreilino Mascarin e Isaura Colucci Mascarin, aos meus irmãos e sobrinhos, sempre apoiando e torcendo pelo nosso êxito.

Agradeço aos queridos amigos Eduardo Pimenta e sua esposa Rose Pimenta e seus filhos, a amizade, apoio aos trabalhos e por ter me acolhido em sua casa nos primeiros dias em que cheguei em São Paulo. Foi fundamental este acolhimento até que eu conseguisse moradia no alojamento do CRUSP.

Agradeço a amizade de Ana Amélia Chaves Teixeira pela convivência, pela amizade. Boas lembranças e um laço de amizade que segue.

Agradeço os laços de amizade de Ana Lúcia Camargo, Mariana Vieira, Sebastião Antunes Filho, César Rocha Lima, Jair de Almeida Junior, Felipe Neri, Glauber, do grupo GAIA/USP, pelo companheirismo e contribuições à pesquisa.

Agradeço imensamente a convivência agradabilíssima das amigas Sara Bibi Taju, Kellys Rodio Saucedo, Sandra Maria Glória da Silva, Camila Cristina Ximenes e Priscila Cevada.

Agradeço ao Amigo Isidro Sanene, ao Projeto Raízes de São Paulo, e a Globo Dikulo de Luanda, que nos possibilitou participar com nosso trabalho no II Intercâmbio Cultural em Angola/África.

Agradeço aos funcionários do Diversitas Teresa Teles, Felipe Sartori e Patrícia Galvão, pela convivência e competência, sempre prestativos.

À Assistente Social da USP Lucimara Troiano pela atenção, sempre afetuosa e competente nos assuntos da moradia, no tempo que estive no CRUSP.

Aos funcionários do CRUSP, pela atenção e cuidados.

À CAPES pelo financiamento a esta pesquisa: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Eu Ganza me encontro líder desta *cultura* seja onde for que existir o berço dela. A decisão de escrever e relatar sobre fatos desde o início, é minha, por que só eu poderia decidir. Dei autoridade inicial para escrever sobre vários apanhados e feitos da nossa *cultura* para Tereza de Fatima Mascarin, dar início a esta abertura. Muitos quem sabe vão escrever e outros também vão dar início. O primeiro eito dessas escritas, destes relatos principalmente da minha pessoa parte dela. Isso ninguém muda!

(GANZA, 09/10/2016)



## RESUMO

MASCARIN, T.F. **Cultura Ganza**: preparo de alimentos para o desenvolvimento mediúnico no Terreiro Senzala em Maringá Pr. 2020. 144 f. Tese (Doutorado em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades) - Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos – DIVERSITAS, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo 2020.

Trabalhar a relação do alimento não apenas no sentido de nutrir o organismo, mas, também nutrir o espírito num tempo em que o problema da fome é uma questão mundial, abre caminhos para se pensar o Ser Humano na sua relação com o alimento, abrangendo a materialidade e espiritualidade, buscando trazer o respeito à Vida em mais de uma dimensão. Neste sentido, é importante a abertura para o diálogo com os conhecimentos de diferentes culturas e suas crenças, possibilitando pensar a fome na sua relação entre corpo e espírito. Imbuídos deste pensamento e convicção, trazemos de maneira modesta a contribuição desta pesquisa, para se pensar o alimento preparado mediunicamente. Destarte, nosso objetivo é trazer por meio de trabalho etnográfico, nos utilizando da metodologia da descrição densa de Clifford Geertz (2008), algumas descrições sobre preparo de alimentos para o desenvolvimento mediúnico na Cultura Ganza. As abordagens foram feitas à partir dos próprios sujeitos pertencentes a esta *cultura*, formada há aproximadamente quatro mil anos e que continua viva no seu modo de ser, crer e viver. Ganza seu líder, pela primeira vez autorizou as escritas desta *cultura* de tradição oral. À vista disto, estamos trazendo alguns conhecimentos dentro do tema proposto para que tenhamos uma noção do preparo de alimentos e sua importância para o desenvolvimento das mediunidades de incorporação, *transporte* e clarividência. Desenvolvemos a pesquisa à partir de entrevistas, pesquisa participante e imagens coletadas no Terreiro Senzala em Maringá Paraná. Trouxemos à luz para este trabalho Amadou Hampâté Bâ e Joseph Ki-Zerbo, entre outros autores também de grande importância, como Mircea Elide, Marcel Mauss e Luís da Câmara Cascudo, para abordarmos interdisciplinarmente esta temática, de vertente antropológica e de raiz africana. Os alimentos preparados seguiram os objetivos e a necessidade do desenvolvimento mediúnico nas *diginas* das divindades que participaram dos preparos. Servindo também para a saúde espiritual e física. A escolha do alimento e como preparar mediunicamente, segue princípios da *cultura* desde sua formação no local das tumbas, mesmo com adaptações e algumas mudanças recentes dentro da *cultura*. A importância das divindades durante os preparos traz o retorno à ancestralidade e respeito com a natureza, interligando os

planos material e espiritual. Preparar o alimento trabalhando as mediunidades corrobora para que o médium se prepare para viver a *cultura* para si e adaptando-se ao meio social.

Palavras-chave: Cultura Ganza. Preparo de Alimentos. Desenvolvimento Mediúnico. Ancestralidade.

## ABSTRACT

MASCARIN, T.F. **Ganza Culture: food preparation for mediumistic development at Terreiro Senzala in Maringá PR.** 2020. 144 f. These (Doctorate in Humanities, Rights and Other Legitimacies) – Center for Studies on Diversities, Intolerances and Conflicts – DIVERSITAS, Faculty of Philosophy, Literature and Human Sciences, University of São Paulo. São Paulo, 2020.

Working on the relationship of food not only in order to nourish the organism, but also to nourish the spirit at a time when the problem of hunger is a worldwide issue, opens ways to think about the Human Being in his relationship with food, covering the materiality and spirituality, seeking to bring respect to Life in more than one dimension. In this sense, it is important to be opened to the dialogue with the knowledge of different cultures and their beliefs, making it possible to think about hunger in its relationship between body and spirit. Imbued with this thought and conviction, we bring in a modest way the contribution of this research, to think about the food prepared mediumistic. Thus, our goal is to bring through ethnographic work, using the methodology of the dense description of Clifford Geertz (2008), some descriptions about food preparation for mediumistic development in the Ganza Culture. The approaches were made based on the subjects from this *culture*, which was formed approximately four thousand years ago and that continues to live in its way of being, believing and living. Ganza its leader, for the first time authorized the writings of this *culture* of oral tradition. Therefore, we are bringing some knowledge within the proposed theme so that we can have a notion about food preparation and its importance for the development of mediumistic practices of *incorporation*, *transport* and *clairvoyance*. We developed the research through interviews, participant research and images collected at Terreiro Senzala in Maringá Paraná. We presented to this work Amadou Hampâté Bâ and Joseph Ki-Zerbo, among other authors of great importance, such as Mircea Elide, Marcel Mauss and Luís da Câmara Cascudo, to approach this thematic, of anthropological aspects and African roots, in an interdisciplinary way. The prepared foods followed the objectives and the need for mediumistic development in the *diginas* of the deities that participated in the preparations. Also serving for spiritual and physical health. The choice of food and how to prepare it in a mediumistic way, follows principles of *culture* since its formation at the tomb site, even with adaptations and some recent changes inside the culture. The importance of the deities during the preparations brings a return

to ancestry and respect for nature, interconnecting the material and spiritual planes. Preparing the food by working with the mediumship contributes to the medium to get prepared to live the *culture* for himself and get adapted to the social environment.

Keywords: Ganza Culture. Food Preparation. Mediumistic. Development. Ancestrality.

## **LISTA DE SIGLAS**

**ACCAMÊ**

Associação Cultural Capoeira Mandinga-ê

**CRUSP**

Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo

**GAIA**

Grupo de Antropologia e Interdisciplinaridade em Ambientes

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
 <b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>1.1 CLIFFORD GEERTZ: descrição e interpretação à partir da própria Cultura Ganza .....</b>	<b>21</b>
 <b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>2 CULTURA GANZA.....</b>	<b>27</b>
2.1 CULTURA GANZA: algumas abordagens e principais características.....	27
2.2 GANZA: breve trajetória da preparação de um líder.....	46
 <b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>3 HIEROFANIA, SIMBOLOGIA E ESPAÇO SAGRADO.....</b>	<b>55</b>
3.1 HIEROFANIA E SIMBOLOGIA: Mircea Eliade e desenvolvimento mediúnico na Cultura Ganza .....	55
3.2 TERREIRO SENZALA: importância das <i>pianas</i> .....	60
3.3 INÍCIO DA PREPARAÇÃO MEDIÚNICA: Primeiros passos.....	65
 <b>CAPÍTULO 4</b>	
<b>4 PREPARO DE ALIMENTOS PARA O DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO.....</b>	<b>75</b>
4.1 COMIDA, ALIMENTO E DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO NA CULTURA GANZA.....	75
4.2 PREPARANDO O ALIMENTO PARA AS ENTIDADES E O CORPO MEDIÚNICO PARA A INCORPORAÇÃO .....	79
4.3 <i>KIBÓ</i> , COMIDA PARA INTERLIGAÇÕES MEDIÚNICAS COM MAHLAGBÁ.....	88
4.4 <i>DANÇA DA COROA</i> E DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO.....	100
4.5 <i>BUBICINHA</i> : alimento para o escravo reprodutor e preparação mediúnica.....	115

4.6 <i>ÁGUA DE TONGO</i> : da senzala ao Terreiro Senzala.....	122
5 <b>CONCLUSÃO</b> .....	131
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	135
<b>REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS</b> .....	140
<b>ENTREVISTAS</b> .....	140
<b>IMAGENS</b> .....	141

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho insere-se na diversidade das crenças de matriz africana e das relações em Humanidades, trazendo a ancestralidade da Cultura Ganza para o trabalho com alimentos e mediunidade, num tempo, atualidade, em que a questão do alimento e da alimentação está sendo um dos assuntos preocupantes no mundo, pois, estão diretamente associados à sobrevivência não somente humana, mas, principalmente.

Neste sentido, estamos trazendo algumas abordagens que tratam da importância do preparo de alimentos para o desenvolvimento mediúnico na Cultura Ganza. Descrevemos a presença de divindades ancestrais para o preparo de alimentos, pois, elas ajudam no desenvolvimento mediúnico, na interligação do plano da espiritualidade com a materialidade.

Na *cultura* existe o respeito com a natureza, e o trabalho de desenvolvimento mediúnico demonstra que é preciso preservar a Vida em todos os sentidos e de todas as formas possíveis, para que possamos também nos respeitar como Seres Humanos, com capacidade e inteligência em prol da preservação de si e de seu *habitat*. Neste sentido, é na diversidade de crenças de um modo geral, que corroboram para um mundo que luta por humanidades e não por desumanidades, que estamos tentando contribuir com alguns conhecimentos que, por muito pouco que sejam, mantiveram esta *cultura* viva por três mil novecentos e setenta e nove anos, se adaptando a outras culturas, sem deixar de respeitar seus princípios e a Vida, interligando os planos material e espiritual. Em vista disto, consideramos importante trabalhar com este tema, também pelo fato de que, as crenças à partir de culturas são menos estudadas, se comparadas aos estudos das crenças religiosas. Neste sentido, esta pesquisa contribui com algumas abordagens e aspectos presentes nos conhecimentos sobre alimentos na espiritualidade e materialidade, com base em princípios, normas e conceitos formados à partir da Cultura Ganza.

Assim sendo, a transmissão dos conhecimentos sobre seu modo de ser, crer e viver sempre foram realizados por meio da tradição oral. Seu líder Ganza tomou a decisão e autorizou a escrita desta *cultura* pela primeira vez após milênios. Em vista desta decisão, estão sendo divulgados alguns conhecimentos àqueles que não pertencem à *cultura*, por meio principalmente de livros. A tradição oral continua existindo dentro da *cultura* independentemente das escritas, estas, estão trazendo conhecimentos que estão sendo transmitidos e compartilhados, de maneira que possam contribuir com a diversidade, no que diz respeito aos saberes que fazem parte da presença de culturas na sociedade da qual fazemos parte.



À vista disto, foi publicado o primeiro livro da *cultura* intitulado “Os Caminhos de Vento” e posteriormente o livro “Cultura Ganza” ambos de nossa autoria. Esta tese é o terceiro trabalho que estamos levando a público. Nos possibilitou apresentar, publicar e discutir o tema em vários eventos no Brasil, como por exemplo, no CERU/USP – Centro de Estudos Rurais e Urbanos da USP; ENECULT/UFBA – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador/Bahia; durante aula na disciplina Tópicos de Antropologia: Tolerância e Intolerância Religiosa, ministrado pela Professora e nossa orientadora Doutora Margarida Maria Moura. Na Espanha, respectivamente em dois mil e dezoito durante congressos nas cidades de Barcelona e Lherida, participamos do LASA – Latin American Studies in a Globalized World, e do Fórum Europeu de Administradores de la Educación em el Estado Español. Em dois mil e dezenove apresentamos o tema em vários locais de Luanda na África, durante o II Intercâmbio Cultural organizado pelo Projeto Raízes de São Paulo e a Globo Dikulo de Angola, incluindo os livros recentemente publicados, acima mencionados, lançados na União dos Escritores Angolanos e na Escola de Professores de Marconi. Também concedemos entrevista à TV de Angola – Programa Hora Quente -, entrevista à Rádio Cazenga, intervenção na Escola do I Ciclo do Ensino Secundário N°3042 “Angola Cuba”. Em dois mil e dezenove fomos convidados a publicar artigo de assunto desta tese na Academic Star – Journal of Modern Education Review de Nova York. Todos estes trabalhos no Brasil e no Exterior possibilitaram discussões e publicações que contribuiriam de diferentes formas para fortalecer e pensar esta tese no âmbito da abordagem cultural.

Portanto, existe muita responsabilidade para iniciar a transmissão de conhecimentos acerca desta *cultura*, em vista disto, houve empenho para que pudéssemos trabalhar esta temática de maneira bastante consciente, no sentido daquilo que estávamos levando e tendo de retorno, sobre as publicações e discussões realizadas nestes diferentes lugares, as quais, consideramos muito favoráveis. Assim sendo, outras pessoas pertencentes a esta *cultura* também escreverão com a permissão de Ganza, sobre aquilo que for de seu domínio de conhecimento.

Assim sendo, há mais de vinte anos conheci Ganza. Fui apresentada à ele por um médium que fazia desenvolvimento mediúnico na *cultura*. Na primeira reunião com Ganza falamos sobre desenvolvimento mediúnico e vida espiritual. À partir de então demos início aos trabalhos mediúnicos. A princípio não sabia sobre o líder desta *cultura*, fato que me foi revelado por ele posteriormente, à medida que os trabalhos com a mediunidade e as responsabilidades com a *cultura* avançavam. Há aproximadamente sete anos me interessei em desenvolver um

projeto de doutorado, demos início às entrevistas e coleta de material para a pesquisa, submetemos à seleção e aqui estamos. Portanto, o local de onde falo é de dentro da Cultura Ganza, tentando estabelecer limites e cuidados para não avançar além do permitido em relação aos conhecimentos que estamos transmitindo, ao mesmo tempo que, tentamos apresentar esta temática de maneira densa, com certa profundidade e clareza.

Portanto, tentar manter a posição entre pesquisador e aquele que fala do lugar de seu pertencimento, assim como, para outros pesquisadores que fazem pesquisa à partir do seu local de pertencimento, exige alguns cuidados especiais durante o trabalho. Por vezes estas posições se misturam nos pensamentos e nas ações, é preciso ter clareza do objetivo, dos limites e avanços em torno do tema proposto. Destarte, o propósito é trabalhar alguns conhecimentos da *cultura* de modo a não desrespeitar, deixar a desejar, ou extrapolar aquilo que deve ser escrito em relação à *cultura*.

Nosso objetivo neste trabalho é trazer a descrição e interpretação sobre a importância do preparo de alimentos para o desenvolvimento mediúnico à partir da Cultura Ganza, com base na descrição densa de Clifford Geertz (2008), de modo que possamos ter uma noção de como o conhecimento e a prática mediúnica acontece no Terreiro Senzala, que é o local onde foram feitas as coletas de material para a pesquisa. Nosso intuito com este trabalho é contribuir de maneira modesta, porém segura, com conhecimentos por meio da descrição e interpretação de algumas práticas realizadas durante o preparo de alimentos para o desenvolvimento mediúnico. Isto tem reflexos na vida do médium e na sociedade da qual fazemos parte.

Consideramos importante fazer alguns esclarecimentos específicos pertinentes a este trabalho. Assim sendo, para trabalhar a descrição densa utilizamos a categoria divindade para nos referir tanto aos deuses e deusas menores quanto às entidades, conjuntamente. A categoria entidade é denominação específica dos espíritos que não reencarnam mais e que pertencem a uma digna de um dos deuses ou deusas menores. O médium precisa decodificar as mensagens que vem do plano espiritual trazidas pelas divindades à sua mediunidade. Para que isto aconteça o desenvolvimento mediúnico é imprescindível.

Neste sentido, trabalhamos as informações para esta pesquisa coletadas de várias entrevistas principalmente realizadas com Ganza, atual líder da *cultura*. Ele trouxe conhecimentos sobre a formação, princípios e objetivos, entre outros aspectos e características desta *cultura*, muitos dos quais trabalhamos nesta tese. Utilizamos também algumas entrevistas realizadas com médiuns do Terreiro Senzala. Nas transcrições aparecem apenas as iniciais dos nomes dos entrevistados. Nas figuras utilizadas neste trabalho, não identificamos as pessoas,

por isso elas aparecem com pouco semblante, mas, não afetam a visualização necessária para a descrição e compreensão dos assuntos que estão sendo trabalhados na tese. Estes detalhes foram acordados por Ganza e os médiuns que fazem desenvolvimento mediúnico e participaram da pesquisa.

Para não tornar a denominação Cultura Ganza repetitiva em função dos esclarecimentos e descrições neste trabalho, utilizamos a palavra *cultura*, em itálico, para nos referimos à Cultura Ganza, portanto, nem sempre aparece a denominação Cultura Ganza, e sim, apenas *cultura*, em itálico, ambas compreendem o mesmo significado.

Utilizamos bibliografia de autores de diferentes áreas do conhecimento para auxiliar nas descrições, interpretação e discussões. Entretanto, por ser trabalho de cunho etnográfico, a vertente antropológica está presente de maneira evidente.

Escolhemos trabalhar de modo que os assuntos dos capítulos fossem construídos e fluíssem paulatinamente à medida que novas informações acrescentadas dessem sustentação aos capítulos três e quatro, principalmente. Assim, o tema ganharia consistência e fundamentação à medida que as informações e as especificidades fossem sendo trabalhadas nos capítulos anteriores. Com isto, o primeiro e segundo capítulos são menores. Visamos realizar as abordagens de modo que pudessem ganhar maior sentido e fluidez à medida que as descrições e as interpretações fossem ganhando sentido. Em vista disto, em relação às divindades, as menções foram sendo feitas à medida que, na descrição e interpretação suas presenças eram manifestadas no trabalho mediúnico e no preparo dos alimentos.

Assim fazendo, no capítulo um trabalhamos o eixo teórico metodológico que sustenta a tese, qual seja, a descrição densa a partir do entendimento de Clifford Geertz, mencionado anteriormente. Esta escolha deveu-se a preocupação em apresentar o tema desta pesquisa de maneira que os assuntos tratados pudessem ser descritos a partir da interpretação dos próprios sujeitos pertencentes à Cultura Ganza. Principalmente por se tratar de tema que está sendo pesquisado pela primeira vez, consideramos necessário que fosse conhecido e trabalhado “de dentro para fora”. Estes motivos nos levaram a optar por trabalhar com base na metodologia da descrição densa.

No capítulo dois, em específico no primeiro subitem escolhemos trabalhar com autores africanos, principalmente, isto, deveu-se ao fato de tentar transmitir as interpretações sobre a *cultura* o mais próximo possível do entendimento que a própria *cultura* tem de si mesma. Buscando manter o pensamento não ocidental, portanto, indo ao encontro da formação da *cultura* há milênios no continente africano. Deste modo, trabalhamos a tradição oral à maneira

da tradição africana, cujo sentido está onde a *cultura* tem sua raiz. Assim sendo, Amadou Hampâté Bâ, Joseph Ki-Zerbo, Amadou Mahtar M'Bow, são alguns dos autores escolhidos para contribuir com esta tese. Neste capítulo, foram trabalhadas a formação da *cultura*, a descrição das tumbas, a preparação dos guerreiros e das guerreiras para a concepção nas tumbas, a formação da língua e a presença de algumas divindades da *cultura*. Para sabermos sobre a fonte das informações da *cultura*, trouxemos no segundo subitem uma breve história de Ganza, líder desta *cultura* e tutor do Terreiro Senzala, responsável pela transmissão destes conhecimentos.

No capítulo três trabalhamos primeiramente o campo sagrado interligado à mediunidade e espiritualidade da Cultura Ganza, incluindo algumas imagens. Trouxemos para esta abordagem Mircea Eliade. Este autor traz interpretações que corroboram para o entendimento acerca do campo sagrado na forma como a mediunidade interligada à sacralidade é vista na *cultura*. Assim sendo, as hierofanias, ou seja, as manifestações das divindades acontecem para o médium. Este, precisa se preparar espiritualmente e faz parte do desenvolvimento descodificar sua mediunidade. Na sequência descrevemos o Terreiro Senzala, um breve histórico e a importância das *pianas*. Estas são de suma importância, imprescindíveis enquanto local onde são realizados os trabalhos mediúnicos cotidianos, incluindo a preparação e oferecimento dos alimentos. Sendo portanto um espaço sagrado. Na sequência trabalhamos com algumas entrevistas de médiuns do Terreiro Senzala, trazendo algumas de suas experiências de desenvolvimento mediúnico na Cultura Ganza.

No quarto e último capítulo, descrevemos alguns preparos de alimentos realizados por médiuns e a importância para o desenvolvimento mediúnico. Em que o tutor acompanha cada detalhe do preparo do alimento e do desenvolvimento mediúnico. Trabalhamos este capítulo nos utilizando de várias imagens dos diferentes preparos e suas descrições. A descodificação das mensagens mediúnicas foram abordadas de maneira que não ultrapassasse os limites a serem respeitados do trabalho do médium, descritos e interpretados, isto também segue em respeito aos princípios da *cultura*. Descrevemos neste capítulo alguns preparos de alimentos que foram elaborados por antepassados da *cultura* no período da escravidão, diante a necessidade de sobrevivência e como estratégia na senzala pertencente a casa grande. Após este período, estes alimentos por eles elaborados, continuaram sendo preparados na *cultura* com o objetivo de manter a saúde física e trabalhar o desenvolvimento mediúnico. Destarte, para desenvolver a descrição densa deste último capítulo, trabalhamos com autores tais como, Luís da Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, Mircea Eliade e Maria Odete Vasconcelos.

Deste modo, cada capítulo foi trabalhado trazendo a importância da Cultura Ganza desde a sua formação, alguns princípios e modo de ser, crer e viver, que continuam presentes de maneira intensa para aqueles que pertencem a esta *cultura*. Todos estes conhecimentos e a sua prática objetivam apaziguar. Isto acontece por meio da busca espiritual do médium para viver o cotidiano. Em suma, trabalhar a importância do preparo de alimentos para o desenvolvimento mediúnico nesta tese, é um modo de manifestar a riqueza desta *cultura*, e que assim também, outras culturas possam se manifestar, de maneira intensa com seus conhecimentos e contribuir com a nossa sociedade e a diversidade.

## CAPÍTULO 1

### 1.1 CLIFFORD GEERTZ: descrição e interpretação à partir da própria Cultura Ganza

O eixo teórico metodológico desta tese, ou seja, a espinha dorsal deste “corpo” que está sendo formado, baseia-se no conceito semiótico de cultura de Clifford Geertz, da sua obra *A Interpretação das Culturas* (2008). Para este autor, a cultura deve ser vista e interpretada a partir de seus próprios sujeitos.

O conceito de cultura que eu defendo, [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 2008, p. 04, grifo nosso).

Clifford Geertz desenvolve o conceito semiótico de cultura e trabalha a importância das interpretações à partir da maneira como as culturas entendem e interpretam a si mesmas. De modo geral, consideramos extremamente importante trazer estes conhecimentos à partir deste entendimento. Deixar de lado os pré-conceitos em busca da interpretação do modo de ser, crer e viver dos sujeitos que pertencem a determinada cultura. Neste sentido, Geertz lança o desafio: é preciso descobrir o acesso a estas interpretações.

Pode-se movimentar por entre as formas em busca de unidades maiores ou contrastes informativos. Pode-se até comparar formas de diferentes culturas a fim de definir-lhes o caráter para um auxílio mútuo. Entretanto, qualquer que seja o nível em que se atua, e por mais intrincado que seja, o princípio orientador é o mesmo: as sociedades, como as vidas, contêm suas próprias interpretações. É preciso apenas descobrir o acesso a elas. (GEERTZ, 2008, p. 213, grifo nosso).

Em vista deste desafio proposto por Geertz, em relação a descobrir o acesso às interpretações próprias das diferentes culturas, e que, para ele o princípio norteador é o mesmo: as sociedades como as vidas contêm suas próprias interpretações. A observação de um fato, de uma ação pode levar a diferentes significados se não conhecermos a interpretação à partir do sujeito da ação. Neste sentido, Geertz (2008, p. 5) apresenta alguns exemplos para desenvolver seu conceito semiótico de cultura, do qual, extraímos um deles para explicar como isto acontece.

Geertz exemplifica com a discussão de Ryle sobre “descrição densa”, em que, três garotos dão piscadelas com o olho direito. Entretanto, o primeiro deles está contraindo as pálpebras num tique involuntário; o segundo garoto dá uma piscadela conspiratória a um amigo e o terceiro garoto imita o primeiro para divertir seus amigos. Existe para cada gesto dos três garotos um sentido que diferencia uma piscadela da outra. Ademais o terceiro garoto, segundo Ryle, pode até na dúvida sobre sua capacidade de mímica ensaiar em frente ao espelho, neste caso, ele seria um ensaiador para sua farsa. Ou seja, o mesmo gesto com diferentes significados. Os movimentos das pálpebras dos dois primeiros garotos são idênticos, contudo, numa observação fenomenalista, segundo Ryle, *não se pode dizer qual é a piscadela e qual é o tique nervoso*. Entre a “descrição superficial”, contrair rapidamente a pálpebra direita, e a “descrição densa”, praticar a farsa imitando uma piscadela com o objetivo de levar um inocente a pensar que existe uma conspiração, está, segundo Geertz o objeto da etnografia. Faz parte de

[...] uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos das quais os tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações, os ensaios das imitações são produzidos, percebidos e interpretados, e sem as quais eles de fato não existiriam (nem mesmo as formas zero de tiques nervosos as quais, como *categoria cultural* são tanto não-piscadelas como as piscadelas são não-tiques), não importa o que alguém fizesse ou não com sua própria pálpebra. (GEERTZ, 2008, p. 05, grifo nosso).

Portanto, a hierarquia estratificada de estruturas significantes, em outras palavras, aquilo que foi aprendido e apreendido pelos sujeitos no seu contexto social é que vai trazer o significado da ação. Deste modo, a descrição superficial não alcança os significados da ação, ela apenas descreve a ação dos sujeitos. A descrição densa consegue trazer o significado da ação, pois, procura trabalhar a hierarquia estratificada de estruturas significantes, ou seja, qual é a ação e o que ela significa para os sujeitos num determinado contexto social do qual fazem parte, à partir do sentido empregado à ação.

Em vista desta escolha que possibilita trabalhar no sentido de explorar as ações da Cultura Ganza à partir de suas próprias interpretações, utilizando o conceito semiótico de cultura de Geertz, definimos o eixo teórico-metodológica do nosso trabalho, buscando inserir neste eixo a interdisciplinaridade, por meio de obras de autores de diferentes áreas do conhecimento para desenvolver o material coletado durante a pesquisa. Neste sentido, estamos trazendo as interpretações sobre a importância do preparo de alimentos para o desenvolvimento mediúnico a partir do entendimento desta própria *cultura*. A pesquisa etnográfica nos possibilitou fazer a descrição dos trabalhos de preparo de alimentos para o desenvolvimento

mediúnico, que foram interpretados principalmente à partir narrativas de Ganza, líder da Cultura Ganza e seu maior representante. Paralelamente foram inseridos trabalhos de autores que pudessem contribuir com a descrição e as interpretações durante o desenvolvimento da tese.

Como sujeito pertencente a esta *cultura*, houve esforço no sentido de trazer informações para a descrição densa com detalhes e informações que pessoas não pertencentes à mesma, poderiam não ter acesso. Destarte, nossa preocupação é trazer uma noção, à partir do tema proposto, sobre o modo como a *cultura* pensa, vive e crê. Neste sentido, fizemos uso também de algumas entrevistas com médiuns em desenvolvimento, bem como, observação dos trabalhos espirituais que realizamos no terreiro em tela. Devido ao fato dos assuntos referentes à *cultura* estarem sendo trazidos a público pela primeira vez, estas narrativas são imprescindíveis e importantes para este trabalho. Por estes motivos escolhemos a teoria interpretativa de Geertz para servir de pilar para o desenvolvimento do tema proposto, que é, fazer a interpretação daquilo que estamos apresentando da Cultura Ganza à partir dos seus próprios sujeitos.

É importante salientar que o conhecimento sobre esta *cultura* é transmitido pela oralidade, sendo ensinada a prática da mediunidade durante o desenvolvimento do médium. Em vista disto, é necessário conhecer características e peculiaridades sobre a Cultura Ganza, instituídos durante o período da sua formação há aproximadamente quase quatro mil anos, os quais, estão sendo mantidos até os dias atuais. As informações trazidas por meio da descrição densa corroboram para a compreensão do modo de ser, crer e viver desta *cultura*, que está viva por meio de sua prática e crença. Portanto, é importante conhecer a descrição de forma densa, semiótica, sobre a *cultura*. Isto corrobora para entendermos a hierarquia estratificada de estruturas significantes, ou seja, possibilita conhecer e interpretar a descrição do preparo de alimentos para o desenvolvimento mediúnico pela própria *cultura*. Sendo extensivo, o fato desta exercer um papel importante na sociedade da qual seus membros participam. Os sujeitos pertencentes à ela são médiuns que se preparam para trabalho mediúnico junto à comunidade após o término de seu desenvolvimento.

Destarte, entender a importância do desenvolvimento mediúnico é também estabelecer uma conexão entre a *cultura* na vida do sujeito, médium, e da comunidade não pertencente à mesma. De pessoas que buscam auxílio para questões espirituais e alguns problemas de saúde. Tudo isto faz parte do sentido e da prática do apaziguamento, que a *cultura* procura manter.

Em vista disto, a contribuição deste trabalho é trazer para o campo do conhecimento das diversidades e Humanidades, informações e possibilidades para se pensar as culturas como meios de interação social e as crenças delas resultantes. Neste sentido, acreditamos assim como



Geertz, no conceito semiótico de cultura, o qual, pode vir a contribuir para pensar possibilidades de “outras respostas”, a determinadas questões relativas àquilo que foi dito de outras maneiras, valorizando assim, o conhecimento à partir das culturas.

A vocação essencial da antropologia interpretativa não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que outros deram — apascentando outros carneiros em outros vales — e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que o homem falou. (GEERTZ, 2008, p. 21).

Em suma, a descrição densa de Geertz, em que o conceito semiótico de cultura está arraigado de maneira determinante, possibilitou trabalhar a importância do preparo de alimentos para o desenvolvimento mediúnico na Cultura Ganza, com maior fidedignidade. Destarte, nosso esforço seguiu no sentido de tornar as descrições e interpretações claras e objetivas, mesmo em vista da subjetividade existente e que não pode ser negligenciada devido ao fato de interligar o plano material ao espiritual, respeitando os limites daquilo que pôde ou não ser divulgado sobre esta *cultura*. Atentando também, diante estas preocupações à consideração de que, cada médium é singular, portanto o desenvolvimento é específico conforme sua mediunidade.

Assim sendo, a interpretação do preparo do alimento por cada médium, mesmo que contendo algumas semelhanças em relação ao preparo por outro médium, é rica de informações sobre as particularidades de cada um. O tipo de mediunidade pode ser o mesmo, seja incorporação, transporte, clarividência, psicografia, sensibilidade olfativa, ou, clariaudiência<sup>1</sup>, no entanto, cada médium tem características mediúnicas que lhe são próprias, fazem parte do potencial mediúnico e das vivências cotidianas. As divindades que interligam o plano espiritual ao material e vice-versa, são entregues pelo tutor espiritual ao médium respeitando certas características da mediunidade de cada um, estas, paulatinamente se manifestam de forma a se tornar mais acentuada com o desenvolvimento. O tempo do desenvolvimento mediúnico varia para cada médium, em conta destes fatores e suas particularidades.

Em vista das abordagens evidenciadas sobre o tema em tela, portanto, lançamos mão da metodologia da descrição densa, também pelo fato de estar trazendo a público esta temática pela primeira vez, sendo necessário que as práticas e os conhecimentos sejam apresentados de

---

<sup>1</sup> Trataremos sobre alguns tipos destas mediunidade no decorrer da tese.

forma detalhada e com maior clareza possível. Assim, esta etnografia nos ajuda a ter uma noção do desenvolvimento mediúnico e a importância do preparo de alimentos nesta *cultura*.

O ponto a enfatizar agora é somente que a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato — a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados — é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplicadas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. (GEERTZ, 2008, p. 7).

Seguindo por este caminho, para apreender os conhecimentos de uma cultura temos que ter em mente que,

[...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível — isto é, descritos com densidade.” (GEERTZ, 2008, p. 10).

Neste sentido, descrevemos algumas práticas e a formação da Cultura Ganza, os principais fundamentos instituídos à partir da busca de conhecimentos realizados pelos guerreiros e guerreiras que buscavam comprovar resultados da sua crença. A conclusão destes resultados definiu o que faria parte da *cultura* no período de sua formação no local das tumbas<sup>2</sup>. À partir de então, há aproximadamente quatro mil anos a Cultura Ganza tem procurado manter seu modo de ser, crer e viver. Muito destes conhecimentos tem sido vivenciados no Terreiro Senzala e parte deles estamos trazendo a conhecimento por meio deste trabalho.

No campo da mediunidade e espiritualidade a importância do preparo de alimentos para o desenvolvimento mediúnico ocorre por meio do encontro entre o médium e a divindade, cuja preparação do alimento se torna um dos elos dentro da *cultura*. São feitas interligações que contribuem para potencializar a capacidade mediúnica, a qual, transcende da matéria para o plano da espiritualidade. Para interligar o plano material e espiritual, os ancestrais desta *cultura* são convidados a participar do preparo de alimentos. O termo “ancestrais” é uma categoria dentro da Cultura Ganza que possui duas significações, uma delas refere-se às divindades do plano espiritual, são os deuses e deusas menores e as entidades propriamente ditas<sup>3</sup>. Também refere-se a ancestralidade no sentido de todos os guerreiros e guerreiras que compartilharam

---

<sup>2</sup> Ver capítulo dois.

<sup>3</sup> Trataremos desse assunto nos capítulos seguintes.

seus conhecimentos e participaram das concepções para os nascimentos dos guerreiros e guerreiras nas tumbas, bem como, são todos os guerreiros e guerreiras que pertenceram à cultura no passado após a formação da *cultura* no local das tumbas. Dizemos portanto, que estes são os antepassados da *cultura*. Diante a descrição e o contexto descritos na presente tese, o sentido do termo “ancestrais” estará claro e condizente com o seu significado.

Assim portanto, trabalhar segundo Geertz (2008) a descrição densa, a interpretação à partir dos sujeitos que pertencem a Cultura Ganza, possibilitou-nos trazer a público mesmo que seja dentro de alguns limites do conhecimento sobre a *cultura* àqueles que não pertencem à ela, um pouco do seu modo de ser, crer e viver, cujo objetivo é apaziguar. Uma destas maneiras é por meio do preparo de alimentos realizado com o trabalho mediúnico.

Uma vez que se liga ao comportamento cotidiano do homem e da comunidade, a “cultura” africana não é, portanto, algo abstrato que possa ser isolado da vida. Ela envolve uma visão particular do mundo, ou, melhor dizendo, uma *presença* particular no mundo – um mundo concebido como um Todo onde todas as coisas se religam e interagem. (HAMPÁTÉ BÂ, 2010, p. 169).

## 2. CULTURA GANZA

### 2.1 CULTURA GANZA: algumas abordagens e principais características

As narrativas de Ganza líder da Cultura Ganza, nos aproxima das várias formas que nos possibilita percebermos como esta *cultura* pensa e vive. Como participa da sociedade com seus conhecimentos, enquanto uma *cultura* que valoriza a ancestralidade, ao mesmo tempo que, procura se adaptar à realidade onde ela está presente. É importante que conheçamos um pouco desta *cultura* para entendermos alguns detalhes presentes na espiritualidade e materialidade do preparo de alimentos que descrevemos.

Ganza afirma:

Muitas comidas e hábitos relatados, às vezes, se começa por estar convivendo na sociedade e quando entra em um certo recinto, vive-se uma *cultura* intensa. Sim. Somos preparados para nos adaptar em qualquer situação. Sem precisar infringir os nossos princípios, a nossa forma de pensamento. O pouco que uma pessoa receba do trabalho espiritual, esse trabalho, esse recurso de remédio para algum tipo de tratamento... Não tem como receber sem receber alguma coisa da *cultura*. Quer dizer, estamos inseridos na sociedade, vivemos nela, mas não a obedecemos. Nós obedecemos as leis, as normas governamentais. Nada nosso infringe uma lei. A não ser a lei da própria pessoa. Mas, o que comemos, o que fazemos, fora aquela parte que temos que dar para o social, isso, nós não abrimos mão... não falamos nomes, de preferência não damos endereço, mas, todas as coisas, que todos fizeram, e me acompanharam como líder, e participaram em algum momento, eu tenho certeza absoluta que foi benéfico, como aprendizagem e ligação espiritual, ou pela saúde. Às vezes não é tudo que se ouve falar, não é tudo que os olhos vêem, que é verdade. Às vezes, aquilo que está oculto é a verdade, o alimento principalmente, tanto ligado às entidades, aos deuses menores, a nós... são coisas reais. (GANZA, 28 dez. 2015).

Em relação ao mundo convencional e espiritual, Ganza declara:

Para falar dessa temática, que a gente vive num mundo espiritual sem separar do mundo convencional, da realidade... Minha *cultura* vive as coisas que estão aí. A minha *cultura* não ensina fugir da realidade, nós vivemos com ela, e, eu sabia das minhas questões, sabia que a gente não podia nem divulgar o número, a quantidade que existe [de guerreiros e guerreiras da *cultura*], porque nós não sabemos. (GANZA, 28 dez. 2015).

A Cultura Ganza tem seu próprio modo de ser, crer e viver, é o que estamos trazendo para esta tese dentro daquilo que é possível e permitido, em vista do tema proposto. Destarte, apresentamos as principais características que faz dela uma *cultura* apaziguadora, que se adapta ao meio social e cultural. O intuito neste momento é trazer algumas abordagens para que tenhamos uma noção da sua formação, também conheçamos um pouco sobre os guerreiros e guerreiras que unificaram seus conhecimentos e vivenciaram a espiritualidade, interligando por meio das mediunidades e da ancestralidade, aquilo que era necessário. É assim que esta *cultura* continua vivendo nos dias atuais. Neste sentido, “Nada na nossa cultura... nada é desligado, o alimento é ligado na mediunidade, a mediunidade no nômade, e assim, por exemplo, a dança, a roupa, tudo que nós fazemos, vai estar interligado de um povo para outro.” (GANZA, 13 mai. 2016). Assim sendo, por meio das mediunidades são feitas interligações com as divindades e com os elementos da natureza, que por sua vez o médium paulatinamente vai interligando com aquilo que considerar importante para sua vida cotidiana. Tudo isto, depende do nível mediúnico e dos trabalhos de desenvolvimento das mediunidades. Este processo ajuda a apaziguar, pois, para apaziguar é preciso que haja comprometimento e atitudes perante si mesmo e perante a sociedade. Em suma, deve haver comprometimento e razão para algumas lutas, não existe paz sem luta.

Outra das principais características desta *cultura* é ser nômade. Depois do médium estar desenvolvido dentro das potencialidades mediúnicas e daquilo que conseguiu praticar e conhecer, tem liberdade para decidir como viver a *cultura*. Se quer formar suas “nações”, ou seja, ter seus filhos e ensinar a *cultura*, ou viver a *cultura* por onde passar realizando suas atividades. “Nação” é uma categoria interna a Cultura Ganza, significa cada filho ou filha nascidos dentro da *cultura*. Cada “nação” já nasce nômade, por ter seu pertencimento a este povo nômade formado no local das tumbas. Destarte, não fica obrigado a permanecer junto de sua família. Depois de um certo tempo de preparação, pode seguir sua jornada, dispõe de liberdade para escolher como quer viver a *cultura*. Não quer dizer que precise deixar o eito da sua família, por ser nômade. Também, o fato de pertencer a *cultura*, não fica obrigado a se identificar um para o outro. Não existe este compromisso! O tutor ou tutora se reúne com o grupo periodicamente para falar da *cultura* e do desenvolvimento mediúnico. Alguns mantêm

trabalhos com a *cultura* em grupo, é uma escolha. Este compromisso é feito por aqueles que assumem esta obrigação. Depois de concluir os trabalhos de desenvolvimento, o compromisso termina e seguem suas vidas, sua profissão, continuam adaptando-se ao cotidiano e praticando o que foi aprendido durante o desenvolvimento mediúnico, neste momento podem decidir suas obrigações. Deste modo, tudo vai sendo interligado à *cultura*.

Ganza define: *a pessoa é a cultura*.

Religião eu posso ter a hora que eu quiser e quantas eu quiser, agora uma *cultura* “assentada”, que essa *cultura* dita o rumo da minha vida, [...] ela tem que ser muito mais... eu tenho que saber o que ela me dá, o que ela me propõe, mas eu não dependo para seguir um caminho de todos, como iguais. Ninguém fala pra mim o que muitas vezes fala pra os outros. Eu sou singular, perante a minha, e na minha forma de pensar, na minha forma de ser, mas tudo que é aquilo que parte de mim, para fora, eu tenho que respeitar, princípios, de quem não vive como eu, ou de quem vive como eu. Na religião, se julga por ela, tem gente que mata por ela, e tem gente que vive por ela. Na cultura não, você é a cultura, não existe essa separação. Não temos que dar nomes, não temos que fazer referência de endereço, temos a própria forma de expressar, se nós não queremos [identificação] dentro do mundo social onde a gente vive, nós vamos falar numa língua única [da *cultura*]. (GANZA, 01 de fev. 2016, grifo nosso).

Portanto, o sujeito não separa o que ele é daquilo que ele faz. A sua condição mediúnica e sua preparação espiritual lhe permite “ser” a *cultura*. O preparo de alimentos possibilita que tenhamos uma noção de como isto acontece dentro da *cultura*.

Assim, esta *cultura* sobrevive ao tempo, aproximadamente quatro mil anos e está viva sem perder sua ancestralidade. Por meio do trabalho mediúnico interliga o plano material ao espiritual e o espiritual ao material. De modo geral, os trabalhos espirituais tem suas características, utiliza simbologias, noções de sagrado, profano, e divindades.

Diante o exposto, trabalhar de “dentro para fora”, buscando o modo de ver e interpretar a *cultura* à partir de Geertz (2008), nos possibilita entender as atividades mediúnicas e suas interligações com os alimentos, com a ancestralidade e os elementos da natureza pela sua prática. Neste sentido, a contribuição deste autor para este trabalho é significativa.

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, p. 4, 2008).

Assim sendo, para Geertz, o homem tece suas teias de significados e amarra-se à elas, a cultura para ele é este todo e sua análise. Nós nos utilizamos deste conceito de cultura e adentramos o mundo da Cultura Ganza com a descrição densa e a interpretação à partir de seus próprios sujeitos. Desta maneira podemos trazer algumas informações que nos permitam conhecer e termos noção sobre sua formação, algumas das principais características e peculiaridades, necessárias para o entendimento da descrição e da interpretação do preparo de alimentos para o desenvolvimento mediúnico.

Desde o início da formação aos atuais dias, todo conhecimento sobre a Cultura Ganza, e os ensinamentos para a prática dos trabalhos mediúnicos seguem a tradição oral. Como dito anteriormente, esta é uma das suas principais características. Neste sentido, trazemos à luz Amadou Hampaté Bâ, para explicitar sobre o significado da tradição oral africana:

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apóie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África. (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 167, grifo nosso).

É nesta perspectiva da tradição oral africana de Hampaté Bâ que trazemos o sentido das narrativas orais do líder Ganza.

Os conhecimentos da Cultura Ganza sempre foram transmitidos desta forma: de boca a ouvido, de mestre (tutor) a discípulos (guerreiros e guerreiras - médiuns) nestes milênios.

Assim, as narrativas de Ganza, fazem parte do testemunho dos ancestrais desta *cultura*, e vale lembrar que na África, a transmissão de narrativas orais é extremamente importante, é a “tradição viva” (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 167). Em vista desta importante fonte de conhecimento, herança trazida da África para o Brasil pelos escravizados, não podemos pensar o modo de conceber a tradição africana, sem respeitar este modo de transmissão de conhecimento.

Entre as nações modernas, onde a escrita tem precedência sobre a oralidade, onde o livro constitui o principal veículo da herança cultural, durante muito tempo julgou-se que povos sem escrita eram povos sem cultura. Felizmente, esse conceito infundado começou a desmoronar após as duas últimas guerras, graças ao notável trabalho realizado por alguns dos grandes etnólogos do mundo inteiro. (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 167-168).

Deste modo, “O que se encontra por detrás do testemunho, portanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia da transmissão da qual ele faz parte, a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade.” (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 168). Em suma, a transmissão da tradição oral dentro da *cultura*, mantida pelos ancestrais e pelo atual líder Ganza é rica de conteúdo e conhecimento, ela viveu e sobreviveu sem a escrita até o momento, início do século XXI. Estão sendo feitos registros de alguns conhecimentos, apenas aqueles que serão permitidos escrever. Neste sentido, trazemos à luz as palavras de Tierno Bokar, sobre a valorização do saber:

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente. (TIERNO BOKAR, s/d apud HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 167).

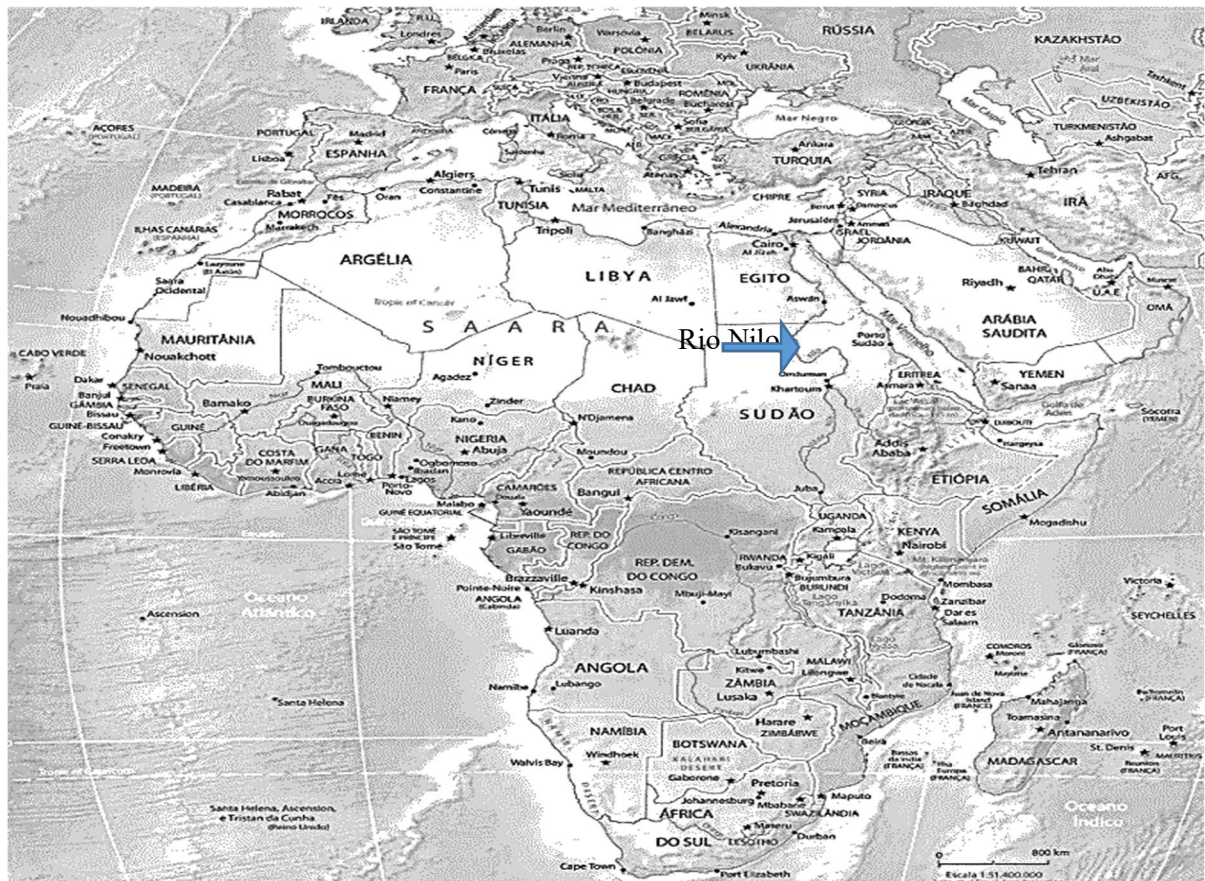
Assim sendo, a herança ancestral desta *cultura* narrados por Ganza, os conhecimentos transmitidos às gerações que pertencem a Cultura Ganza continuarão sendo mantidos por meio de narrativas orais, às gerações que se sucedem onde ela existir, este é um dos princípios e uma das características dentro da *cultura*. Coube a Ganza decidir entre escrever ou não, tornando-a pública, pois, até há pouco tempo, final do século XX isto não era permitido. O que não quer dizer que os ensinamentos deixarão de ser realizados pelas narrativas orais, portanto, a tradição continuará sendo mantida. As escritas serão sobre alguns assuntos que possam ser ditos, sem que estes, ultrapassem certos limites da transmissão de conhecimentos sobre esta *cultura*. As escritas servirão para agregar conhecimento e dar abertura sobre aquilo que for permitido escrever, àqueles que não pertencem à ela.

Assim sendo, segundo a tradição oral, Ganza recebeu a informação de seu avô Joaquim, que a Cultura Ganza foi formada ao norte do continente africano, próximo ao deserto do Saara, pelo lado que se aproxima da Arábia Saudita, perto de um grande rio que “corta a África”. Este termo foi utilizado tal qual aparece na entrevista realizada com Ganza. Interpretamos ser este grande rio que “corta a África” o Nilo. A terceira informação é: próximo ao chifre da África. Pela interpretação a partir destes dados, conjecturamos que a formação ocorreu no Egito, ou Sudão. Nas análises realizadas com Ganza não conseguimos precisar exatamente o local. São informações com certa amplitude diante o tempo, milênios, em que ela está sendo transmitida pelos ancestrais da *cultura*, e que chegou até nós por meio de Ganza. São extremamente



importantes, à partir destas informações conseguimos situar o local aproximado. Destarte, com base nestas informações, podemos visualizar no mapa infra, figura 1, à direita o Egito e abaixo dele o Sudão, cujo rio que aparece atravessando estes países e seguindo “cortando a África”, como consta na narrativa de Ganza, é o Rio Nilo. A Arábia Saudita está à direita, paralelamente ao Mar Vermelho. Na narrativa de Ganza consta, que o local da formação da Cultura também segue próximo ao Chifre da África, este está à direita do Sudão, em direção a Etiópia e a Somália. Conforme figura 1 infra. Contudo, a dedução de que seja, Egito ou Sudão, deve-se a constante afirmação da maior proximidade com a região norte do deserto do Saara.

Figura 1 – Mapa Físico da África.



Fonte: <http://www.guiageo.com/africa.htm>

Assim, há aproximadamente quatro mil anos, segundo Ganza, um jovem guerreiro nômade, que ficou conhecido como Chefe das Tumbas, formou uma *cultura* de guerreiros e guerreiras com conhecimentos unificados:

[...] apareceu um homem [...] na sua andança ele viu que existia confrontos por espaço, por melhor localização, quem tinha conhecimento, quem não

tinha, e tudo o que se fazia, tudo que se criava ou tinha fé, passava por briga por demanda para provar quem era maior que o outro. [...]. Então, esse homem apareceu, tendo facilidade para conversar os dialetos, as línguas de cada nação e levou uma conversação de paz, de não briga. Mas como? Se uma nação ainda tinha briga com outra. Algumas dessas nações aceitaram essa proposta, porque estavam geralmente em muitas brigas, e o povo morrendo, outros sendo escravizados, essas questões. [...] Ele teve uma ideia: unificar. Essa unificação teria que ser feita na matéria, homem, mulher e filhos. No sangue a mistura desse sangue, de uma nação para outra, e principalmente no espírito, através da ligação da prática e da fé. Então ele começou a fazer as viagens [...] e fez várias tumbas, e começou procurar as nações. [...] Demonstrando, conversando, pela experiência pelo argumento, ele era um guerreiro muito novo [...] trouxe de um lado aquele que dominava a caça. Então eles entravam na selva, tinham todo domínio de qualquer espécie de caça. O outro tinha domínio na água, o outro de guerra, o outro de feitiço. [...] foi uma coisa muito bem planejada. Segundo conta a história isso girou por quarenta e oito gerações da *cultura*, (a quadragésima geração foi o momento de deixar o local das tumbas) [...] as gerações começaram a sair. Aí se começou a ter o “fincamento” das questões espirituais, com o que se iria trabalhar depois de unificar tudo isso? Qual o tipo de guerra? Esse apaziguador, esse guerreiro vindo dessa geração, qual era a função dele? Para onde ele iria ou ficaria? Quem seria? (GANZA, 25 de jul. 2014).

E assim, para a formação da *cultura*, sob a orientação do Chefe das Tumbas foram sendo construídas várias tumbas, chegando a quarenta e nove. Olhando do alto e a certa distância, o formato era de um sextavado, formando um desenho de uma estrela de seis pontas. Este desenho se tornou o símbolo da *cultura*, conforme figura 2, subitem 3.1. Para entrar nas tumbas para a concepção de uma nova vida eram escolhidos pelo Chefe das Tumbas um casal entre guerreiras e guerreiros, para a “mistura” e a concepção.

Abaixo segue a descrição das tumbas.

A tumba era feita tipo um cone fechado, com oitenta por cento de altura, ela não fechava numa crista. Essa tumba era usada no passado para a concepção e a mistura entre guerreiros e guerreiras, em segredo, só um homem [chefe das Tumbas] sabia qual guerreira dormia com qual guerreiro. Essas tumbas eram construídas de modo que coubesse um casal deitado. Os esteios principais eram feitos com galhos um pouco mais grossos, de árvores que mediam aproximadamente três metros e meio de altura. Embaixo a circunferência totalizava sete passos. Os cipós e as fibras eram trançados entre os esteios dando sustentação às camadas de barro recobrando as paredes, que eram bem fechadas e totalmente escuras. O chão era de terra firme e feitas esteiras para deitarem. A ventilação entrava por meio de galhos ocos no meio, eram “tipo bambus”, que possibilitava a passagem do ar, de forma que entrasse bem pouca fresta da luz do sol lá no alto, assim, mantinha a tumba escura e garantia que o casal não pudesse ver um ao outro. Lá no alto das tumbas havia também duas aberturas pequenas, uma para o poente e outra para o nascente, as quais, poderiam ser abertas e fechadas, diante a necessidade do trabalho para o desenvolvimento mediúnico dos guerreiros e das guerreiras em momento posterior, para trabalhar suas mediunidades com o sol e com a lua, quando chegasse a ora. A pequena janela também era feita da mistura de cipó com

barro, eram feitas argolas de cipó que serviam como dobradiças bem justas. (GANZA, 04 ago. 2014).

Abaixo segue outra descrição narrada por Ganza, mostra a preparação feita para que os guerreiros e guerreiras pudessem entrar nas tumbas.

A guerreira que entrava na tumba com o guerreiro não sabia quem era o guerreiro, e o guerreiro não sabia quem era a guerreira. Nunca houve essa chance. Era passado bálsamo, óleos de plantas e de animais para que não sentissem o cheiro e se identificassem pelo cheiro. E se falassem, havia um ouvido para ouvir, ficava alguém próximo do lado de fora. A guerreira ficaria no máximo sete dias com o guerreiro em seu período fértil.

Os alimentos eram especialmente preparados para eles, enquanto estivessem lá dentro. Na comida era colocado um tipo de goma comestível, retirada de plantas. Esta goma diminuía quase totalmente a movimentação da língua, funcionava como um anestésico, e assim, a fala era prejudicada. Havia muito cuidado para não serem identificados. Havia também uma “presilha” feita de madeira, preparada de modo que não machucasse a língua e a boca, para impedir a fala, retiravam a presilha no momento da refeição. (GANZA, 04 ago. 2014).

Portanto, a concepção para os nascimentos dependia de toda uma preparação especial para unir os guerreiros e guerreiras dentro das tumbas. Eles faziam parte da formação da *cultura*. Esta preparação era feita pelo Chefe das Tumbas, ele escolhia o guerreiro que entraria na tumba com a guerreira, era respeitada a origem étnica e cultural de cada um. Assim, juntaria a matéria o sangue e o espírito. O Chefe das Tumbas preparava o guerreiro e a guerreira orientando como deveriam proceder com os preparativos para o corpo, bem como, o que deveriam fazer na espiritualidade. Isto, para a concepção de uma nova vida dentro daquelas tumbas, que também eram preparadas com ervas, raízes, enfim, produtos para trabalhar a espiritualidade e a concepção.

Na Cultura Ganza, o significado de tumba é o mesmo encontrado no Dicionário Houaiss e no Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Nestes, tumba, tem correlação com a morte. Para Antonio Cunha (2010, p. 656), tumba deriva do grego *týmbos* e do latim *tumba*, que significa pedra sepulcral, sepultura. Para Antônio Houaiss tumba é:

1 cova coberta por uma laje onde se enterram os mortos; sepultura, túmulo, sepulcro 2 construção de pedra mármore etc., sobre essa cova 3 câmara onde fica o sarcófago com os restos mortais de alguém, dentro do mausoléu, pirâmide ou em construção mortuária subterrânea. (HOUAISS, 2009, p. 1892).

No entanto, mesmo existindo na Cultura Ganza a correlação das tumbas com a morte, tumba também representa “vida”, que vem com a reencarnação, esta por sua vez, vem da morte. Este é o significado e o sentido de tumba dentro desta *cultura*. Em vista disto, e da importância atribuída ao seu significado dentro da *cultura*, construíram várias tumbas, que deveriam estar fechadas e escuras, permanecendo dentro delas guerreiros e guerreiras preparados para a concepção, para trazer vida, que viria da morte por meio da reencarnação.

Assim sendo, conforme mencionado acima, foram construídas quarenta e nove tumbas. Neste local formaram a Cultura Ganza, unificando a *cultura*, com conhecimentos trazidos por cada guerreiro e guerreira, compartilhados e vivenciados pela prática mediúnica, interligando o plano material ao espiritual e o espiritual ao material.

O mistério que faz parte da preparação das guerreiras e dos guerreiros, o Chefe das Tumbas revelou apenas a alguns de seus conselheiros, quando houve necessidade de ajuda, tendo em vista que o grupo se tornou maior. Depois de certo período, os nascimentos aconteciam entre os nascidos nas tumbas. Não havendo mais necessidade de fazer viagens em busca de guerreiros e guerreiras para as concepções. As aptidões e as mediunidades destes, eram confirmadas com o tempo, por meio de observações dos guerreiros e guerreiras diante a força e a habilidade daqueles que eram concebidos e nasciam nas tumbas.

A tumba era usada no passado para a concepção e a “mistura” entre guerreiros e guerreiras, em segredo, só um homem sabia qual guerreira dormia com qual guerreiro. O nível espiritual que estava sendo passado. Que tipo de guerreiros eram, de onde vinham, o que estava sendo misturado, que é a origem do nosso povo. Depois a tumba passou a servir para a preparação do guerreiro em si. O que é o guerreiro em si? Depois dessas misturas é que veio a preparação do que nós somos hoje. Essa tumba servia para preparação, para saber o que foi aprendido, em qual nível os guerreiros e as guerreiras estavam. De época em época mudava de tumba. Aqueles que já tinham uma espiritualidade elevada, que precisava só da parte física em si, que eram as lutas... aprender sobre as batalhas<sup>4</sup> ... e tudo... era traçado, ele já nascia e vivia, muitas vezes até morria vivendo naquela tumba. (GANZA, 04 de ago. 2014).

Deste modo, como assevera Ganza, as tumbas tinham um significado muito especial, eram sagradas para os guerreiros e guerreiras da *cultura*. Necessárias para a formação do povo da *cultura*, para os nascimentos e a preparação mediúnica.

---

<sup>4</sup> As batalhas se referem ao que o guerreiro ou a guerreira iria seguir fazendo mediunicamente dentro da *cultura*. Entretanto, existia também guerreiros e guerreiras preparados, especializados nas batalhas para o confronto físico, em que trabalhavam também sua mediunidade. (Nota da autora).

Com a unificação dos conhecimentos e a preparação dos trabalhos mediúnicos nas tumbas, é que foi possível dar continuidade à *cultura* quando deixaram o local das tumbas e se dispersaram.

O jovem nômade que ficou conhecido como “Chefe das Tumbas”, idealizou e formou esta cultura, reunindo guerreiros e guerreiras de diferentes povos, para isto, realizava viagens em várias regiões da África, por meio de barco, ou no lombo de algum animal, seja camelo, elefante, cavalo, entre outros meios de locomoção conforme a região visitada, que muitas vezes era bem longínqua, considerando o local onde estavam construídas as tumbas. Destarte, a formação teve início quando ele reuniu vinte e uma guerreiras e sete guerreiros, fazendo as primeiras “misturas” de nações africanas nas tumbas, a partir de vários grupos étnicos diferentes, iniciando a unificação e os primeiros nascimentos dentro da *cultura*, conforme mencionado.

Assim sendo, há aproximadamente quatro mil anos, na nossa contagem ocidental de doze meses que compõe o ano, foi formada a Cultura Ganza. Dentro da *cultura* este tempo é contado por gerações, ao todo são setecentas e cinquenta e oito gerações de existência desta *cultura*. Cada “geração” é contada pelo nascimento do guerreiro ou da guerreira, incluindo o nascimento de seu primeiro filho ou filha e o primeiro nascimento de sua neta ou neto. Esta contagem feita dentro da *cultura* é para se ter uma base aproximada do tempo equivalente de *uma geração da cultura*, que seria em torno de sessenta e três anos da idade de uma pessoa, para que ele comece a formar sua primeira geração. A menção a masculino e feminino é feita, pois, os nascimentos, seja do filho ou filha, tem sua importância independentemente do gênero. Portanto, não importa se o primeiro nascimento é da filha, do filho, ou outro gênero, não se leva em consideração uma preferência para o reconhecimento de uma geração. Foi assim no início da *cultura* e continua até os dias atuais.

Isto posto, depois de unificada a *cultura* à partir dos conhecimentos compartilhados por cada guerreiro e guerreira, com a prática mediúnica envolvendo conhecimentos, por exemplo, sobre plantas, águas, saúde, alimentos, os quais, envolvia trabalhos espirituais mediúnicos com as divindades trazidas por cada um nos diferentes tipos de mediunidade, seja clarividência, transporte, incorporação, sensibilidade olfativa, clariaudiência ou psicografia. Depois da formação da *cultura*, ao se tornarem nômades, quando deixaram o local das tumbas na quadragésima nona geração, muitos passaram a se estabelecer em locais de livre escolha, para fazer a “mistura”, formando suas “nações”, ou seja, o nascimento de seus filhos e filhas, praticando e ensinando a *cultura* a estes. Após deixarem o local das tumbas, os nascimentos

envolviam outras etnias, por exemplo, africanas, árabes, europeias, orientais; isto, ocorreu no processo de adaptação da Cultura Ganza a outras culturas. Destarte, passou-se a ter liberdade para constituírem famílias com guerreiros e guerreiras que não faziam parte da Cultura Ganza. Também poderiam continuar como nômades, o importante para permanecer pertencendo a *cultura* era viver a prática mediúcnica com os conhecimentos do plano material e espiritual aprendidos no local das tumbas.

Assim sendo, a Cultura Ganza passou a ter seu próprio modo de viver, crer e ser. Faz parte da história da África, segundo Amadou Mahtar M’Bow, “[...] havia uma recusa em considerar o povo africano como criador de culturas originais que floresceram e se perpetuaram, através dos séculos, por vias que lhe são próprias [...]” (M’BOW, 2010, p. XXI-XXII). É importante reafirmar a ideia de que,

Quando se fala da “tradição africana”, nunca se deve generalizar. Não há uma África, não há um homem africano, não há uma tradição africana válida para todas as regiões e todas as etnias. Claro existem grandes constantes (a presença do sagrado em todas as coisas, a relação entre mundos visível e invisível e entre vivos e mortos, o sentido comunitário, o respeito religioso pela mãe, etc.), mas, há numerosas diferenças: deuses, símbolos sagrados, proibições religiosas e costumes sociais delas resultantes variam de uma região a outra, de uma etnia a outra; às vezes de aldeia para aldeia. (HAMPÂTÉ BÂ, 2003, p. 14).

Levando-se em conta que não existe uma tradição africana válida para todas as regiões e etnias, a Cultura Ganza faz parte deste universo de culturas originais que se perpetuaram e floresceram através dos séculos, melhor dizendo, milênios. Ganza o atual líder desta *cultura* é um dos grandes responsáveis por ela continuar viva.

O desafio após deixarem o local das tumbas e se dispersarem, era dar continuidade aos trabalhos mediúnicos, sempre com o intuito de apaziguar. Isto significa em linhas gerais, buscar a espiritualidade por meio da mediunidade, apaziguar o próprio espírito e o espírito daqueles que se beneficiam do trabalho mediúnico. A dedicação ao desenvolvimento mediúnico é uma das características desta *cultura*. Assim sendo,

Desde o início da formação da cultura, as manifestações das divindades ocorria de diferentes formas. Alguns recebiam as manifestações pela mediunidade da clarividência. Que se apresenta de diferentes modos, pela visão inconsciente, ou, durante o sono pelo subconsciente e o inconsciente. Outros, recebiam a manifestação por meio do que chamamos na atualidade de psicografia, faziam desenhos no chão, ou nas pedras, trazendo mensagens das

divindades. Outros por meio da mediunidade da incorporação, recebiam espíritos em sua matéria. Outros, conseguiam ouvir entidades que falavam à elas. Outros, sentiam algum tipo determinado de cheiro e precisavam identificar o significado daquela mensagem. (MASCARIN, 2019, p.53).

Em vista disto, as mensagens não se manifestam de maneira igual, cada médium é singular e o tempo de desenvolvimento difere de um para o outro. A manifestação da divindade é trabalhada durante o desenvolvimento por meio da prática cotidiana. Destarte, é identificado o tipo de mediunidade e as mensagens recebidas mediunicamente. Cada médium é singular e possui uma codificação espiritual que lhe é própria. Assim sendo, cada guerreiro e guerreira durante a formação da cultura compartilhava seus conhecimentos, desenvolvia suas mediunidades com divindades que estavam sendo “trazidas” e *cativadas* dentro da *cultura*. *Cativar* divindades significa trazê-las para perto, para a realização dos trabalhos espirituais de desenvolvimento mediúnico, conforme veremos principalmente nos capítulos três e quatro.

Ficou estabelecido nos princípios e normas que os trabalhos mediúnicos realizados pelos guerreiros e guerreiras precisariam trazer resultados da prática da espiritualidade com as divindades, para que estas pudessem fazer parte da *cultura*. Destarte, os deuses e deusas menores são os mesmos e as mesmas do período da formação da Cultura Ganza. Do mesmo modo as entidades da *cultura*, durante suas reencarnações adquiriram elevação espiritual e por não reencarnarem mais continuaram na *cultura* sendo *cativadas* e se manifestam nas mediunidades.

Portanto, sempre estamos retornando a ancestralidade da Cultura Ganza, por meio dos trabalhos mediúnicos interligados às divindades. Cabe esclarecer que, primeiramente, acredita-se que há um Deus Criador de Todas as Coisas. Na Cultura Ganza Ele é assim denominado por ser considerado a Divindade Suprema. Criou os deuses e deusas menores, deixando os mesmos responsáveis por cada elemento da natureza, mata, terra, água, pedra, vento e assim por diante, todos também criados por Ele. De maneira semelhante vemos no estudo de Kabengele Munanga sobre os Basanga de Shaba (1986, p. 300), a crença num Deus Supremo que possui diferentes nomes, *Lesa*, *Kamana*, *Shakapanga*. Para este grupo étnico o Ser Supremo é imaterial, invisível e não tem um culto correspondente, nem palácio, nem templo, exprime-se através dos fenômenos da natureza, entre eles o vento, o relâmpago e a tempestade. Assim, de maneira semelhante na Cultura Ganza, acredita-se em um Ser Supremo criador de todas as coisas, não tem um templo, criou deuses e deusas menores, para comandar os diferentes elementos da natureza, por exemplo, *Baka Iká*, o deus menor que comanda a pedreira, *Kimana*, o deus menor que comanda a lua, *Mahlagbá*, a deusa menor que comanda as águas, e assim por diante, em

número de quarenta e nove. Por ser o Criador de Todas as Coisas, sua força e poder não permite que seja trabalhado mediunicamente, está presente em todas as formas da natureza, sendo nelas respeitado e reverenciado e de onde imana sua força. Seus deuses e deusas menores, fruto de sua criação, podem se manifestar nas mediunidades, por meio de suas “energias”, também denominadas “radiação”. Por sua vez, abaixo destes estão as entidades, ou seja, os espíritos que não reencarnam mais, e que podem ser trabalhados mediunicamente de diferentes maneiras. Por meio destes trabalhos mediúnicos as divindades se manifestam e acontecem as hierofanias. Conforme veremos posteriormente.

De modo geral, diferentes grupos africanos tem sua crença num Deus Supremo, que “incumbiu” deuses para “cuidar” de sua criação. Além dos Basanga de Shaba, seguem alguns exemplos que encontramos em Mircea Eliade, “Por toda a África se encontraram indícios de um grande deus celeste quase desaparecido, ou em vias de desaparecer do culto [...]. O seu lugar foi ocupado por outras forças religiosas, sobretudo pelo culto dos antepassados [...]” (ELIADE, 2008, p.45). Assim também, “[...] os iorubás da Costa dos Escravos acreditam num deus do céu chamado Olórum (literalmente “Proprietário do céu”, que depois de ter começado a criação do mundo, confiou o cuidado de a acabar e a governar a um deus inferior, Obatalá.” (ELIADE, 2008, p. 46-47). Também, “[...] Os hereros, população banto do sudoeste da África, chamam Ndyambi ao seu deus supremo, o qual, retirado no Céu, abandonou a humanidade às divindades inferiores.” (ELIADE, 2008, p.47).

Em suma, diferentes crenças de matriz africana acreditam num Deus Supremo que criou divindades e as incumbiu de cuidar de sua criação. Estas semelhanças em relação a Cultura Ganza são importantes, pois, reforçam o modo de crer destes povos, são características que mantém e reforçam o modo de viver a espiritualidade. Este modo de crer e viver refletem em atitudes e decisões dentro e fora destas crenças. Neste sentido, estamos trazendo algumas práticas da Cultura Ganza. Contudo, como mencionamos acima, existem outras formas de crer e viver que fazem parte da diversidade e riqueza de conhecimentos de povos, com suas culturas e religiões africanas espalhadas e misturadas entre outros povos, culturas e crenças. No Brasil as religiões e culturas afro-brasileiras contribuíram em muito para a formação do povo brasileiro.

Estamos trazendo um pouco do conhecimento desta *cultura*, sobre sua formação para termos uma noção do seu mundo sagrado, pois, é por meio deste sagrado principalmente que o desenvolvimento mediúnico acontece, o retorno a ancestralidade é constante. Existe na *cultura* um deus menor dos alimentos, ele é conhecido pelo nome de *Oruá*. Este deus menor foi trazido



por um guerreiro que chegou ao local das tumbas sem ser convidado, isto também aconteceu com outros que ouviram falar da formação do povo no local das tumbas. Este guerreiro de *Oruá* trazia sementes de diversas plantas na grande aba de seu chapéu, nos caminhos semeava e colhia sementes de plantas, trazia raízes e folhas também em sua gibeira. Se dedicava a plantar e colher alimentos e plantas medicinais. Preparava-os de maneira diferenciada, trazendo para os preparos várias energias, principalmente, do sol, da lua e do fogo, com resultados positivos para a saúde, e maior disposição aos guerreiros e guerreiras para a realização de suas tarefas diárias.

A prática dos trabalhos espirituais com *Oruá* foi ensinada durante a formação da *cultura*, bem como, o ensinamento e o *cativo* de outras divindades. Deste modo, para o preparo dos alimentos este deus menor foi *cativado* e os conhecimentos necessários ao desenvolvimento mediúnico com ele continuaram sendo ensinados.

Contudo, para que os guerreiros e guerreiras pudessem desenvolver e decodificar suas mediunidades, as mensagens recebidas, e compartilhar os conhecimentos, precisavam se comunicar. Pertenciam a povos diferentes e falavam línguas diferentes. Destarte, como iriam formar a *cultura*, sem uma língua que todos pudessem entender? Para resolver este problema foi iniciada a formação de uma língua dentro da *cultura*, a partir das línguas e dialetos dos guerreiros e guerreiras que estavam participando deste projeto. Foi de suma importância para tornar possível o compartilhamento e a unificação dos conhecimentos entre todos que estavam participando da formação do povo e da Cultura Ganza.

Para tal objetivo foram escolhidos entre guerreiros e guerreiras um total de quatorze. Ficaram responsáveis pela organização e formação da língua que seria falada na *cultura*. Houve mistura e junção de sílabas, fonemas, partes de palavras, que passaram a constituir novas palavras, atribuindo a elas, por exemplo, significado para nomes de animais, ferramentas, artefatos variados, sentimentos, ações cotidianas, divindades, trabalhos diversos e conhecimentos relacionados ao plano espiritual. Isto se estendeu durante quarenta e nove gerações, na nossa contagem, aproximadamente, duzentos e cinquenta e sete anos, período este, da origem e formação inicial da cultura no local das tumbas, acrescentando mais algum tempo depois da esta saída, que não podemos precisar, quando deram por encerrada a formação da língua. Entretanto, a comunicação na cultura abrange também alguns códigos, “A nossa língua é diferenciada. Só pra quem ‘entrou’ dentro dela [cultura]. Nós conversamos pela língua e às vezes dependendo do lugar pelo sinal da mão, do gesto de andar, de pisar. Nós temos essa aprendizagem. (GANZA, 13 de mai. 2016). Portanto, a formação da língua foi essencial para a *cultura*.

De um modo geral as diversas narrativas, orais e escritas, tem a língua como veículo principal de comunicação. Aduz Diagne, “a narrativa é o lugar onde se encontra o passado”:

O negro africano estabelece uma ligação entre história e língua. Essa visão é comum ao bantu, ao ioruba e ao mandinga. Mas não é aí que reside a originalidade. Na verdade, o árabe ou o grego anteriores a Tucídides concordarão em afirmar, com os Fulbe, que “a narrativa é o lugar onde se encontra o passado”: *Hanki koy daarol awratee*. (DIAGNE, 2010, p. 247).

Por conseguinte, para que conheçamos o passado, devemos conhecer a narrativa, por isso a língua tem papel fundamental. Neste contexto, sobre a importância da língua para conhecermos o passado, no Terreiro Senzala a língua da *cultura* é ensinada aos médiuns aos poucos, quando estes se tornam representantes de digna de algum deus ou deusa menores, para conversas apenas com quem atingiu certo nível de elevação espiritual dentro da *cultura*. Este processo não é rápido e nem todos que desenvolvem suas mediunidades dentro da *cultura* conseguem chegar a este patamar. Não há pressa! A língua da Cultura Ganza está sendo aos poucos transmitida no Terreiro Senzala. Primeiramente a preocupação é com o desenvolvimento mediúnico e para tal, é falado o português, não existe necessidade do conhecimento da língua da *cultura* previamente, como no passado conforme mencionado, em que havia necessidade para que conseguissem se comunicar satisfatoriamente.

Ao deixar o local das tumbas a língua foi sendo ensinada às novas gerações, que também passaram a aprender outras línguas, pois, era necessário para a comunicação entre outros povos e culturas.

Para uma demonstração, trazemos alguns exemplos de palavras formadas dentro da cultura Ganza: *Miadu* comida, *bikilà* trazer, *bikila-m* trazendo, *Oruá* deus menor do alimento, *muama* caminho, *bali* morte, *coara* onde, *xurrá* vento. Houve a mistura de sílabas, fonemas, fragmentos de palavras das mais diferentes etnias e culturas, que participaram da formação do povo e da língua da *cultura*. Além disto, outro fator é imperativo, o tempo decorrido. Faz aproximadamente quatro mil anos que esta cultura foi formada, sendo portanto, difícil saber as origens linguísticas. Independentemente destes dois fatores, não há interesse até o momento, em divulgar a língua fora da *cultura*. Estamos trazendo esta abordagem, pois, os nomes das divindades e de alguns pratos que foram preparados tem nomes que fazem parte da língua desta *cultura*.

Assim sendo, algumas palavras, restritas, estão se tornando públicas por meio deste trabalho. Mesmo não havendo interesse numa maior divulgação da língua, consideramos de

grande importância os estudos das línguas africanas, elas trazem etnias, histórias, mitos, origens, narram tradições, modos de crer, pensar e viver, os quais, contribuem e enriquecem a humanidade de conhecimentos sobre a África. Ajudam na reconstrução do passado, para que possamos tentar também entender, construções e aspectos importantes do presente. Contudo, ainda existem dificuldades para o estudo das línguas africanas. Segundo Diagne (2010, p. 257-258), vários trabalhos a partir do século XIX foram desenvolvidos na tentativa de classificar as línguas, principalmente aqueles realizados por Greenberg, mais recentemente, porém, estes trabalhos de classificação das línguas africanas,

(...) continuam discutíveis e discutidos por muitas razões. A primeira é que a linguística da África não escapou à ideologia etnocentrista. Sob esse aspecto, as críticas recentes do próprio J. H. Greenberg concordam perfeitamente com as que Cheikh Anta Diop exprimia há 20 anos, em *Nations Negres et Cultures*, e que T. Obenga retomou, acrescentando-lhes novas informações em sua conferência no Festival de Lagos, em 1977. A segunda razão é de ordem puramente científica. Quase todos os linguistas consideram prematuras as tentativas de classificação. Não são tomadas as precauções metodológicas indispensáveis e ainda não se reuniu material devidamente analisado e preparado para uma comparação genética ou mesmo tipológica das línguas africanas. (DIAGNE, 2010, p. 257).

Para Diagne (2010, p. 257), até mesmo a simples enumeração das línguas africanas encontra obstáculos. No continente estima-se que exista de mil e trezentos, a mil e quinhentos idiomas classificados como língua, sendo que o levantamento ainda não atingiu resultados muito precisos. Inclusive, entre outros problemas para o estudo, vários falares classificados como “línguas”, são apenas variantes dialetais de um mesmo idioma.

Segundo Kabengele Munanga, “as línguas africanas são numerosas. De acordo com os critérios escolhidos, há, segundo autores, de 800 a 2 mil.” (2009, p. 32).

Ou seja, entre as várias variantes faladas e os critérios para as pesquisas sobre línguas africanas, percebemos a dificuldade para estabelecer algo mais exato sobre seu número.

A história das línguas faladas pelos autóctones da África do Norte também merece ser citada. Após a conquista dos países do Magreb pelos árabes, e particularmente após as invasões das “tribos” árabes no século XI, os povos da África do Norte tornaram-se árabes quanto à língua e à civilização. Suas línguas originais sobrevivem apenas em certas regiões do Marrocos, na Kabylia, no djebel Nefusa e nos oásis. (OLDEROGGE, 2010, p. 301, grifo nosso).

Assim sendo, é importante reconhecer e preservar de todas as maneiras possíveis as línguas africanas, seja internamente pelo grupo, como no caso da Cultura Ganza, ou utilizando outros meios, com registros que resguardem seu valor linguístico e cultural. Mesmo não havendo interesse na divulgação da língua Ganza fora da cultura, por motivos internos a mesma, reiteramos que é importante estudar as línguas africanas, estes conhecimentos são importantes não somente para o continente africano, mas para a humanidade.

Outro dado importante mencionado nas narrativas de Ganza é sobre o deserto do Saara. Esta é uma referência mantida na *cultura* nestes aproximadamente quatro milênios, relacionada a proximidade com o lugar da formação da *cultura*. Bem como, a menção a povos pertencentes a este deserto que também fizeram parte desta formação, contribuindo com um pouco de suas culturas. Isto é digno de atenção para a reconstituição do passado da Cultura Ganza. Vai ao encontro do que estamos trazendo sobre sua formação e unificação de conhecimentos. Também é fato que existe a preocupação de vários pesquisadores em não deixar que a história de povos que habitaram o Saara fique completamente extinta, mesmo que minimamente, acreditamos que toda e qualquer informação se torna valiosa do ponto de vista destas reconstituições.

Segundo Ganza, guerreiros e guerreiras de povos do Saara que tinham sabedoria sobre meios de sobrevivência e resistência no deserto, trouxeram sua contribuição para a formação do povo desta *cultura*. É muito pouco, quase nada, o que temos de conhecimento sobre estes povos dentro desta *cultura*, tendo em vista que os conhecimentos foram unificados. Contudo, acreditamos que mesmo pouco, ajuda a trazer à “memória” este importante traço de existência de povos do monumental e misterioso Saara. Segundo Ganza, os guerreiros e guerreiras de povos deste deserto trouxeram *Tanfà Ilu*, o deus menor do sol, que passou a ser cativado naquele período e continua presente na *cultura*, importante para o desenvolvimento mediúnic, inclusive para o preparo de alimento. Falaremos da importância deste deus menor no capítulo quatro.

Portanto, além da localização do local das tumbas, o Saara está presente nesta *cultura* por meio de guerreiros e guerreiras pertencentes a grupos étnicos que trouxeram seus conhecimentos à partir da sobrevivência e vivência da sua crença, neste “misterioso” local que ficou conhecido como Saara.

Trazemos alguns dados atuais (HUGOT, 2010, p. 657), sobre o Saara destacando as mudanças que ocorreram e que corroboraram para o deslocamento de seus habitantes. Possivelmente estas mudanças e deslocamentos influenciaram povos que fizeram parte da

formação da *cultura*. Mas, estamos apenas conjecturando diante informações que obtivemos em nossa pesquisa.

Assim sendo, a extensão do deserto do Saara é de difícil delimitação e definição, é constituído de regiões áridas, que se estendem de leste a oeste por cinco mil e setecentos quilômetros, entre o mar vermelho e o Atlântico, e de norte a sul, possui mil e quinhentos quilômetros entre o Atlas pré-saariano e o Sahel sudanês. As condições desérticas constituem uma área de oito mil e seiscentos quilômetros quadrados. Entretanto, no passado pré-histórico, segundo Hugot (2010), habitantes que viviam no Saara aos poucos se deslocaram para outras regiões devido à falta de recursos que possibilitassem a sobrevivência.

Embora seja hoje um deserto, o Saara já foi bastante povoado em vários períodos. Atribui-se o abandono da região pelas últimas etnias que a ocuparam à instalação de um clima cada vez mais seco e quente, que provocou a rarefação das precipitações e o esgotamento das fontes e dos rios. O conseqüente desaparecimento da cobertura vegetal e da fauna, fonte de subsistência do homem, forçou-o a procurar regiões periféricas mais clementes. (HUGOT, 2010, p. 657).

Existe também dificuldades para encontrar bibliografia que tratem deste assunto.

O desaparecimento de toda a publicação bibliográfica regular relativa à pesquisa pré-histórica do Saara como um todo tornou difícil a compilação dos trabalhos ali realizados. No que diz respeito ao período colonial, possuímos muitas dessas bibliografias que, no entanto, são incompletas e às vezes encontram-se dispersas. HUGOT, 2010, p. 658-659).

Assim sendo, este deserto teve importância para a formação da Cultura Ganza, é também uma referência mundial a nível de extensão de deserto. Ganza traz o Saara nas suas narrativas relacionando-o à localização da construção das tumbas e pela participação de povos e culturas na unificação de conhecimentos desta *cultura*. Sendo portanto, um local de referência para esta *cultura* nestes milênios.

Com a unificação dos conhecimentos de guerreiros e guerreiras de diferentes etnias durante a formação da Cultura Ganza, o desenvolvimento e a prática mediúnica se fortalecia, tornando este o principal eixo desta *cultura*. As divindades que estavam sendo “trazidas” e *cativadas* só permaneciam se fossem comprovados resultados dos trabalhos mediúnicos, por diferentes guerreiros e guerreiras.

Assim sendo, os deuses e deusas menores que fazem parte desta *cultura* na atualidade, são os mesmos e as mesmas daquele período. Portanto, sempre estamos retornando a ancestralidade da Cultura Ganza, por meio dos trabalhos mediúnicos interligados às divindades.

Destarte, pelos vários aspectos e motivos apresentados é importante que tenhamos conhecimento sobre o início desta *cultura*. Não podemos separar o passado do presente, eles caminham juntos.

Outra característica de grande importância é o fato de muitos pertencerem a esta *cultura* e não ser de “sangue”, ou seja, não nascer de guerreiros ou guerreiras que fazem parte deste povo das tumbas, tendo suas reencarnações dentro desta *cultura*, pertencem a ela de “berço”, ou seja, pelo compromisso do desenvolvimento mediúnico dentro da *cultura*. E quem pertence de “sangue”, caso não siga vivendo a *cultura*, deixará de pertencer a ela. Pois, é necessário interesse e dedicação aos trabalhos espirituais, independentemente do nascimento. Assim sendo, a dedicação, atrelada a capacidade e ao desenvolvimento mediúnico é que paulatinamente definem o guerreiro e a guerreira dentro da *cultura*, ele ou ela vai se tornando a *cultura*.

A categoria guerreiro e guerreira da *cultura* são denominações restritas aos médiuns depois de concluída uma jornada de desenvolvimento mediúnico, isto quer dizer, depois de ter finalizado dentro da sua mediunidade uma trajetória de descodificação espiritual. Sem esquecer que o livre arbítrio é respeitado. Este, dentro da *cultura* é a liberdade de escolha do guerreiro ou da guerreira, em não estar obrigado a seguir dentro dela; é de sua livre escolha depois de certo tempo conhecendo sua mediunidade e um pouco sobre a *cultura* deixá-la caso assim decida, esta liberdade se inicia aos doze anos de idade. Poderá deixar a prática dos trabalhos mediúnicos, não necessitando mais cumprir as obrigações espirituais necessárias para manter-se pertencendo a esta *cultura*. Independentemente do nascimento, o pertencimento a Cultura Ganza se inicia por meio do trabalho de desenvolvimento mediúnico, que deve ser concluído e continuada a prática dentro dos seus princípios.

Deste modo, com o desenvolvimento mediúnico, o médium aprende a interpretar o significado da mensagem que recebe. Existe um código próprio, pois, nem sempre, sonhar com flores brancas, por exemplo, significa a mesma coisa para todos. É um trabalho que envolve dedicação e tempo para as confirmações das mensagens, toda vez que ela aparece. Neste sentido, existe diferentes tipos de mediunidade: clarividência, transporte, incorporação, psicografia, sensibilidade olfativa e clariaudiência, conforme mencionado anteriormente, Mascarin (2019, p.53). Nos ateremos às três primeiras respectivamente mencionadas, pois, o

preparo de alimentos para o desenvolvimento mediúnico, neste trabalho, diz respeito às três primeiras. As demais foram mencionadas a título de conhecimento, tendo em vista que também podem ser desenvolvidas dentro da *cultura*.

Assim sendo, para que o desenvolvimento mediúnico aconteça, é preciso fazer a “preparação” do médium, respeitar a prática dos conhecimentos instituídos durante a formação da *cultura*, há milênios. Por isso trouxemos algumas informações e abordagens importantes para entendermos aspectos, características e princípios da *cultura* que são aprendidos e vivenciados cotidianamente. À vista disto, o tempo para concluir o desenvolvimento é o tempo do médium, diante seu potencial e dedicação, é algo singular, não tem um tempo exato, entretanto, precisa ser concluído, existindo portanto, um período que é estabelecido pelo tutor para o médium se descodificar e se desenvolver. Destarte, o preparo de alimentos faz parte do desenvolvimento mediúnico, contribui para fortalecer o “liame” entre o médium e a divindade. Depois de conhecer e praticar alguns trabalhos espirituais o médium aprende a preparar alimentos para as divindades, conforme a necessidade mediúnica.

Em suma, a tradição da Cultura Ganza está na sua formação, a partir de conhecimentos de várias culturas, tornando-a *uma cultura unificada*, com conhecimentos constituídos pela diversidade de etnias, com princípios e normas solidificadas no período das tumbas. Esta diversidade e a prática mediúnica, permitiu que ela continuasse viva até os dias atuais. A Cultura Ganza chegou ao Brasil com o bisavô e avô de Ganza, trazidos escravizados do continente africano em meados do século XIX. Mantiveram as práticas desta *cultura* vivenciadas na África, de maneira camuflada, estando eles na condição de escravizados, como também aconteceu com outras crenças de matriz africana. Continuaram passando os ensinamentos da Cultura Ganza à sua descendência.

O atual líder é um Ganza nascido no Brasil, bisneto do líder Ganza seu antecessor e rei na África, é neto de Joaquim, filho deste rei. Os conhecimentos que estamos trazendo foram ensinados por ele. Sua trajetória e seu conhecimento, deu-lhe condições de fazer algumas mudanças que nenhum outro Ganza poderia fazer dentro da *cultura*.

## 2.2 GANZA: breve trajetória da preparação de um líder

Estamos trazendo nesta abordagem um pouco da trajetória e alguns conhecimentos da preparação de Ganza para liderar a Cultura Ganza. Descrevemos alguns pontos principais

daquilo que nos foi permitido. Faremos algumas breves considerações sobre seu aprendizado dentro da *cultura* que também, de alguma forma, está interligado ao tema desta tese.

Nascido no estado da Bahia em 1951 onde viveu sua infância e juventude com sua família, mãe, avô, irmãos, tios e primos, estas pessoas ajudaram com conhecimentos dentro da Cultura Ganza para sua preparação mediúnica e para sua liderança. Neste sentido, cada um lhe transmitia algum tipo de conhecimento conforme o domínio em determinada área, assim, complementando o aprendizado advindo de um e outro para sua preparação. No entanto, coube principalmente a sua mãe conhecida por Ção, e seu avô Joaquim, a maior responsabilidade para sua preparação mediúnica. Sendo estes seus principais tutores.

Ao completar cinco anos de idade sua mãe passou a levá-lo à colheita de ervas medicinais, pelos arredores de sua casa e também fora desta cercania, na vizinhança. À partir desta iniciativa, outras pessoas da família, mencionadas acima, também contribuíram para este aprendizado. O objetivo era ensinar sobre preparo de remédios para vários tipos de problemas de saúde, tanto física como espiritual. Por esta época, também deu início aos benzimentos.

Aos cinco anos eu comecei a fazer uns tratados de benzimentos. Vários tipos de benzimentos pequenos, contra inveja [inveja], mal olhado, quebranto, cobreiro. Esses benzimentos mais comuns, que existiam na época, não só na minha *cultura*, e que muita gente também fazia. Mas quando a gente nasce pra uma coisa parece que aquilo... não que seja melhor que os outros, mas é feito da forma que deve ser feito. Por exemplo, o quebranto passou a ser benzido de várias formas, o mal olhado de várias formas. Eu começava então, a me preparar pra fazer benzimento. Havia até dentro da nossa *cultura*, adulto que não tinha condições de fazer [da forma como Ganza conseguia]. (GANZA, 23 de dez. 2015).

Ganza também aprendeu a preparar banhos de ervas para a saúde física e espiritual. Para as colheitas das plantas e seu preparo, respeitava-se determinadas fases da lua, horários do dia e da noite. Esta prática se assemelha a algumas práticas realizadas por outras crenças. Conforme Mauss (2000), transcrito abaixo, a maneira de proceder a determinados ritos religiosos respeita períodos da lua e do sol.

Assim, o xamane cheroqui vai procurar as suas ervas medicinais em determinado dia da lua, ao nascer do sol; recolhe-as segundo uma determinada ordem, com determinados dedos, tendo o cuidado de não fazer sombra sobre elas, e depois de ter executado determinados circuitos rituais. (MAUSS, 2000, p.54).



Estes cuidados com as colheitas das plantas, os horários, o preparo dos remédios e banhos, que devem ser feitos respeitando períodos da noite e do dia, fazem parte do trabalho de interligação do plano material com o plano espiritual e vice-versa, que acontece por meio de trabalhos com as mediunidades dentro desta *cultura*. Ganza desde menino aprendeu a trabalhar suas mediunidades. Era observado e acompanhado por seus familiares durante o aprendizado, era preciso verificar as comprovações e conclusões dos resultados. Conforme veremos no capítulo quatro, esta é a forma de acompanhamento do desenvolvimento mediúnico feito pelo tutor. É um trabalho que foi realizado pelos tutores, no caso de Ganza.

Assim sendo, desde menino Ganza aprendeu que dentro da *cultura* existem maneiras, às quais, deve-se respeitar alguns “modos de fazer”, para trabalhar com as mediunidades. Neste sentido, foi-lhe ensinado que para cortar uma planta, fazer a retirada de sua raiz, sementes, folhas, frutos ou flores, para o preparo de remédios ou alimento, primeiro é preciso ter feito alguns trabalhos espirituais, como é chamada na *cultura*, “concentração espiritual”, neste caso, por exemplo, as plantas são interligadas com *Zhipoá*, que é o deus menor da mata. Para se trabalhar com plantas, primeiramente deve-se pedir licença a este deus menor, então, antes de ir para a prática do preparo de remédios e alimentos, deve-se aprender a trabalhar na piana e na mata com *Zhipoá*. Este trabalho, consiste em se concentrar espiritualmente dentro da mata e começar a “buscar” pela mente e o espírito a “presença” deste deus menor. Na *piana*, este mesmo procedimento para o trabalho espiritual deve ser feito cotidianamente, para *cativar* a divindade, inclusive com o deus menor *Oruá*, que ajuda nos preparos.

Dentro dos sistemas de crenças afro-brasileiras o uso de plantas é algo frequente. O modo como são realizadas as tarefas e os rituais é que diferem de uma crença para outra. Portanto,

[...] é inegável que passes e uso de plantas estão relacionados de modo contínuo nas práticas e representações de pais, mães de santo e adeptos. As plantas nos sistemas de crenças religiosas estão presentes nas preparações de banhos de purificação, nas bebidas e comidas rituais, nos remédios, nas cremações em incensórios, cachimbos, charutos e cigarros, determinando conforme a crença poder mágico e curativo. (CONCONE; REZENDE, 2012, p. 203).

A importância do trabalho com as plantas se estende de diferentes maneiras às crenças principalmente afro-brasileiras, as quais, trabalham diretamente com divindades que representam as matas. É de grande importância o trabalho mediúnico com as plantas dentro da Cultura Ganza. Sendo um dos primeiros aprendizados do líder Ganza.

Assim sendo, o cativo das divindades é feito na *piana*, realizado no dia a dia, ou no mínimo a cada sete dias, segue conforme a dedicação do médium. Com as fontes da natureza são realizados em determinados períodos, isto é feito, respeitando o trabalho de desenvolvimento que está sendo realizado. No capítulo quatro veremos como isto acontece.

Foi ensinado a Ganza este modo de trabalhar mediunicamente dentro da *cultura* com as divindades. Tendo em vista que, ele já nasceu com um grande potencial mediúnico, conseguia bons resultados em pouco tempo.

Neste sentido, outro aprendizado foi o acompanhamento a mulheres grávidas. Sua mãe o levava nas muitas visitas que fazia, acompanhando a gravidez, para depois fazer os partos, de várias mulheres na região onde moravam. Em vista deste ofício, Ção tornou-se parteira respeitada na região onde morava. Aprendeu a ser parteira com sua mãe. Após o nascimento da criança, durante o período puerperal, continuava a zelar da saúde da mãe e do filho recém-nascido. Os cuidados envolviam chás de plantas medicinais, instrução para a alimentação da mãe, as denominadas “garrafadas”, feitas com ervas e raízes destinadas a “limpeza” pós parto. Com o tempo esta prática rendeu a Ção muitos afilhados. Se tornou também ama de leite de várias crianças, cujas mães, com alimentação precária na região onde moravam, acabavam tendo dificuldades para produzir o leite materno para amamentar seus filhos. Ção também juntava leite de outras mães e doava àquelas que necessitavam para seus recém-nascidos. Ção teve quatorze filhos, incluindo Ganza, fazendo os seus próprios partos, sem nenhum óbito. Ganza ainda menino teve vários aprendizados sobre parto, mas, não se dedicou a realizá-los, seu aprendizado foi no sentido de saber fazer o tratamento com as grávidas e após o parto.

Tendo completado sete anos de idade, sua mãe o matriculou na escola primária. Naquela época as crianças começavam seus estudos nesta idade. Aprendeu a ler e escrever, depois de um ano e meio decidiu não continuar com os estudos, e sua mãe respeitou sua decisão. A professora havia feito sua transferência para o segundo ano primário antes que ele completasse o primeiro ano. Havia aprendido rápido. Porém, diante sua decisão, Ção passou a acordá-lo de madrugada, para ir com ela até o curral tirar leite de vacas. Ao relatar este fato na entrevista, Ganza disse, rindo da situação, que ao falar para sua mãe: não tenho mais nada para aprender na escola! Argumentando que havia aprendido tudo o que a professora ensinou, e que, não tinha mais nada para aprender, não imaginou que sua mãe tomaria tal decisão.

Ção era bastante rigorosa na educação de Ganza. Principalmente, sabendo que aquele menino viria a ser o líder da *cultura*, não o poupava de ensinamentos. A narrativa abaixo mostra um pouco como era este aprendizado com sua mãe.

-Tu vem logo! Pega o balde!!

Aí fui aprender a tirar leite. Sete, oito anos de idade... o leite que eu havia tirado, ela falou: - deixa por riba do tendal aqui! Tem uma mulher lá em tal lugar que está pra parir. Mas, a carne da barriga dela está “vencida”, ela não tem carne, o neném está crescendo muito e vai dar trabalho. Então tu vai lá no quintal do vizinho e pega esse cipó [mostrou a Ganza o cipó], pega essa erva [disse qual a erva]. Vamos cozinhar essa mandioca até derreter tudinho aqui. Fizemos um composto. Foi acrescentado quiabo, aquilo tudo foi macetado ali na mão. Era pra passar na barriga da mulher, todo dia, até um dia ou dois antes do parto. Também levamos um remédio grosso pra mulher tomar, mas, não era só isso. Quando eu voltei da cata das ervas, o leite estava talhado por cima, era de uma vaca velha. Começamos a separar um milho bem cabeçudo, um milho que não é colhido seco, colhe ele maduro, e começamos a pilar aquele milho. Era muito trabalho para preparar. Foi colocado aquele milho no tendal, na *segunda lua*, que é a lua da parte da tarde. Ele ficaria até a *primeira lua* que seria de manhã. Enquanto isso fomos preparando as outras ervas e a castanha, e começamos a respeitar um tempo, cada erva que se colhia se respeitava o tempo. Ela me disse, agora começa a tua trajetória dentro das comidas, que você come até hoje, que recebeu como alimentação. E aquilo que você não recebeu, começa tua trajetória agora, como preparador. Vai saber a razão de cada comida. Porque cada comida tem que ser preparada de uma forma. Mas, antes de tu tocar em qualquer alimento nativo, lá, puro no mato, ou na horta, seja onde for, de hoje em diante deve reverenciar mais fortemente e ter um “acordo” entre tu e *Oruá*. Não faça nada que pertence a *Oruá*, sem a “chamada” [trabalho espiritual específico para *Oruá*]. Respeite o tempo da lua, do sol, do vento, da água, tudo tem seu tempo, como tu já conhece parte disso. Aí, eu comecei a preparar as primeiras comidas, que eram com as ervas, tinha castanha, que nós substituímos pelo ulicuri, ou amendoim, o leite, naquela época de preferência o leite guardado no coio, que é o leite do pojo, o leite para o bezerro. Assim era feita essa comida com milho natural, e bastante leite. E tinha uma parte da folha da canela e as amêndoas. As amêndoas poderia ser bastante variável. Então a primeira comida, assim vamos dizer nessa trajetória direta foi o caçulá. E de lá pra cá, eu comecei a acompanhar todos os remédios que eram feitos, e a alimentação principalmente, que era passada para essas mulheres, até o dia de parir. E essas comidas tinham a ver com a nossa *cultura*. (GANZA, 23 de dez. 2015).

Esta narrativa é rica de informações que se interligam uma a outra, desde aprender a tirar leite, a maneira de preparar os alimentos e remédios para as mulheres grávidas, o trabalho com divindades. Percebemos, que desde pequeno sua preparação dentro da *cultura* envolvia o conhecimento de determinados assuntos por meio da prática, dentro dos planos material e espiritual. Isto fica claro quando sua mãe lhe diz para não fazer nada que pertence a *Oruá* sem fazer a “chamada” para esta divindade, respeitando o tempo da lua e do sol, significa, trabalhar mediunicamente. Da mesma maneira, também lhe foi ensinado a trabalhar com outras divindades, por exemplo *Zihipoá*, mencionado acima. Veremos na descrição do preparo de alimentos no capítulo três e quatro, que o trabalho mediúnico com as divindades seguem no

mesmo sentido para o aprendizado dos médiuns, cada qual na sua singularidade, fazendo a prática.

Nas narrativas, Ganza fala que seu pai era descendente de índio, se tratava de um homem que conhecia bem sua própria cultura, cultura esta indígena. Passava tempo longe da família, isolado, vivendo seus costumes na selva amazônica, retornando a cada dois ou três anos aproximadamente para visitá-los. Nasceu de uma tribo indígena que tinha origem na nascente do rio Amazonas no Peru. Seu grupo passou vinte e quatro anos em viagem descendo o rio e suas margens, chegando ao Brasil bem poucos. A viagem até o Brasil demorou vinte e quatro anos. Saíram num grupo de aproximadamente quarenta e cinco pessoas, incluindo crianças. Seu pai tinha sete anos de idade quando deu início a viagem, apenas oito pessoas chegaram ao Brasil, três mulheres e cinco homens. Alguns acidentes durante o percurso, doença, confronto com outros grupos pelo caminho fizeram com que chegassem em número reduzido. Segundo Ganza, seu pai morreu com oitenta e oito anos de idade, no ano de mil novecentos e oitenta e oito, vivia na selva amazônica isolado. Ganza ficou sabendo de sua morte por meio de sua mediunidade, em que a mensagem foi trazida por uma de suas divindades.

Seu pai foi apresentado à Ção por Joaquim, que o conheceu num circo na Bahia e o convidou para ir à sua casa, resultando em pouco tempo na união de ambos. Desta união nasceram quatorze filhos e Ção adotou um menino. Ganza na sua infância e juventude, nos períodos em que seu pai os visitava, não se interessou em aprofundar sobre a cultura deste. Teve alguns aprendizados da cultura de seu pai, no entanto, concluiu que, para viver integralmente a *cultura* da qual fazia parte e estava se preparando para liderar, não poderia se dedicar a conhecer outra, não dispunha deste tempo.

Com quatro anos de idade seu avô Joaquim o levou para a capoeira de Mestre Zé Carrasco. Este era de origem polonesa, filho de ex-proprietário de escravos e formado como pai de santo. Fato este acompanhado de um detalhe, Joaquim havia combinado com Mestre Zé Carrasco quatorze anos antes do nascimento de Ganza, que o último filho de Ção seria levado até ele para aprender a arte da capoeira. Mestre Zé Carrasco havia aprendido esta arte e luta com os negros da senzala de seu pai. E assim sendo, Ganza fez o aprendizado da capoeira que ele denomina primitiva, devido a relação estabelecida com os escravos, na arte, luta e defesa do escravizado dentro da senzala. Dedicou e dedica sua vida, primordialmente, a esta arte. O Terreiro Senzala tem este nome, também por este motivo, conforme vemos no subitem 3.1.

Ganza aprendia sobre coisas que lhe serviriam para toda a vida, conforme ele assevera:

E quando a gente cresce um pouco, a gente passa a analisar alguns acontecimentos. E muito novo a gente já descobre algumas razões que fazem parte desta passagem e porque viemos. Eu desde novo, minha mãe sempre me carregava quando ela ia fazer os partos e nas catas de ervas, na verdade eu nem andava direito ainda, porque era molequinho pequeno. E ... já desde cedo aprendendo, três anos de idade, já aprendendo alguns rituais, algumas coisas que seria pra vida inteira, [...] é quando esta vida se estende a filhos, netos, daí por diante. (GANZA, 23 de dez. 2015).

Entre as narrativas conta que na juventude trabalhou por certo período na Bahia e Minas Gérias, na profissão de vaqueiro, e relata uma passagem interessante desta época. Observava que os vaqueiros com quem convivia, sempre que via o gado “amoar”, ou seja, desanimar, ficar apático, batia no ar com galhos de alecrim, isto, ajudava a certificar-se que não havia nenhum espírito rondando por ali e “amoando” o gado. Também colocava um galho na sela do cavalo, ou na cangalha do burro, para espantar os maus espíritos. Por conta deste tipo de episódio e crença, segundo Ganza, este alecrim ficou conhecido naquela regi como “alecrim de vaqueiro”. Disse que sua família utilizava aquela espécie de alecrim para preparar alimentos, remédios e para fazer benzimentos. Ao perguntar-lhe qual era a espécie do alecrim, ele respondeu, o mesmo que usávamos para tempero e para chás, e plantávamos no quintal da casa. Pesquisamos sobre este alecrim e verificamos seu nome científico: *Rosmarinus Officinalis*<sup>5</sup>. Este fato além de curioso, chama a atenção, pois, a crença em espíritos que rondam e podem vir a perturbar pessoas, ambientes e animais, faz parte do cotidiano de várias pessoas, que buscam ajuda para tentar resolver aflições de cunho espiritual e problemas de saúde física. Ficando o benzedor ou benzedeira, também denominados rezadores e rezadeiras, de alguma forma, os mantenedores e responsáveis desta crença e tradição, a qual, a prática do vaqueiro, mencionada, se assemelha a prática do benzimento. O uso de galhos de ervas para o tratamento de problemas espirituais é uma tradição das crenças afro-brasileiras, frequentemente utilizado também por mães e pais de santo<sup>6</sup>.

Assim sendo, os conhecimentos sobre plantas e a crença na sua eficácia em casos semelhantes, como no exemplo do vaqueiro, acima, atualmente são mais frequentes em cidades do interior, ou nas periferias das cidades.

---

<sup>5</sup> Ver: Plantas Mediciniais e Fitoterápicos. Disponível em: <[http://www.crfsp.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=8467-cartilha-de-plantas-mediciniais-e-fitoterapicos.html](http://www.crfsp.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=8467-cartilha-de-plantas-mediciniais-e-fitoterapicos.html)>. Acesso em: 15 ago. 2019.

<sup>6</sup> O uso de galhos de ervas com fins ao tratamento espiritual se encontram presentes em várias crenças e culturas, por exemplo, ameríndias e afro-brasileiras. Sobre este assunto pode-se consultar algumas obras, como por exemplo: PRANDI, R. (Org.). **Encantaria Brasileira**: O Livro dos Mestres, Caboclos e Encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. 384 p.

Ganza teve convívio e várias experiências com diferentes pessoas. Sua mãe fez parte de sua orientação até sua adolescência. Ção desencarnou e deixou na sua responsabilidade um terreiro com sessenta e três médiuns, praticamente todas mulheres, com exceção de três homens. Assumiu o terreiro e continuou os trabalhos espirituais de sua mãe até seus dezesseis anos de idade. Com a morte de seu avô Joaquim, por esta época, sentiu que precisava sair para outras responsabilidades relacionadas a pessoas da *cultura* em outras localidades e assim o fez, as pessoas daquele terreiro seguiram com seus trabalhos mediúnicos.

Ganza antevia algumas mudanças que seriam necessárias fazer dentro da *cultura*:

Neste sentido, para fazer as mudanças dentro da *cultura*, estas teriam que vir de um líder com muito conhecimento sobre a *cultura* desde o início de sua formação até a atualidade, [...] as regras existem desde o início, quando este povo foi formado, por este motivo este Ganza foi anunciado e esperado no tempo de algumas gerações [...] com treze anos de idade se consolidou a demonstração de sua capacidade e conhecimento para liderar esta *cultura* e seu povo. Anterior a esta idade, desde os oito anos, já era procurado para decidir e aconselhar sobre diferentes questões, tais como, batizados e casamentos, guerreiros e guerreiras que poderiam ou não, fazer “laços” espirituais dentro da *cultura*, entre outras decisões. Dos treze aos vinte e um anos de idade, foi sendo comprovada sua capacidade de liderança, e, a necessidade de algumas mudanças que ele prenunciava. (MASCARIN, 2019, p. 20-21).

Ganza se tornou líder desta *cultura* com quatorze anos de idade. Este reconhecimento se deu pelo conhecimento e capacidade de liderança. Desde este período, suas decisões sobre assuntos que dizem respeito à Cultura Ganza tem sido respeitadas e reconhecidas dentro da *cultura*. É um profundo conhecedor e tem sido o maior responsável pela existência desta *Cultura* na atualidade. Nas conversas também fora da *cultura*, demonstra conhecimento sobre diferentes assuntos. Neste sentido, o mais apropriado é considerá-lo um *ancião no sentido africano da palavra*<sup>7</sup>, pois,

[...] um mestre contador de histórias africano não se limitava a narrá-las, mas podia também ensinar sobre numerosos outros assuntos [...] um “conhecedor” nunca era um especialista no sentido moderno da palavra, mas, mais

<sup>7</sup> Trouxemos nesta nota um esclarecimento pelo não uso do termo *griot*, mais comum para aqueles que fazem narrativas e são detentores de muito conhecimento. Optamos pelo termo *ancião no sentido africano da palavra*, explicitado por Hampâté Bâ, por considerar mais apropriado a Ganza. Entendemos que este termo denota maior sentido e profundidade ao seu significado. *Griot*, conhece e conta histórias, inclusive, do rei, no caso em tela, Ganza não seria apenas *griot*, pois, ele também é o rei. Encontramos o significado: “Griots: corporação profissional compreendendo músicos, cantores e também sábios genealogistas itinerantes ou ligados a algumas famílias cuja história cantavam e celebravam. Podem também ser simples cortesãos [...]” (HAMPÂTÉ BÂ, 2003, p. 13).

precisamente, uma espécie de generalista. O conhecimento não era compartimentado. O mesmo ancião (no sentido africano da palavra, isto é, *aquele que conhece*, mesmo se nem todos os seus cabelos são brancos) podia ter conhecimentos profundos sobre religião ou história, como também ciências naturais ou humanas de todo tipo. Era um conhecimento mais ou menos global segundo a competência de cada um, uma espécie de “ciência da vida”; vida considerada aqui como uma unidade em que tudo é interligado, interdependente e interativo; em que o material e o espiritual nunca estão dissociados. E o ensinamento nunca era sistemático, mas, deixado ao sabor das circunstâncias, segundo os momentos favoráveis ou a atenção do auditório. (HAMPÂTÉ BÂ, 2003, p. 174-175).

Assim, Ganza é um “conhecedor”, não no sentido moderno da palavra, mas, no sentido explicitado por Hampâté Bâ, transcrito acima. Conhecimento, não apenas para narrativa, mas, também para ensinar, “ciência da vida”, em que tudo é interligado, em que o material e o espiritual nunca estão dissociados. Estes, entre outros significados atribuídos por Hampâté Bâ ao termo, denotam ao nosso ver, sentido mais apropriado a Ganza.

Isso posto, durante as entrevistas para a pesquisa, Ganza expressou em uma delas a maneira como pensa e conduz a *cultura*. Sendo um dos cuidados que estamos tentando ter com a pesquisa. Para ele,

[...] todas as culturas abertas ao nada, se tornam banais, tornam-se sem segredo, é o que acontece com culturas boas e “grandes”, que acabam como um pedaço de papel molhado, se rasgando porque abriram demais, coisas que não interessava a certos tipos de mundos. Como se diz, a gente tem que ter princípios, principalmente quando não vivemos só. (GANZA, 01 de fev. 2016).

Falar de segredo na Cultura Ganza é falar daquilo que se encontra reservado ou oculto, pois, “segredo é tudo aquilo para nós que está oculto, ou reservado entre determinadas pessoas”. (GANZA, 03 jul. 2019).

E assim, falaremos apenas daquilo que for permitido falar e descrever, sendo que, está sendo uma grande abertura trazer esses assuntos para fora da *cultura*, pois, até então não se dizia nada. Ganza abriu uma janela para escrevermos e falarmos sobre esta *cultura* publicamente, ainda não sabemos qual será o resultado.

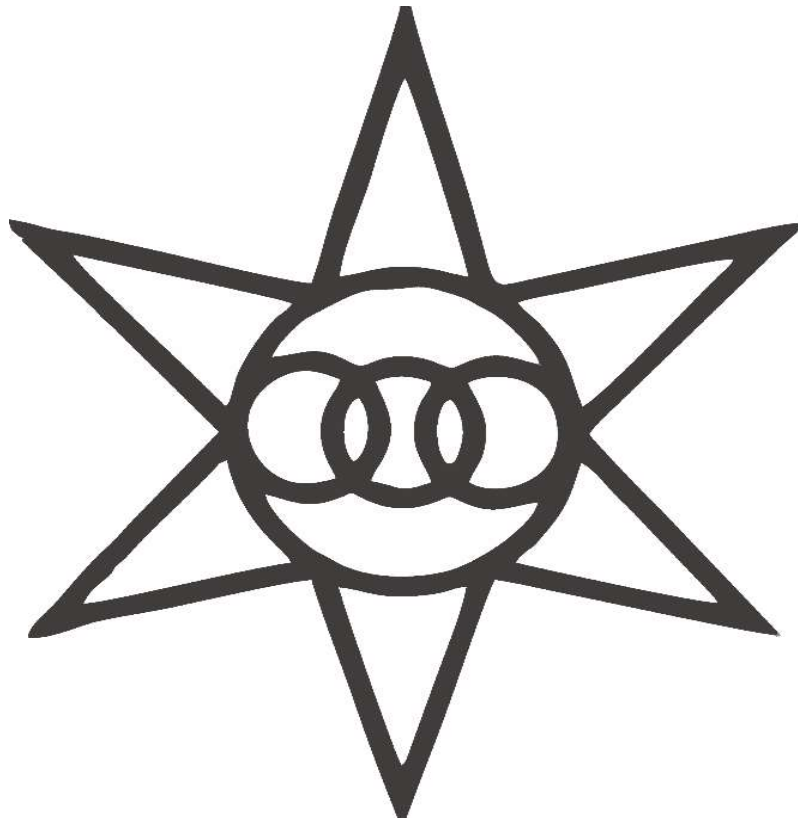
## CAPÍTULO 3

### 3 HIEROFANIA, SIMBOLOGIA E ESPAÇO SAGRADO

#### 3.1 HIEROFANIA E SIMBOLOGIA: Mircea Eliade e desenvolvimento mediúnico na Cultura Ganza

A Cultura Ganza tem seu modo próprio de ser, crer e viver, foi formada pela mistura de vários conhecimentos de guerreiros e guerreiras de diferentes culturas e etnias, possui uma simbologia que a identifica, conforme figura 2 infra, uma estrela de seis pontas com alguns círculos no centro. A estrela de seis pontas se tornou o símbolo da Cultura Ganza, com a construção das quarenta e nove tumbas para a formação da *cultura*. Estas formavam um sextavado, semelhante a uma estrela de seis pontas. Na simbologia abaixo, os círculos centrais representam a mistura das etnias e as interligações. Esta simbologia até então era de conhecimento apenas dentro da *cultura*, sendo portanto, divulgada à partir da autorização das escritas sobre a *cultura*, na obra Cultura Ganza (2019).

Figura 2 - Símbolo da Cultura Ganza.



Fonte: Mascarin, (2019).



Na Cultura Ganza existem vários deuses e deusas menores, totalizando quarenta e nove. Abaixo de cada deus ou deusa menor, estão inúmeras entidades do plano espiritual, e que pertencem às suas respectivas dignas. Todas as divindades possuem características próprias e diferenciadas umas das outras. Com o trabalho mediúnico o médium se interliga ao plano espiritual, e no plano espiritual as divindades por sua vez, se interligam ao plano material, por meio das mediunidades. Deste modo, o uso cotidiano de algumas simbologias auxiliam na interligação dos trabalhos espirituais realizados para a manifestação das divindades, conforme veremos no decorrer desta tese. Neste sentido, assim como, Bellegarde-Smith; Michel (2011), afirmaram sobre os símbolos ao pesquisar a religião *vodun haitiana*<sup>8</sup>, também acreditamos que:

1. Símbolos *apresentam*. Os símbolos tornam tangíveis os valores abstratos, são fonte de poder e representam ideais específicos. Símbolos são culturais e têm valor para a pessoa, para o grupo, para a comunidade e para a sociedade. Têm poder de unir pessoas, criar consenso; em outras palavras, os símbolos *são sociais*. [...]. (BELLEGARDE-SMITH; MICHEL, 2011, p. 41-42).

A Cultura Ganza acredita e entende que o Ser Humano é dotado de mediunidades que possibilitam interligar os dois planos, material e espiritual. Esta é sua maior característica, deu existência a esta *cultura*. Os símbolos fazem parte dos trabalhos mediúnicos realizados dentro *cultura*.

O Chefe das Tumbas formou a *cultura* à partir da unificação de conhecimentos de diferentes guerreiros e guerreiras, esta diversidade e esta dinâmica de unificação de conhecimentos, também nos possibilita dizer que não existe um mito fundador, no sentido de uma história sagrada, ou, que é atribuída sua formação a uma divindade específica, ela foi formada por sujeitos conscientes da unificação de conhecimentos e da finalidade da *cultura*.

Trouxemos uma definição sobre mito de Mircea Eliade para elucidar este assunto:

O mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo o Tempo, *ab initio*. Mas contar uma história sagrada equivale a revelar um mistério, pois as personagens do mito não são seres humanos: são deuses ou Heróis civilizadores. Por esta razão suas gesta constituem mistérios: o homem não poderia conhecê-los se não lhe fossem revelados. O mito é pois a história do que se passou *in illo tempore*, a narração daquilo que os deuses ou os Seres divinos fizeram no começo do Tempo. “Dizer” um mito é proclamar o que se passou ab origine. Uma vez “dito”, quer

<sup>8</sup> Segundo Bellegarde-Smith; Michel (2011, p. 26), o vodun haitiano é originário do Daomé, atual Benin, provavelmente, resultado da fusão de tradições daomeanas, com raízes na bacia do Congo, e nações étnicas das redondezas do oeste e centro da África.

dizer, revelado, o mito torna-se verdade apodítica: funda a verdade absoluta. “É assim porque foi dito que é assim”, declaram os esquimós netsilik a fim de justificar a validade de sua história sagrada e suas tradições religiosas. O mito proclama a aparição de uma nova “situação” cósmica ou de um acontecimento primordial. Portanto, é sempre a narração de uma “criação”: conta-se como qualquer coisa foi efetuada, começou a ser [...]. (ELIADE, 1992, p. 50).

Assim sendo, a unificação de conhecimentos de diferentes culturas e a interligação do plano material e espiritual por meio das mediunidades dos sujeitos desta *cultura*, com diferentes divindades *cativadas* durante sua formação, não se enquadra dentro da categoria mítica. Não podemos generalizar sobre culturas e crenças relacionando-as necessariamente ao mítico. Pois, podem se formar à partir de outras representações ou sistemas. Neste sentido, a Cultura Ganza na sua diversidade e unificação de conhecimentos para a sua formação e a prática mediúnica, se encontra presente na categoria da diversidade. Consideramos importante asseverar que esta *cultura* existe, está viva, sem que haja um mito sagrado, ou sacralizado, que defina sua existência. Ela existe e está viva porque os sujeitos que fizeram e continuam fazendo parte dela, desenvolvem trabalhos nas suas mediunidades, respeitando o modo de ser, crer e viver instituídos durante o processo da sua formação no local das tumbas. Portanto, ela foi formada e continua existindo à partir de um sistema de unificação de conhecimentos de diferentes culturas, mas, um sistema que lhe é próprio, que ela construiu, conforme pudemos ter uma noção no capítulo dois e estamos trazendo sequencialmente.

Neste sentido, a *cultura* respeita cada médium, na sua individualidade mediúnica e na sua potencialidade. É a singularidade do médium. Existe uma mediunidade que é a principal, tendo outra ou mais secundariamente. Diante a diversidade e as complexidades subjetivas que acompanham as mediunidades, o tutor ou tutora espiritual dentro da *cultura*, orienta os trabalhos para o desenvolvimento mediúnico. Nestes trabalhos, as manifestações das divindades – hierofanias - acontecem e as mensagens trazidas nestas manifestações vão sendo paulatinamente decodificadas.

Trouxemos para uma breve análise as hierofanias, ou seja, a irrupção do sagrado, conforme Eliade (1992). É uma das maneiras de entendermos como acontece o fenômeno mediúnico na perspectiva da prática da Cultura Ganza.

Para Mircea Eliade,

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o

que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. (ELIADE, 1992, p. 13).

Mircea Eliade complementa nos seus estudos sobre história das religiões, exemplificando a hierofania mais elementar, qual seja, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, e a hierofania suprema, a encarnação de Deus em Jesus Cristo. Para ele, ambas, fazem parte de um ato misterioso, a manifestação de algo “de ordem diferente”, no nosso mundo “natural” e “profano”, e que não pertence ao nosso mundo.

Poder-se-ia dizer que a história das religiões [...] é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano”. (ELIADE, 1992, p.13).

Assim sendo, as hierofanias, ou seja, a irrupção do sagrado se manifesta ao médium segundo sua mediunidade, ele trabalha interligando o plano material e espiritual, com as divindades que ele *cativa*, e estas lhes traz as mensagens a serem decodificadas por ele.

Para que isto aconteça, o uso cotidiano de alguns símbolos, principalmente durante o desenvolvimento, são necessários e auxiliam os trabalhos mediúnicos, conforme veremos na descrição densa do preparo de alimentos, posteriormente. De antemão, é importante sabermos o que significa preparar o alimento seguindo horários do dia e/ou da noite, no sol e na lua, na vela onde o fogo é aceso para a divindade, e no fogão a lenha para o cozimento dos alimentos. Estes elementos e objetos não são considerados apenas símbolos, são também fontes de energia para a espiritualidade, que paulatinamente, mediante os trabalhos mediúnicos, vão se tornando mais perceptivos e intensos para o médium. Portanto, não são somente representações simbólicas no sentido mental ou tátil, posso ver, posso tocar alguns deles e “pensar neles”, seguindo este raciocínio, não é apenas pensar no sol, na lua, no fogo, ou manusear uma pena de ave, pedra ou cabaça. Para tentar aproximação com uma divindade para *cativá-la*, além desta atividade do pensamento e do tocar algo, ou manusear, o médium precisa estabelecer uma “conexão” entre ele, o símbolo e a divindade. “Um símbolo religioso transmite sua mensagem mesmo quando deixa de ser compreendido, conscientemente, em sua totalidade, pois um

símbolo dirige-se ao ser humano integral, e não apenas à sua inteligência.” (ELIADE, 1992, p. 65).

Assim fazendo, é preciso *cativar* a divindade, num exercício mental e espiritual, ou melhor dizendo, mediúnico, que possibilite fazer a interligação por meio de elementos simbólicos, e a divindade com a qual se está trabalhando. “Ora, o simbolismo desempenha um papel considerável na vida religiosa da humanidade; graças aos símbolos, o Mundo se torna ‘transparente’, suscetível de ‘revelar’ a transcendência.” (ELIADE, 1992, p. 65). Assim sendo, para o trabalho mediúnico são utilizados alguns objetos específicos, símbolos, as divindades, “revelam” sua transcendência ao médium à partir destes, que de alguma forma as identificam. Em vista disto, dizemos que o Mundo, conforme Mircea Eliade, por meio dos símbolos, se torna “transparente” e suscetível de “revelar” a transcendência.

Para esta *cultura* os símbolos são vários e diferentes, cada divindade que o médium *cativa* tem seus símbolos específicos, que corroboram para sua manifestação. Neste sentido, veremos que nas *pianas* alguns deles estão presentes e tem relação com a natureza.

Deste modo, ao longo da tese teremos uma noção de como a simbologia é usada e acreditada dentro desta *cultura*, também, qual sua importância para a prática do desenvolvimento mediúnico.

Sabemos que o desenvolvimento mediúnico é feito pela prática cotidiana, respeita a crença, normas e conhecimentos instituídos durante a formação da *cultura* no local das tumbas. Estas noções estão presentes no modo como se deve trabalhar o desenvolvimento mediúnico. É uma *cultura* com conhecimentos unificados, a reencarnação faz parte dos seus princípios e crença, é algo que está intrínseco na *cultura*, as entidades que não reencarnam mais se manifestam e trazem mensagens do plano espiritual para o plano material por meio das mediunidades, assim acontecem as hierofanias, as manifestações das divindades por meio das diferentes mediunidades. Conseqüentemente ter mediunidade implica na crença da reencarnação, pois, as entidades que não reencarnam mais se manifestam ao médium nas suas mediunidades.

O *cativo* da divindade é cotidiano na *cultura* e para o médium preparar alimento para a divindade, por exemplo, ele primeiro precisa saber, mesmo que minimamente, diferenciar a “presença” de determinada divindade com outras, em outras palavras, conhecer a divindade, saber seu gosto, e o modo correto do preparo do alimento. Em vista disto, a *piana* é importante, é o local sagrado onde o *cativo* é realizado cotidianamente, é onde também é feito uso de algumas simbologias, por exemplo, pontos riscados (aparecem em várias imagens nesta tese),

elementos da natureza, tais como, pedra, água, plantas e terra, apetrechos variados, tais como cuias, penas e artefatos de argila. Estas simbologias estão relacionadas à digina da divindade. Esta se manifesta por meio da mediunidade, ocorrendo assim a hierofania.

A simbologia é variada e é elemento importante para fazer a interligação com as divindades que se manifestam de diferentes maneiras para o médium nas suas diferentes mediunidades. A dedicação e a disciplina são importantíssimas para se “conhecer” as mediunidades e as divindades, e fazer a descodificação das mensagens mediúnicas. Nem todos os médiuns tem a mesma dedicação e desempenho, portanto, nem todos aprendem a preparar alimentos para divindades ao mesmo tempo, mesmo que tenha iniciado o desenvolvimento no mesmo período. É necessário primeiramente adquirir estes aprendizados e conhecimentos para então estar em condições mediúnicas de preparar os alimentos. Ao chegar a este nível, a mediunidade está mais clara e forte neste processo de descodificação. Por sua vez, o preparo de alimentos intensifica e fortalece o médium. Assim, favorece a incorporação, que é a manifestação da divindade no próprio corpo, a clarividência, que são as manifestações das mensagens das divindades nos sonhos, e o *transporte*, trabalho mediúnico com energias. Todas as mediunidades precisam ser descodificadas, isto é feito durante os trabalhos de desenvolvimento do médium.

Assim acontecem as hierofanias, as divindades se manifestam de diferentes maneiras. À vista disto, o conceito de hierofania de Mircea Eliade (1992) nos ajuda a entender sobre as manifestações nos trabalhos mediúnicos dentro da Cultura Ganza.

Isto posto, cabe ao médium conhecer e descodificar suas mensagens, pois, elas possuem um código próprio que é enviado ao médium por meio da sua mediunidade. Neste sentido, o desenvolvimento mediúnico é de suma importância, e as *pianas* são necessárias, sem este espaço sagrado não se pode fazer o desenvolvimento e a preparação do médium nas suas mediunidades, inclusive, para o preparo de alimentos, que necessita de um espaço sagrado para ser preparado e também oferecido às divindades.

### 3.2 TERREIRO SENZALA: Importância das *pianas*

As *pianas* fazem parte do Terreiro Senzala. Elas são o lugar do *cativo* das divindades, da busca espiritual, da espera, e dos resultados do trabalho mediúnico, é um espaço sagrado. Cada médium tem a sua própria *piana*, algumas delas podem ser visualizadas na figura 3 infra.

Figura 3 – *Pianas* do Terreiro Senzala.



Fonte: Mascarin, (2014).

Vemos na figura acima, cuias de casca de coco, cachimbos, alguidares, gamela feita de cabaça, penas de ave, objetos que não são os mesmos em todas as *pianas*. No centro está sendo oferecido alimento preparado para divindades durante o desenvolvimento mediúnico de um dos médiuns.

Além das *pianas*, “mesas”, conforme figura 3 supra, o espaço em torno delas é sagrado, é onde cada médium realiza seus trabalhos mediúnicos interligando o plano espiritual e material, e faz as oferendas de alimentos. Portanto, é um local imprescindível para os trabalhos espirituais mediúnicos.

Os espaços sagrados são para toda e qualquer cultura ou religião, os lugares onde a crença é manifestada segundo seus princípios, seus dogmas, enfim, a forma de acreditar na espiritualidade. Neste sentido, Mircea Eliade fala da importância destes espaços, deste território do meio cósmico, cuja, irrupção do sagrado o envolve e torna qualitativamente diferente. “Todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente” (ELIADE, 1992, p.20). Assim sendo, na Cultura Ganza trabalhar a espiritualidade nos espaços sagrados das *pianas*, faz parte do processo inicial de abertura e de continuidade do desenvolvimento mediúnico. Conforme assevera Mircea Eliade, estes espaços se tonam

qualitativamente diferentes em vista da irrupção do sagrado. Na *cultura*, a irrupção do sagrado acontece por meio das manifestações nas mediunidades.

As *pianas* sempre existiram na Cultura Ganza, desde que esta foi formada. Os guerreiros e guerreiras ao deixarem o local das tumbas, foram montando as suas *pianas* onde escolheram viver. Mesmo aqueles que continuaram nômades, carregaram seus apetrechos para os trabalhos mediúnicos e *cativo* das divindades, montavam suas pequenas *pianas* nos momentos oportunos ou necessários.

À vista disto, a importância das *pianas* na história da formação do Terreiro Senzala iniciou no ano de mil novecentos e oitenta e cinco. Ganza abriu seu primeiro terreiro na cidade de Maringá no Paraná, estando este, localizado na Zona Sete. Batizou-o “Tenda Pai Benedito”, realizando trabalhos espirituais de atendimento ao público e trabalhos de desenvolvimento mediúnico com um grupo de pessoas. A “Tenda Pai Benedito” foi assim denominada por ter uma das divindades pertencentes a esta *cultura*, escolhida para guardião e representante desta “tenda”.

Desde o período da escravidão, várias divindades das crenças afro-brasileiras ficaram conhecidas como, Pai Benedito, Pai Joaquim, Pai José, Vó Maria, não sendo diferente esta maneira de denominar as divindades da *cultura* fora de seu âmbito. Isto acabou sendo mantido na *cultura* para atendimento ao público até recentemente, nestes três últimos anos, quando Ganza decidiu denominar as *pianas* dos médiuns nas suas dignas, com os nomes das divindades na língua da *cultura*. Esta mudança está acontecendo à medida que o médium completa seu desenvolvimento mediúnico e inicia o atendimento ao público, escolhendo seu próprio espaço para trabalhar na sua *piana*.

Isto posto, no ano de mil novecentos e noventa e sete, tendo estabelecido residência no Bairro Guaiapó na mesma cidade, Ganza passou a “Tenda Pai Benedito” aos cuidados de uma de suas médiuns, para que esta realizasse seus trabalhos mediúnicos e atendimento ao público. Nesta época, o espaço era equivalente a um cômodo de aproximadamente dois metros por dois metros e meio. Ganza continuou utilizando o espaço da “Tenda Pai Benedito” para realizar seus trabalhos espirituais, pois, naquela época, não havia necessidade de ter outro espaço para realizar seus trabalhos mediúnicos e seu atendimento ao público. As *pianas* dos médiuns formados por Ganza mantêm “ligação espiritual” com ele. Esta “ligação espiritual” com o médium só é desfeita caso ele tome esta decisão. Assim sendo, ele pode escolher trabalhar espiritualmente em qualquer *piana* formada por médiuns que ele está desenvolvendo, ou desenvolveu.

Deste modo, desde mil novecentos e noventa e sete até o ano de dois mil e três, Ganza fazia uso deste espaço para os seus trabalhos mediúnicos. Contudo, no ano de dois mil e três construiu outro espaço paralelo a “Tenda Pai Benedito”, formando o Terreiro Senzala, para dar início a trabalhos de desenvolvimento mediúnico, abrindo também para ensinar capoeira, artesanato e dança. Todas estas artes e atividades estão relacionadas e interligadas aos conhecimentos da Cultura Ganza. Alguns médiuns participam de todas estas atividades. Outros realizam algumas em função da disponibilidade de tempo, destarte, priorizam o desenvolvimento das mediunidades nas *pianas*. As atividades para além do desenvolvimento mediúnico, como as artes mencionadas, são acréscimos dentro do conhecimento desta *cultura*. Assim sendo, Ganza denominou Terreiro Senzala a este espaço, tendo em vista as várias atividades que ali são realizadas, e pela forma como foi planejada sua construção.

O Terreiro Senzala foi construído com madeiras, telhas, lajotas, lona, materiais reciclados, figura 4, na sequência. É constituído formando alguns ambientes que estão divididos da seguinte forma, espaço para as *pianas* conforme figura 3 anterior, espaço para a prática da capoeira e as danças da Cultura Ganza, figura 4 infra. Neste mesmo espaço são realizados os eventos do terreiro aberto ao público. Foi construído o espaço da cozinha e o espaço para a confecção do artesanato. Todas estas atividades estão reunidas num mesmo local e trazem dos ancestrais da cultura afro-brasileira, mais precisamente, da Cultura Ganza um sentido que para Ganza está muito presente. Seus ancestrais, bisavô e avô, foram trazidos ao Brasil escravizados, viveram na senzala e mantiveram a *cultura* de maneira camuflada, assim como fizeram outros escravizados com as suas crenças e cultura<sup>9</sup>. No Terreiro Senzala existe a memória deste período vivido por seu bisavô e avô, e a ressignificação trazida por Ganza no modo de fazer arte e de viver a espiritualidade desta *cultura*. Após a abolição a Cultura Ganza continuou sendo ensinada por seu avô Joaquim à sua descendência, assim, ela foi se mantendo e sendo transmitida à sua mãe, tios, tias, primos, primas e assim seguiu.

Ganza ouvia no eito de sua família histórias de seu avô de ex-escravizados que juntavam restos de materiais abandonados em qualquer beira, ou terrenos baldios e faziam seus barracos próximos um do outro e próximos às cidades. Segundo Ganza, denominavam estes lugares de “senzala nova”. Este relato é parte da memória presente na tradição sobre a história de seu avô, repetido constantemente nas suas conversas no Terreiro Senzala.

---

<sup>9</sup> Vários autores pesquisaram sobre os escravizados, suas crenças e culturas, a título de exemplo, Edson Carneiro, Artur Ramos e Roger Bastide.



Outro sentido para a denominação Terreiro Senzala, está relacionado a capoeira que Ganza praticou. Seu Mestre Zé Carrasco aprendeu com escravizados na senzala da casa grande a capoeira que ensinou a Ganza. Este iniciou a capoeira com quatro anos de idade, levado por seu avô Joaquim para aprender com Mestre Zé Carrasco.

Estes detalhes e sentidos para Ganza, justificam a denominação Terreiro Senzala. É um pouco da sua própria história e da história desta *cultura*, desde sua ancestralidade à atualidade. Esta, com seu modo de ser, está presente no contexto social do lugar e de todas as pessoas que participam deste espaço do Terreiro Senzala compartilhado pela Cultura Ganza.

Figura 4: Terreiro Senzala – espaço para manifestações da Cultura Ganza.



Fonte: Mascarin, (2020).

Destarte, por todas as razões mencionadas, o Terreiro Senzala foi batizado com esta denominação, significativa e importante para a cultura afro-brasileira, em especial, para a Cultura Ganza desenvolvida principalmente por Ganza neste local.

Assim sendo, neste terreiro a *piana* é o local onde cada médium tem seu espaço sagrado, suficiente para colocar os objetos e oferendas que utiliza nos trabalhos espirituais com suas divindades, para o desenvolvimento mediúnico. Contudo, a *piana* do médium de tempo em tempo muda alguns artefatos, tendo em vista que durante o desenvolvimento são acrescentadas algumas divindades para o *cativo* mediúnico. Destarte, alguns artefatos também deixam de ser necessários na *piana*, conforme a evolução espiritual durante o desenvolvimento. Tudo isto vai

acontecendo dependendo do tempo que o médium dispõe para se dedicar ao desenvolvimento, bem como, do seu potencial mediúnico. Em vista disto, cada *piana* é personalíssima acompanha a singularidade mediúnica.

Após certo período do desenvolvimento, o médium pode levar sua *piana* para casa ou outro espaço onde possa realizar seus trabalhos mediúnicos com as divindades. Este espaço, onde será montada a *piana*, continuará sendo respeitado e sagrado. Até a conclusão do desenvolvimento são mantidas as orientações e alguns trabalhos mediúnicos na *piana* central do tutor, no Terreiro Senzala.

Cada médium, diante a necessidade mediúnica vai desenvolvendo e montando sua *piana*, paulatinamente, para o *cativo* das divindades. Inicia no Terreiro Senzala, conforme supramencionado e visualizado na figura três, no início deste subitem. Depois de certo período, estando apto e preparado para realizar trabalhos com outras pessoas para atendimento, pode levá-la para outro espaço. O objetivo principal do desenvolvimento mediúnico é interligar o plano material e espiritual e se descodificar. Os trabalhos mediúnicos necessariamente e primeiramente, passam pela espiritualidade *cativada* por cada um nas suas próprias *pianas* no Terreiro Senzala, com as divindades que fazem parte do desenvolvimento mediúnico. Após certo período de trabalho, praticando e conhecendo sua(s) mediunidade(s) e as divindades com as quais trabalha, o médium pode iniciar o preparo de alimentos.

Deste modo, o seu desenvolvimento a cada etapa vai sendo praticado e fortalecido dentro da *cultura*. As interligações entre o plano material e espiritual vão sendo trabalhadas nas diferentes mediunidades e níveis da espiritualidade. Neste sentido, diferenças e particularidades durante o desenvolvimento mediúnico não podem ser ignoradas ou generalizadas. À medida que formos descrevendo o preparo dos alimentos na Cultura Ganza, conheceremos um pouco mais sobre as *pianas* do Terreiro Senzala, os detalhes sobre a importância de cada preparo para o desenvolvimento das mediunidades e a importância do preparo de alimentos mediunicamente diante a necessidade de sobrevivência.

### 3.3 INÍCIO DA PREPARAÇÃO MEDIÚNICA: primeiros passos

Antes de darmos início ao próximo capítulo com a descrição do preparo de alimentos para o desenvolvimento mediúnico no Terreiro Senzala, precisamos ter uma noção de como é feita a preparação para o desenvolvimento, para que o médium posteriormente esteja em

condições de fazer o preparo dos alimentos. Esta etapa é extremamente importante para o médium.

Assim sendo, inicialmente são realizadas algumas conversas em que o médium recebe do tutor, uma, ou mais divindades para ajudar nos trabalhos espirituais, ou seja, na intermediação do plano material com o espiritual.

Para dar início ao desenvolvimento da mediunidade, geralmente, em três tempos de conversa eu já vou olhando qual a mediunidade dele. Mas, mesmo assim, ainda eu prefiro “firmar”, fazer uma firmeza<sup>10</sup> em cima da minha certeza pra saber qual a mediunidade dele, quer dizer a linha que ele traz consigo como linha principal, e com o tempo, se ele não tiver condições, vou dizer qual a entidade principal dele. Então é determinado um tempo, pra que ele, nas conversações, nas respostas dadas por mim, ou nas perguntas e respostas dadas por ele, possa concluir. Depois de concluídas estas conversas, fica provado que ele veio daquela linha, que provavelmente é daquela falange. É dada uma entidade e então, terá que esperar uma manifestação.

A linha e a falange é muito difícil eu não conseguir saber qual é. Essa é a iniciação do médium. De acordo que ele começar a *cativar* essa entidade, também começamos a passar responsabilidade para essa entidade. (GANZA, 28 de dez. 2015).

Portanto, nas primeiras conversas do tutor com o médium que está iniciando seu desenvolvimento, são feitas algumas confirmações sobre qual o tipo da sua mediunidade. Após, o médium inicia seus trabalhos mediúnicos com obrigações espirituais juntamente com uma divindade, monta sua *piana* e vai sendo orientado e acompanhado pelo tutor. Deste modo, o médium vai iniciando seu desenvolvimento mediúnico, seja, incorporação, clarividência, *transporte*, clariaudiência, psicografia ou sensibilidade olfativa. Contudo, como mencionado anteriormente, durante a pesquisa apenas as três primeiras mediunidades estavam sendo desenvolvidas, portanto, nos limitaremos à elas.

Os questionamentos do médium sobre mediunidade e a espiritualidade da *cultura* vão sendo esclarecidos pelo tutor, à medida que o trabalho mediúnico vai sendo realizado. A prática mediúnica, também traz respostas aos questionamentos. O tempo para o aprendizado varia de médium para médium, diante o tempo de disponibilidade para os trabalhos mediúnicos, o nível da mediunidade e a dedicação.

No início do desenvolvimento, surgem muitas questões sobre o trabalho mediúnico.

---

<sup>10</sup> “Fazer firmeza” é uma expressão dentro da *cultura*, quando se acende uma vela para a divindade e se busca por meio da mediunidade a resposta a um questionamento.

O tutor me passou uma primeira entidade da linha de De Iajuru com as águas e uma de Caboclo das Águas também. Como você conversa com uma entidade? é o pensamento, é o íntimo, é a emoção. Como a entidade lida com isso? como usar uma piana? qual disciplina deve-se ter para lidar com este tipo de trabalho? além disso... estar sentindo a entidade, talvez para uma incorporação futura, trabalhando também com a clarividência, no sentido de umas intuições muito reais e visões muito reais que eu tinha sempre tive e tenho até hoje, e que esses trabalhos com as entidades me ajudaram muito, até mesmo porque antes eu tinha várias visões eu não tinha resposta daquilo, não entendia porque eu sabia daquilo antecipadamente. Depois que eu comecei a praticar esta espiritualidade, percebi que era um tipo de mediunidade específica, e ela devia ser *cativada* e trabalhada de uma forma. Senão, ela pode até prejudicar, caso não seja *cativada*. (M. R. S., 10 mai. 2016).

Quando o médium inicia o desenvolvimento na *cultura*, geralmente há estranhamento, pois, não se utiliza imagens de divindades ou santos, isto chama a atenção e comentam quando iniciam os trabalhos. As divindades são dadas à eles para *cativar*. De Iajuru, por exemplo, mencionado na transcrição acima, é um deus menor que está presente no cruzamento de caminhos e foi dado para ser *cativado* no desenvolvimento mediúnico. Outra divindade que foi dada para *cativar* foi Caboclo, esta é uma categoria na Cultura Ganza, de divindades de origem desconhecida, diferentemente, por exemplo, das divindades da mata, da lua, do vento, entre tantas outras, cuja origem é determinada geralmente pelo elemento da natureza. Os Caboclos estão presentes na *cultura* desde a formação no local das tumbas. Destarte, a denominação Caboclo das Águas, conforme transcrição acima, deve-se ao fato desta divindade de origem desconhecida estar interligada às águas, mas, a água não é a sua origem, neste sentido, também existem os caboclos da lua, da mata e assim segue. O Médium trabalha com o Caboclo dentro da sua necessidade mediúnica. Para a umbanda, principalmente, e o candomblé, por exemplo, segundo Francelino de Shapanan, Caboclo é o índio civilizado que se misturou com o branco e com o africano.

Caboclo é o índio civilizado que veio para a cidade, que se misturou com o branco e até mesmo com o africano. São deste grupo as entidades que mais baixam na umbanda. Alguns usam expressões em tupi-guarani para se identificar ou se comunicar. Quando manifestado, o caboclo usa panos e faixas com laços, chapéu de palha, enxada. Usa rodilha e não torso. Fuma charuto. Trabalha para resolver problemas, vem brincar e leva recados dos fiéis para a mata, depois trazendo as respostas. É independente e, na maioria das vezes, se apresenta como grande guardião dos orixás, os donos do axé. No candomblé não se admite a incorporação de um mesmo caboclo simultaneamente em vários filhos. (SHAPANAN, 2001, p. 322).

Percebemos, portanto, que existe diferenças nas concepções a respeito das divindades. Estas concepções advêm do conhecimento por meio da prática espiritual e material, bem como, do contexto da cultura, da religião e principalmente dos fundamentos espirituais próprios de cada crença. Esta diversidade de divindades enriquecem e mantêm a cultura, a religião, enfim, a crença em que são conhecidas e trabalhadas espiritualmente e materialmente, pois, a divindades trabalham para problemas espirituais, mas, também para resolver várias questões materiais, tais como, saúde e emprego, por exemplo.

Assim sendo, quando se dá início ao desenvolvimento dentro da *cultura* várias questões surgem, as dúvidas são orientadas pelo tutor para que o médium busque e confirme as respostas pela prática nos seus trabalhos mediúnicos. Destarte, o médium inicia seus trabalhos mediúnicos com o *cativo* das divindades e a descodificação das mensagens diante a sua mediunidade.

Começamos... e me chamou a atenção essa proximidade com a entidade, no sentido de conhecer a entidade, saber sua história e trabalhar com os elementos que eram característicos dela. O tutor pedia para eu fazer uma busca espiritual e saber sobre a entidade, ao *cativá-la* para merecê-la, eu fui fazer fortalecimento da intuição, que faz com que nós consigamos descodificar o nosso código e descodificar as mensagens que nos chegam no nosso cotidiano. São as intuições que todos temos, mas, que não conseguimos descodificar porque não se trabalha essa busca espiritual. Trabalhar as forças da natureza, a mata, sol, lua, vento, para a descodificação da minha mediunidade. Ao fazer este trabalho espiritual, cada médium precisa ter uma ideia da sua busca e como pode fazer para o *cativo* das entidades. Este trabalho é feito pelo próprio *cativo* da entidade, dependendo da entidade e das características do médium. Eu desenvolvo mediunidade de transporte e incorporação. (J.A.A., 07 set. 2016).

Após dar início ao *cativo* das divindades na *piana*, o médium também vivencia períodos de no mínimo vinte e um minutos em alguma fonte da natureza. Neste sentido, existe também um tempo maior de sete horas, ou mais, denominado “chamada espiritual”, em que o médium faz concentrações espirituais mentalizando sua divindade para *cativá-la*, buscando sentir a divindade mais próxima de si, por meio da energia da natureza, seja estando em uma mata, ou num rio, mar, com a lua, sol, à beira do fogo, numa pedreira, e assim segue. O período nestes lugares são denominados “chamadas espirituais”, e são realizadas estas práticas mediúnicas de trabalho com a divindade e a energia da natureza.

Na Cultura Ganza a própria natureza, por si só, é sagrada, tem suas respectivas divindades, por exemplo, *Tanfà Ilu* comanda o sol, *Kimana* a lua, *Mahlagbá* a água, *Baka Ikà*

a pedra. Existem momentos para se trabalhar mediunicamente com estas fontes e suas respectivas divindades. Inclusive em algumas caminhadas por estradas, ou à beira mar.

Fiz quase todas as caminhadas, sempre “concentrando espiritualmente”. Quando acordava tinha que concentrar no sol, no vento, sempre na hora de fazer o almoço, ou jantar, ficava alguém atribuído de acender o fogo, e trabalhar a entidade que fosse trabalhar com o fogo, também todos concentrando em *Oruá*, chamando esse lado, reunindo suas “linhas” nesse lado, a responsabilidade espiritual com o tutor primeiro, depois, com quem estivesse ali manuseando o alimento, o fogo. Cada médium tem certa independência na sua mediunidade, na sua forma de trabalhar, então ficava mais a critério do médium e do seu desenvolvimento com o tutor. (R.C.M., 16 dez. 2016).

Os trabalhos de desenvolvimento mediúnico são realizados considerando cada médium individualmente, na sua singularidade, mesmo trabalhando com as mesmas divindades que o outro médium também esteja trabalhando, como acontece nas caminhadas espirituais, em que, cada um trabalha as divindades trazendo-as na sua mediunidade. Assim, o preparo dos alimentos é feito trazendo a energia do fogo e de *Oruá*, é uma concentração espiritual feita em grupo, contudo, cada médium se “concentra espiritualmente” nesta fonte e nesta divindade respectivamente, por meio de sua mediunidade, e cada um consegue neste trabalho mediúnico, “sentir” um pouco diferente um do outro estas energias. Nesta atividade das caminhadas para o desenvolvimento mediúnico, enquanto caminham, figura 5 infra, fazem concentrações espirituais com as divindades. Estas, são realizadas no mesmo sentido da maneira que são feitas as “chamadas espirituais”, mencionadas acima.

Figura 5 - Caminhada para desenvolvimento mediúnico.



Fonte: ACCAME, (2013).

Percebemos portanto, que a prática mediúnica é constante e requer certa disciplina. Em consequência, o médium começa a mudar alguns hábitos:

No meu desenvolvimento ainda não cheguei a fazer oferenda não. Na espiritualidade você começa e tem pontos, tem fundamentos, que você vai buscar. A minha espiritualidade, eu tive que buscar, querer tê-la. Buscar como? acendendo vela, tem que fortalecer, tem que buscar. Conforme a espiritualidade foi se tornando algo importante na minha vida fui mudando hábitos, eu ficava menos no bar, porque eu tinha que acender vela, eu ficava menos na rua porque eu tinha que ir na mata. (A.C.S.O., 01 mai. 2016).

É preciso interesse e dedicação para conseguir realizar o *cativo* das divindades, receber as mensagens dos trabalhos mediúnicos, observando as respostas, de modo que comecem a fazer sentido no cotidiano do médium. Por este motivo, a dedicação e o interesse aos trabalhos mediúnicos são essenciais durante o desenvolvimento, por esse motivo também, cada médium tem um tempo diferente para concluir seu desenvolvimento. Somente depois de conhecer e praticar a mediunidade, por certo período, é que o médium estará em condições de iniciar o preparo de alimentos para as divindades. Primeiro ele precisa realizar algumas práticas e adquirir alguns conhecimentos.

O trabalho com os elementos da natureza faz parte dos trabalhos mediúnicos. Em vista disto, não somente no período do desenvolvimento são necessários, precisam ser trabalhados mediunicamente mesmo depois de concluído o desenvolvimento. Nas *pianas* os trabalhos mediúnicos individuais são cotidianos. Logo que inicia o desenvolvimento se tornam parte do dia a dia do médium, também são feitos trabalhos em grupo, figura 6 infra, marcados para acontecerem a cada sete dias.

Figura 6 – Médiuns se concentrando conjuntamente para trabalho espiritual.



Fonte: Mascarin, (2016).



Conforme podemos ver na figura 6, as médiuns acendem velas, também os médiuns, que aparecerão em outras imagens. Cada qual trabalha com suas divindades e também fazem “puxadas espirituais” trabalhando a energia da divindade do outro médium por alguns minutos ao ser convidado para esta participação. Assim, podemos visualizar na imagem acima uma das *pianas* do Terreiro Senzala, que está sendo usada para o trabalho em grupo. Este local da *piana* é sagrado, é onde é feito o *cativo* das divindades e os trabalhos de desenvolvimento das mediunidades. Na figura 3, anteriormente, vimos várias *pianas*, é um espaço onde é feito o trabalho mediúnico por cada médium, individualmente, é um espaço menor. Para o trabalho em grupo é ocupado um espaço maior, onde fica “assentada” uma *piana* para o trabalho do grupo. Neste dia terminado o trabalho mediúnico são feitas conversações, em que, o tutor abre para perguntas sobre o desenvolvimento e sobre a *cultura*.

O trabalho mediúnico com a energia das fontes da natureza faz parte da prática mediúnica, são importantes para a interligação da divindade com o médium, de modo que, as manifestações das divindades nas mediunidades, possam acontecer nos momentos em que o médium trabalha mediunicamente, fazendo suas concentrações espirituais e “trazendo” suas divindades, assim acontecem as hierofanias, conforme vimos no subitem 3.1. O conceito de Mircea Eliade (1992, p. 13) vai ao encontro do sentido atribuído pela Cultura Ganza às manifestações sagradas, que se apresentam de diferentes maneiras, seja pela incorporação, em que o médium se concentra na divindade, trazendo-a e cedendo sua matéria para esta enviar suas mensagens; seja por meio do transporte, concentrando na divindade e trazendo suas energias (sem incorporação) para o alívio de energias “pesadas” de outra pessoa; seja pela clarividência, em que o médium se concentra na divindade e esta, se manifesta durante o sono trazendo mensagens nos sonhos. As mesmas estarão na descrição densa do preparo de alimentos.

Assim sendo, de maneira semelhante ao que acontece no trabalho mediúnico na *cultura*, e que está sendo realizado no Terreiro Senzala em relação a manifestação de incorporação, Nina Rodrigues descreve este tipo de manifestação em terreiro de candomblé na Bahia. Trouxemos a transcrição, abaixo, pois, nosso intuito é estarmos apontando algumas semelhanças que reiteram a ocorrência deste tipo de manifestação mediúnica, e que iremos descrever no próximo capítulo, como é trabalhado seu desenvolvimento na Cultura Ganza.

A pessoa em quem o santo se manifesta, que está ou cai de santo na gíria de candomblé, não tem consciência dos seus actos, não sabe o que diz, nem o que faz, porque quem fala e obra é o santo que dele se apoderou. Por esse motivo,



desde que o santo se manifesta, o indivíduo, que é d'elle portador, perde a sua personalidade terrestre e humana para adquirir, com todas as honras a que tem direito, a do deus que nelle se revela. (RODRIGUES, 1935, p. 99-100).

Inclusive, a incorporação é uma das manifestações que mais aparece nos terreiros afro-brasileiros. Neste sentido, Lísias Nogueira Negrão, também descreve a incorporação em terreiros de umbanda no Estado de São Paulo.

Nas giras descem os espíritos, genericamente chamados de guias, orixás ou santos. Descem incorporando-se nos médiuns, inclusive nos pais-de-santo, invocados e despedidos por seus pontos cantados, ao som dos atabaques e (ou) das palmas ritmadas. [...] Alguns, sobretudo os Orixás propriamente ditos, tomados de empréstimo do panteão africano, vem apenas para ser homenageados; incorporam-se, dançam, mas, não dão passes nem consultas. [...] Os demais guias descem para trabalhar: dão passes e consultas. [...] Os tipos constituem as imprecisas sete linhas da Umbanda, que podem variar qualitativamente e quantitativamente de terreiro para terreiro. (NEGRÃO, 1996, p. 201-202).

No trabalho de desenvolvimento mediúnico na *cultura*, a divindade se manifesta incorporando no médium, no momento em que este “faz a puxada” espiritualmente – expressão utilizada nos trabalhos mediúnicos - para trazer a divindade do plano da espiritualidade para a sua matéria. A manifestação vai se intensificando com a prática. Após algum tempo de atividade mediúnica de incorporação, são oferecidos passes e orientações a outros médiuns em desenvolvimento, e ao visitante interessado por este trabalho.

A clarividência geralmente ocorre nos sonhos, dizemos geralmente, porque para alguns médiuns ela vem pela intuição sobre algo estando ele acordado, uma espécie de “visão”. É feito desenvolvimento mediúnico para que as mensagens nos sonhos ou estas “visões” sejam decodificadas. Os trabalhos mediúnicos de clarividência também estão relacionados à leitura de cartas e jogos de “descodificação” dentro da *cultura*, que num estágio um pouco mais avançado do desenvolvimento mediúnico é ensinado aos médiuns.

Na Cultura Ganza se respeita o clarividente quando é manifestada uma mensagem no sonho, o médium precisa saber o seu significado, ou procurar saber. Assim também acontece com as *intuições* de mensagens do plano espiritual. Deste modo, ocorre a hierofania – irrupção do sagrado – em que a divindade manifesta a mensagem que precisa ser “entendida”, ou seja, decodificada pelo médium. Assim, dentro de tradições africanas, este tipo de acontecimento

faz parte do dia a dia. Para a *cultura*, esta tradição continuou viva aqui no Brasil, sendo trabalhada na espiritualidade, segundo a crença e prática da *cultura*.

Hampâté Bâ apresenta um exemplo:

Mas a vida africana é entremeada deste tipo de acontecimentos que, para nós, são parte do dia-a-dia e não nos surpreendem de maneira alguma. Antigamente, não era raro ver um homem chegar a pé de uma aldeia distante apenas para trazer a alguém um aviso ou instruções a seu respeito que havia recebido em sonhos. Feito isto, simplesmente retornava, como um carteiro que tivesse vindo entregar uma carta ao destinatário. Não seria honesto de minha parte deixar de mencionar este tipo de fenômenos no decorrer da história, porque faziam – e sem dúvida, em certa medida ainda fazem – parte de nossa realidade vivida. (HAMPÂTÉ BÂ, 2003, p. 15).

A clarividência é uma manifestação mediúnica que acontece independentemente do querer, é manifestada principalmente no sonho e traz mensagens codificadas. Na Cultura Ganza é ensinada durante o desenvolvimento do médium a descodificação, para que esta mediunidade seja útil à sua vida cotidiana. Neste sentido, alguns médiuns tem esta mediunidade como principal, portanto, mais intensificada que as outras.

Sobre o *transporte* mediúnico, este, está relacionado ao trabalho com energias das divindades, pessoas e ambientes, sem que o médium incorpore. Existem diferentes trabalhos realizados com esta mediunidade, um dos exemplos que costuma ser o mais conhecido, de modo geral em diferentes crenças é o trabalho do benzimento.

O benzedor ou a benzedeira é um especialista que, podendo ser também um experiente, alia a essa condição um dom especial, que caracteriza sua especialidade: sabe benzer mau-olhado, quebranto, “ersipla” (erisipela) e outras doenças suscetíveis de benzeção. O benzedor usa orações fortes e, muitas vezes, água e ramos de ervas no momento da benzeção. (MAUÉS; VILLACORTA, 2001, p. 27-28).

A(o) benzedeira(or) ou rezadeira(or), tem várias e diferentes opções, com a qual aprende a trabalhar esta mediunidade para o benzimento. Alguns dos benzimentos são feitos com ramos de ervas, água, com rosário de contas de lágrimas (*Coix lacryma-jobi L.*) ou sementes, também pode ser feito o benzimento com as brasas, estes são apenas alguns exemplos, pois, existem muitas formas para o benzimento.

Na *cultura* nem todos precisam aprender a desenvolver todas estas mediunidades, é importante que seja trabalhada a mediunidade principal, as outras são ensinadas e

desenvolvidas, inclusive, pelo fato de alguns médiuns chegarem para o desenvolvimento na *cultura* tendo capacidade e força mediúnica não apenas na sua mediunidade principal, assim sendo, é importante que os diferentes tipos sejam descodificados. À partir do conhecimento e da prática inicial do desenvolvimento mediúnico, à medida que o médium faz seus trabalhos com as divindades e os elementos da natureza, trazendo a descodificação para sua mediunidade, vai se tornando capacitado para trabalhar mediunicamente. Este trabalho é importante culturalmente, pois, é realizado pela prática e crença respeitando o modo de ser, crer e fazer da Cultura Ganza. Veremos sequencialmente que a “presença” das divindades no modo de preparar os alimentos mediunicamente, remete à ancestralidade da *cultura* e ao respeito com a natureza. É uma das maneiras de apaziguar, pois, o preparo do alimento serve para nutrir o corpo (matéria) e o espírito.

A historicidade da sensibilidade gastronômica, explica e é explicada pelas manifestações culturais e sociais como espelho de uma época e que marcaram uma época. Neste sentido, o que se come é tão importante quanto quando se come e onde se come, como se come e com quem se come. Enfim, este é o lugar da alimentação na História. (SANTOS, 2005, p. 12-13).

## **CAPÍTULO 4**

### **4 PREPARO DE ALIMENTOS PARA O DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO**

#### **4.1 COMIDA, ALIMENTO E DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO NA CULTURA GANZA**

A descrição densa neste capítulo sobre o preparo de alimentos para o desenvolvimento mediúnico, requer que pensemos sobre alguns aspectos importantes relacionados ao alimento, a comida e o ato de alimentar-se, para entendermos estes significados na Cultura Ganza. Neste sentido, Luís da Câmara Cascudo, Roberto Da Matta e Luce Giard são alguns dos autores que nos ajudam a fazer este caminho.

Inicialmente,

Temos o alimento e a comida. Comida não é apenas uma substância alimentar, mas, é também um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se. E o jeito de comer define não só aquilo que é ingerido como também aquele que ingere. De fato, nada mais rico, na nossa língua, que os vários significados do verbo comer em suas conotações. (DA MATTA, 2001, p. 56).

Dentro da perspectiva de que a comida não é apenas uma substância alimentar, mas, um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se, acrescenta Roberto Da Matta, “[...] A comida vale tanto para indicar uma operação universal – o ato de alimentar-se – quanto para definir e marcar identidades pessoais e grupais, estilos regionais e nacionais de ser, fazer, estar e viver”. (2001, p. 57). Luce Giard questiona:

Para que comer? Primeira evidência: para satisfazer as necessidades energéticas do organismo. Como as demais espécies animais, o homem tem que submeter-se a esta necessidade por toda a vida: mas distingue-se do reino

animal por sua prática de períodos de abstinência (voluntária, por medida de economia, em tempo de penúria) que podem chegar à observância de um jejum prolongado (Ramadã do islã, ritos de purificação iniciática dos africanos) ou até à recusa obstinada de qualquer alimento (anorexia, greve de fome por opção política, isto é, opor a contraviolência do poder ou da ordem estabelecida). (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2013, p. 228).

Para Luís da Câmara Cascudo “O ato de alimentar-se transcendeu do próprio imediatismo fisiológico da nutrição. Virtudes e vícios, a vida e a morte, contêm-se nos alimentos e são levados ao organismo em potência espiritual.” (CASCUDO, 2004, p. 66).

Portanto, são várias as maneiras de pensar o alimento, a comida e o ato de alimentar-se. Segundo estes autores, o jeito, o modo e o estilo de alimentar-se, está para além da necessidade de satisfazer o organismo e marcar identidades, assim sendo, o alimento leva em potência espiritual ao organismo as virtudes e os vícios, a vida e a morte. É nesta diversidade e riqueza de pensamento sobre o ato de alimentar-se e sobre a importância do alimento, que podemos encontrar maneiras de seu preparo, de modo que possa satisfazer não somente o organismo, mas, também o espírito. Neste sentido, podemos pensar o modo de preparar o alimento trabalhando mediunicamente.

Assim sendo, para a Cultura Ganza o alimento não é apenas uma substância que nutre o corpo, ou seja, alimento, alimenta, quer dizer, nutre cada parte do corpo, cada órgão, e o sangue, que o compõe, além de trazer vigor e força também ao espírito. Na *cultura* se entende que a comida abastece, “mata a fome”. Alimento, engloba um sentido maior e mais profundo ao seu significado. Para além da nutrição no que diz respeito a comida, o alimento sendo preparado mediunicamente, traz ao corpo e ao espírito além da nutrição, uma energia que integra e interliga-se às propriedades de seus nutrientes por meio do trabalho mediúnico com as divindades, trazendo energia, que também é denominada força do plano espiritual pelo modo de preparar o alimento trabalhando mediunicamente. Uma diferença, grosso modo, para o sentido de comida e alimento seria como dizer: *faço* a comida. *Preparo* o alimento. Em que *fazer* não seria necessariamente *preparar*, no sentido que estamos atribuindo à maneira do preparo, qual seja, interligar o feitio do alimento com as divindades por meio da mediunidade.

Refletindo um pouco mais sobre estes dois sentidos, podemos observar também que, comumente num restaurante não se diz: quero ver o cardápio dos alimentos. Diz-se: quero ver o cardápio das comidas, ou então, dos pratos. A palavra “preparar a comida”, quando se vai cozinhar, geralmente em casa, dá um sentido mais caloroso ao seu feitio. Assim portanto, *preparar é trazer algo mais* ao feitio do alimento, significa para a *cultura*, interligar com divindades que por sua vez são interligadas às energias da natureza, seja a lua, que para a *cultura*

não é simplesmente a lua, mas sim, a *lua de Kimana*, assim como, o *sol de Tanfá Ilu*, as *águas de Mahlagbá* e assim segue, conforme veremos sequencialmente nesta descrição densa.

O alimento que estamos falando são sementes, grãos, raízes, frutos do mar, retirados da natureza, ou, sem ter outra opção, é feito uso apenas de alguns processados pela indústria, como o leite de coco e o azeite de dendê, que são acrescentados ao preparo. Preparar significa *buscar pela prática mediúnica* elaborar o alimento de modo que possibilite trazer energia e força dos elementos da natureza e das divindades durante sua confecção. Isto, corrobora para aumentar o vigor físico e espiritual no ato de alimentar-se.

Durante a formação da *cultura* no local das tumbas, o guerreiro e a guerreira responsáveis pelo preparo dos alimentos, ensinava sobre os benefícios e malefícios de diferentes alimentos. Ensinava como trabalhar com *Oruá* e outras divindades para o preparar alimentos, incluindo bebidas, que também são consideradas alimentos. Os preparos serviam tanto para a saúde física como para a saúde espiritual. Estes conhecimentos foram sendo transmitidos dentro da *cultura* e praticados nestes milênios. Entretanto, a questão da obtenção de determinados alimentos prescritos para consumo, que deveriam ser preparados de produtos do próprio cultivo de grãos, sementes e frutos retirados *in natura*, aves não voantes da própria criação ou sabendo a procedência, com o passar do tempo foram se tornando mais difíceis e escassos. Destarte, também ficou autorizado o consumo de carnes em geral. Deste modo, Ganza, na segunda metade do século XX, decidiu mudar algumas normas sobre a alimentação que eram respeitadas desde a formação da *cultura*.

Coube a ele tomar esta decisão. O que não significou abolir as normas alimentares anteriores, elas estão mantidas. Esta decisão foi tomada em vista da dificuldade em obter determinados alimentos e com isto, ter mais opção para alimentar-se, os *preparos* seguem no mesmo sentido, trazendo a espiritualidade. Por exemplo, o consumo de peixes de couro, muitas vezes o acesso a determinadas espécies de peixes é dificultoso. À vista disto, foi liberado o consumo de peixes de modo geral. Na *cultura* acredita-se que existe maior mistério no peixe de couro em relação ao peixe com escamas. No sentido do mistério e não do consumo, por exemplo, as baleias (*Balaenoptera physalus*, *Balaenoptera cetacea*, além de outras espécies), são mamíferos marinhos gigantes, também os tubarões (*Carcharodon carcharias*, *Sphyrna lewini*, além de outras espécies), são peixes de couro de diferentes espécies que numa observação mais atenta aguçam a inteligência humana. Os peixes de couro, por exemplo, cascudo (*Plecostomus commersoni*), bagre (*Pimelodus ornatus*), possuem uma relação mais direta com o barro, com as locas, “interligando” estes dois elementos da natureza, água e terra.

Estes exemplos, fazem parte do significado do consumo do peixe de couro estabelecido no início da *cultura*, ademais, os preparos são feitos mediunicamente com divindades interligadas às águas.

Assim também, existem alguns casos específicos, em que o médium independentemente da mudança em relação ao consumo dos alimentos, só pode comer peixes de couro, depende da especificidade do trabalho mediúnico que ele necessita cumprir. Portanto, sua obrigação mediúnica fica condicionada a este detalhe, neste caso, não pode haver substituição para outra espécie de peixe.

Portanto, para se consumir um alimento, além do seu preparo mediunicamente, a procedência e o mistério nele contidos foi respeitado durante a formação da *cultura*. Mesmo com as mudanças recentes na alimentação, onde for possível continuar com as prescrições alimentares anteriores, elas podem ser mantidas. Diante o exposto, percebemos que o problema da alimentação afetou de algum modo o consumo de determinados alimentos dentro da *cultura*. Contudo, a maneira de seu preparo não mudou, eles continuam sendo preparados mediunicamente com as divindades ancestrais pertencentes a Cultura Ganza. O trabalho mediúnico durante o preparo do alimento é de suma importância, envolve detalhes do plano da materialidade e da espiritualidade

Neste sentido, para preparar o alimento é necessário certo conhecimento no *cativo* das divindades, para que seja realizado com os conhecimentos da *cultura*.

Em suma, comida é algo para o corpo, alimento é algo para o corpo e para o espírito e o ato de alimentar-se constitui em maneiras de usufruir deste benefício.

Para finalizar trazemos de Claude Lévi-Strauss uma visão sobre a importância da valorização de certos detalhes, que muitas vezes são aparentemente insignificantes no estudo de uma cultura desconhecida, ou pouco conhecida. Para exemplificar, nas receitas culinárias dos Kwakiutl, grupo étnico estudado por Franz Boas, detalhes das substâncias alimentares das receitas culinárias foram reveladores para o estudo mitológico.

[...] Boas estimulou um de seus informantes a escrever todas as receitas culinárias de sua tribo, e ele as traduziu e publicou, dentro da concepção de que não se pode pré-julgar o que é importante e o que não é. Para o estudo de uma cultura pouco conhecida ou desconhecida, detalhes aparentemente insignificantes são às vezes os mais reveladores.

[...] as receitas Kwakiutl forneceram-me a chave para certos problemas mitológicos, revelando as relações de compatibilidade ou incompatibilidade entre as substâncias alimentares, relações que não são apenas uma questão de gosto. (LÉVI-STRAUSS, 1908, p. 63).

Portanto, no campo da pesquisa o cuidado na análise dos detalhes é sempre importante, podem ajudar a encontrar respostas ou sentidos, que são fundamentais no modo de conceber determinado conceito ou a prática de uma cultura.

#### 4.2 PREPARANDO O ALIMENTO PARA AS ENTIDADES E O CORPO MEDIÚNICO PARA A INCORPORAÇÃO

O preparo de alimentos para entidades, objetivando o desenvolvimento da incorporação, faz parte do trabalho em que se está preparando o corpo mediúnico, ou seja, a matéria e o espírito, para que a manifestação da entidade possa se intensificar e ser “disciplinada” no decorrer do desenvolvimento mediúnico. Para que isto aconteça, o médium vai interligando o alimento com as entidades por meio da mente, do espírito, e das energias da natureza. O modo de preparar o alimento é uma das vias para chegar ao aprimoramento mediúnico e à sua descodificação.

A incorporação é denominada “possessão” em várias religiões, e como diz Maria Odete Vasconcelos, é uma das pilastras das religiões afro-brasileiras: “O estado de ‘possessão’ faz parte do cenário de quase todas as religiões. É, sabidamente, uma das pilastras das religiões afro-brasileiras [...]”. (VASCONCELOS, 2006, p. 59).

Diante a importância do trabalho com a incorporação dentro da *cultura*, e que está sendo desenvolvida por médiuns no Terreiro Senzala, estamos trazendo este assunto para a nossa pesquisa.

Assim sendo, após certo período de trabalho espiritual com o *cativo* das divindades na *piana* e com algumas fontes da natureza, conhecendo e praticando a mediunidade, conforme vimos até o momento, o médium está preparado para dar início ao preparo de alimentos. No trabalho mediúnico de incorporação, deuses e deusas menores não incorporam, apenas *irradiam* sua energia e força espiritual. As entidades fazem parte de suas respectivas *diginas* e podem incorporar, pois, são espíritos que já encerraram suas reencarnações e podem “visitar” a matéria do médium por meio da incorporação.

Em vista disto, o preparo de alimento que estamos trazendo para ajudar no desenvolvimento mediúnico da incorporação é à base de milho. Este é triturado no pilão, portanto, milho pilado. No Terreiro Senzala este é um dos alimentos utilizados para preparar diferentes pratos para divindades nas várias *diginas*, que por sua vez se dividem em *linhas*. As *linhas* são ramificações compostas por entidades à partir da *digina* (origem) de determinado



deus ou deusa menor. Por exemplo, as entidades que pertencem a digina de *Kimana* – origem é *Kimana* - deus menor da lua, constituem sua *linha*. Assim sendo, pode-se dizer que uma entidade pertence a digina de *Kimana*, ou então, à *linha* de *Kimana*. Nos trabalhos mediúnicos são utilizados ambos os termos.

Dando seguimento à descrição utilizando o exemplo acima, significa, o médium que trabalha espiritualmente com *Kimana* ou com entidades que pertencem à sua digina, faz trabalhos mediúnicos com este deus menor à noite, no período em que a lua em qualquer de suas quatro fases, cheia, minguante, crescente ou nova, aparece no céu. Para a Cultura Ganza a lua e o sol, respectivamente, *Kimana* e *Tanfà Ilu* são os deuses menores destes elementos da natureza, são fontes de energia para os trabalhos mediúnicos. Estes deuses menores fazem parte da ancestralidade da *cultura* desde sua formação, assim como outros deuses e deusas menores que veremos sequencialmente.

Mircea Eliade de maneira semelhante traz um modo de conceber a lua, o sol, a terra, no seu sentido sagrado, que vai ao encontro deste modo de conceber a força destes elementos da natureza. Esta força faz parte da prática dos trabalhos de desenvolvimento das diferentes mediunidades.

Todo objeto religioso “encarna” sempre alguma coisa: o sagrado [...]. Encarna-o pela sua faculdade de ser – como, por exemplo, o Céu, o Sol, a Lua, a Terra, etc. [...] a Lua nunca foi adorada em *si mesma*, mas no que ela revela de sagrado, quer dizer, na força que está concentrada nela, na realidade e na vida inesgotável que manifesta.” (ELIADE, 2008, p. 131, grifo nosso).

Em vista desta força inesgotável, sagrada para o médium, ele direciona sua mente e seu espírito estabelecendo “conexão”, ou seja, vai interligando-se com o deus ou deusa menor que está naquele elemento. É um exercício que deve ser praticado cotidianamente, no mínimo a cada sete dias. Assim, paulatinamente vai conseguindo conhecer e aumentar a intensidade da interligação com a divindade. O tutor orienta e acompanha o desenvolvimento e os resultados desta prática.

Para o preparo dos alimentos, o médium deve inicialmente respeitar o elemento da natureza que faz parte da digina da divindade. Por exemplo, a mata de *Zhipoá*, a água de *Mahlagbá*, a lua de *Kimana*, a pedra de *Baka Iká*. Este respeito implica em preparar o alimento que é daquela divindade.

Assim sendo, o preparo do alimento que segue, dito anteriormente, é o milho. Câmara Cascudo fez um interessante estudo sobre a importância deste produto e da sua herança pré-histórica dedicado a algumas divindades:

[...] As civilizações asteca, inca, chibcha, maia, alimentaram-se do milho e as populações contemporâneas são devotas à herança pré-histórica. Tonacajohua, *a que nos sustenta*, é a deusa do milho no México, de *tonacayotl*, “nossa carne”, tradução do vocábulo. Vê-se pelo POPOL-VUH que o milho é anterior aos deuses. Zia é outra divindade dedicada a ele. [...] na embocadura do Rio S. Lourenço no Canadá à foz do Rio da Prata, ao sul, denuncia a comunidade do sabor tornado insuperável. No templo do Sol, Coricancha, em Cusco, havia a representação no altar da constelação “El Fogón”, correspondendo às quatro estrelas do “Cruzeiro do Sul”. [...] Popular no Brasil nortista foi o *aluá de milho*, leve e saboroso, de nome árabe ou africano. (CASCUDO, 2004, p.108-109).

Observamos a presença deste alimento do mundo profano no campo sagrado de várias crenças, desde tempos imemoriais.

E assim, considerando o milho como um alimento digno de ser oferecido às deusas e aos deuses, iniciamos propriamente o preparo do alimento.

Primeiramente, o milho, principal produto utilizado para a confecção do prato que estamos descrevendo, foi colhido numa roça por alguns médiuns e pelo tutor, para ser preparado de maneira que pudesse ser oferecido às divindades. Esta relação da colheita do alimento pelo médium é importante para as interligações com as divindades. Faz parte do trabalho mediúnico.

Depois de colhido, o milho é oferecido em concentração espiritual para *Oruá*, deus menor do alimento, para ser abençoado e para dar abertura às interligações que serão feitas durante seu preparo. Na sequência foi levado para receber a energia da lua de *Kimana* e do sol de *Tanfá Ilu*, durante *uma lua* - expressão utilizada na *cultura* para determinar o tempo de um dia e uma noite -. Após foi levado para a *piana*, onde foi riscado o ponto da entidade e feita concentração mediúnica direcionando à ela, para buscar suas energias por vinte e um minutos. Feito isto, o milho foi deixado no espaço próximo a *piana* para ser energizado com a respectiva entidade durante sete horas. Para esta mesma entidade será oferecido o alimento posteriormente, depois de terminado seu preparo. O objetivo é que esta entidade se manifeste no trabalho de incorporação quando for “chamada” para “visitar” a matéria.

Depois desse primeiro trabalho com *Oruá*, a lua de *Kimana* e o sol de *Tanfá Ilu*, para a energização do alimento, na *piana*, o milho é pilado, conforme figuras 7 e 8 infra. A médium ficou o tempo necessário na *piana* para a pilagem do milho, se concentrando espiritualmente –

elevando a mente e o espírito - para a entidade, a qual, está já sendo direcionado o alimento. Vemos no chão à esquerda da figura 8, um ponto riscado com giz e uma vela. Durante o tempo em que o milho é pilado a vela permanece acesa e é feita concentração mediúnic de “busca espiritual” da entidade, além do pedido de energização do alimento e força para a incorporação.

Figura 7 – Milho sendo pilado.



Fonte: Mascarin, (2014).

Figura 8 – Milho pilado para preparo de comida .



Fonte: Mascarin, (2014).

A ação de pilagem do milho é importante para o médium de incorporação, de modo geral, pois, durante este trabalho é feito esforço físico para triturar o alimento, ao mesmo tempo

ele vai buscando espiritualmente a entidade, se concentrando nela e tentando “trazê-la”, senti-la – sua energia -. É um exercício de esforço físico, mental e espiritual. Por meio da pilagem tenta a aproximação da entidade, e um detalhe, não pode deixar que ela incorpore. Este detalhe é importante, para que a divindade respeite o médium e apenas “visite a matéria” quando este “chamar por ela”. Portanto, ela vai apenas sentir sua “presença”, sua energia durante este trabalho mediúnico.

Alguns médiuns tem maior facilidade para a incorporação, outros não. Assim, antes de preparar o alimento para o trabalho de incorporação, cada médium faz trabalho mediúnico com a entidade, junto a alguns elementos da natureza, algumas caminhadas e “chamadas” espirituais e principalmente as concentrações mediúnicas na *piana*, conforme mencionado anteriormente. Com isto, também está trabalhando a mediunidade de *transporte*, necessária para a incorporação.

Assim sendo, depois de pilar o milho e deixá-lo energizando espiritualmente na *piana*, é passada em uma panela de ferro, uma planta denominada popularmente como guiné (*Petiveria alliacea*), figura 9, infra.

Figura 9 – Guiné (*Petiveria alliacea*) sendo passado na panela de ferro.



Fonte: Mascarin, (2014).

As plantas possuem uma característica reconhecida por diferentes religiões e culturas, nas suas respectivas crenças, que é seu “poder” de cura e limpeza espiritual. São utilizadas para

banhos de purificação e remédios. Assevera Odete Vasconcelos “Desde o nascimento até a morte, o vegetal mantém com os humanos uma relação protetora em todos os aspectos do viver”. (VASCONCELOS, 2006, p. 45). Neste sentido, as plantas e tudo o que se pode relacionar a elas, são formas que nos mantêm próximos desta fonte da natureza.

O guiné (*Petiveria alliacea*) é uma planta utilizada para trabalhos mediúnicos com divindades da *cultura*, principalmente da digina de Bam-mgazalam, deusa menor do tempo e dos caminhos. Tendo em vista que o alimento está sendo preparado para entidade desta digina é passada esta planta na panela onde o milho vai ser cozido.

Uma observação, não são todos os preparos de pratos para divindades de Bam-mgazalam que se utiliza a planta guiné. Existem vários modos e diferentes produtos para o preparo, conforme o trabalho mediúnico para o desenvolvimento.

Conforme figura 10 infra, foi colocado um pouco de azeite de dendê na panela que fora passado o guiné (*Petiveria alliacea*), acrescentado cheiro verde e não é colocado sal, pois, este produto é utilizado para banhos de purificação, entre outros trabalhos mediúnicos com finalidades semelhantes, por este motivo se torna interdito, não sendo adicionado ao milho que será oferecido a entidades de *Bam-mgazalam*.

Figura 10 – Milho sendo cozido em panela de ferro e fogão a lenha.



Fonte: Mascarin, (2014).

Em vista disto, podemos atribuir a este interdito a noção de impureza de Mary Douglas: “Para concluir diremos que se o impuro é o que não está no seu lugar, devemos abordá-lo pelo

prisma da ordem. O impuro, o poluente, é aquilo que não pode ser incluído se se quiser manter esta ou aquela ordem.” (DOUGLAS, 1991, p.33). O sal é impróprio, se torna poluído, impuro, para ser acrescentado ao preparo de alimentos para divindades da *cultura*. Como veremos posteriormente, o sal é adicionado ao alimento para ser consumido pelos médiuns, somente depois de retirada uma parte que é oferecida na *piana* para as divindades.

De modo geral, os interditos alimentares estão relacionados segundo a crença religiosa ou a cultura. São considerados impuros e incompatíveis. Seguindo por este caminho, além de Mary Douglas, Emile Durkheim também apresenta alguns interditos<sup>11</sup>:

Inicialmente, além daqueles ligados à religião, há outros que se vinculam à magia. Uns e outros tem em comum o fato de sancionar incompatibilidades entre determinadas coisas e prescrever a separação das coisas assim declaradas incompatíveis. Mas, há entre ambos diferenças muito grandes.” (DURKHEIM, 2008, p. 364).

Para este autor:

O interdito religioso implica necessariamente a noção de sagrado; vem do respeito que o objeto sagrado inspira e tem por finalidade impedir que se falte a esse respeito. Os interditos mágicos supõe apenas a noção totalmente leiga de propriedade. As coisas que o mago recomenda manter separadas, são as que, em razão de suas propriedades características, não podem ser misturadas ou aproximadas sem perigo. (DURKHEIM, 2008, p. 365).

Em suma, o interdito é algo que não pode ser incluído, se quiser manter a ordem, bem como, sanciona incompatibilidades, suas propriedades características não podem ser aproximadas ou misturadas sem perigo.

Respeitando o sal como interdito, na sequência do preparo do alimento, fora adicionado o milho pilado, que foi sacralizado. Após foi adicionada água e deixado para cozinhar no fogão a lenha. Enquanto este alimento está em cocção, no local das *pianas* foi preparado o alguidar para receber o alimento, e também riscados os pontos das entidades que serão interligadas à médium, conforme figura 11, infra. Para este desenvolvimento de incorporação, o alimento foi preparado para uma entidade da digina de *Bam-mgazalam*, divindade dos caminhos e do tempo, uma entidade da digina de *De Iajuru*, divindade do cruzamento de caminhos e uma entidade da linha de *Mahlagbá*, divindade das águas. Na Cultura Ganza, é muito comum trabalhar mediunicamente com entidades de diferentes diginas.

---

<sup>11</sup> Ver com mais detalhes Mary Douglas (1991) e Durkheim (2008), estes autores apresentam vários interditos com diferentes significados nas respectivas crenças apresentadas por eles.



Figura 11 – Preparo da *piana* para oferecimento de alimento para entidades.



Fonte: Mascarin, (2014).

Na panela que ficou cozendo o milho, foi acrescentada farinha de milho e finalizado o prato. Este foi levado para um alguidar de barro com ramos de guiné (*Petiveria alliacea*) e oferecido por meio de velas, às entidades mencionadas, conforme figura 12, infra.

Deste modo, a médium foi estabelecendo interligações com as entidades, por meio do preparo da comida que foi sendo sacralizada nas etapas do trabalho mediúnico, iniciando com *Oruá*, o deus menor do alimento e finalizado com as divindades supramencionadas.

Assim fazendo, a médium de incorporação busca por meio do seu corpo, da sua mente e principalmente do seu espírito com o preparo do alimento, conseguir maior abertura e força mediúnica para incorporar as entidades que *cativa*. Destarte, o esforço para pilar o milho é importante, foi trabalhado o corpo para a incorporação, trazendo o cansaço, o desgaste físico e mental, para a busca espiritual das entidades que serão trabalhadas no momento da incorporação.

Figura 12 – Oferecendo comida para entidades na *piana*.



Fonte: Mascarin, (2014).

É um trabalho que demanda por parte da médium que está desenvolvendo a mediunidade de incorporação, esforço físico, mental e espiritual. Entretanto, é um trabalho realizado em conjunto, a médium e as divindades.

O trabalho aqui é em conjunto, o médium tem responsabilidade, mas a entidade também tem que mostrar o seu resultado da responsabilidade com o médium. Assim segue, esse é o início do trabalho mediúnico. O final é quando ele se torna um médium desenvolvido a ponto de começar a auxiliar no desenvolvimento de outro, responder perguntas de outros médiuns, comprovar essas verdades. É quando ele já está praticamente descodificado, ele já sabe, entende a “sinalização”, entende os avisos, ele já tem um percentual grande de desenvolvimento. Então, o objetivo maior das pessoas é entrar dentro da *cultura* e conseguir esse êxito que é se descodificar. (GANZA, 28 dez. 2015, grifo nosso).

Em vista da importância e responsabilidade para o desenvolvimento mediúnico da incorporação, todas as etapas do preparo da comida foram acompanhadas pelo tutor. Há um cuidado especial para o êxito no aprendizado mediúnico que é realizado por meio da prática pela médium. Assim sendo, desde o primeiro oferecimento para *Oruá* abençoar e energizar o



milho, na sequência, o trabalho de energização com a lua de *kimana* e o sol de *Tanfá Ihu*, todas estas etapas vão interligando durante o preparo do alimento, o plano material e espiritual com a médium que está realizando este preparo. Num segundo momento é feita a interligação com a entidade da linha de *Bam-mgazalam* desde a pilagem, preparando o corpo mediúnico, até a entrega do alimento, interligando com outras entidades na *piana*. Destarte, foi trabalhado o esforço físico, mental e espiritual, para que também as entidades venham ao encontro do desenvolvimento mediúnico, trazendo resultado no momento de manifestar-se por meio da incorporação, acontece assim a hierofania da entidade, na mediunidade de incorporação.

Assim, o médium de modo geral na Cultura Ganza, se prepara para receber em sua matéria o espírito desencarnado, de maneira disciplinada, pois, a entidade deve incorporar quando for “chamada” para manifestar-se, hierofania. Não de maneira aleatória. Mas, com o domínio da mediunidade, conhecendo a entidade e os limites desta, de seu próprio corpo, e de sua espiritualidade, durante o desenvolvimento.

#### 4.3 KIBÓ, COMIDA PARA INTERLIGAÇÕES MEDIÚNICAS COM MAHLAGBÁ

Tendo em vista a descrição do preparo de alimentos que estamos trazendo na sequência, reiteramos que, a capacidade mediúnica e a espiritualidade diz respeito diretamente a cada médium, é singular. Portanto, os trabalhos de desenvolvimento podem se assemelhar, contudo, cada médium trabalha com suas divindades, e é respeitado na sua mediunidade.

O alimento que vamos descrever é o *Kibó*, foi preparado com interligações feitas com entidades da digina de *Mahlagbá*, cujo elemento da natureza são as águas, e será oferecido às respectivas entidades desta deusa menor da Cultura Ganza.

Destarte, iniciamos trazendo a importância das águas, que faz parte dos trabalhos de desenvolvimento mediúnico durante o preparo do *Kibó*. Segundo Mircea Eliade a água corre e é “viva”, isto, faz com que os cultos revelem a força sagrada que lhe é própria:

A água corre, e é “viva”, agita-se; inspira, cura, profetiza. Em si mesmos, a fonte ou o rio manifestam o poder, a vida, a perenidade; eles *são* e *são vivos*. Deste modo adquirem uma autonomia e seu culto permanece, a despeito de outras epifanias e de outras revoluções religiosas. Eles revelam constantemente a força sagrada que lhes é própria [...].

O culto das águas – e, em particular, o das fontes consideradas curativas, dos poços termais, das salinas, e etc. – apresenta uma continuidade impressionante [...]. Alimentado pela devoção popular, o culto das águas acabou por ser tolerado até mesmo pelo cristianismo, depois das perseguições infrutíferas da

Idade Média. A continuidade cultural estende-se, por vezes, desde o Neolítico até os nossos dias. (ELIADE, 2008, p. 162-163.).

Assim, o culto às divindades das águas está presente em diferentes crenças. Nos cultos afro-brasileiros a mãe-d'água recebe entre outros, o nome de Yemanjá, Janaína e Sereia do Mar.

O culto a Yêmanjá, a mãe-d'água, sofre as influências do mito universal das águas. Na Cidade da Bahia, Yêmanjá mora no Dique, lago existente no Caminho do Rio Vermelho, do qual nasce o riacho da Lucaia. Nos candomblés de caboclo, chamam-na, segundo Arthur Ramos, Sereia do Mar, Princesa do Mar, dona Janaína (ou apenas Janaína), dona Maria, etc., e ainda, ao que observei, Rainha do Mar. Festejam-na aos sábados, juntamente com Ôxum. O fetiche natural de Yêmanjá pode ser uma pedra-marinha qualquer (*itá*). Pode-se afirmar que, por toda a baía de Todos os Santos, Yêmanjá, sob os nomes mais variados, tem um culto uniformemente fervoroso. (CARNEIRO, 1936, p. 40-41).

Não podemos negar a importância da água no campo sagrado, trazendo sua força que é representada por diferentes divindades e cultos.

Na Cultura Ganza, *Mahlagbá* é a deusa menor de todas as águas, entidades que pertencem à sua digna são interligadas aos médiuns que desenvolvem na digna desta divindade. O preparo de alimentos é um dos trabalhos mediúnicos realizados com este objetivo. Assim, na sequência passamos a descrever o *Kibó*, confeccionado por médiuns da *cultura* no Terreiro Senzala, sob a orientação do tutor, que ao final será o responsável pela conclusão da interligação das médiuns com *Mahlagbá*. Na *cultura* existem diferentes tipos de interligações mediúnicas com as divindades. Estas interligações são necessárias e realizadas à medida que o nível da mediunidade é elevado na espiritualidade, isto vai sendo feito durante o processo do desenvolvimento das mediunidades.

À vista disto, o *Kibó* é um dos preparos de alimento que tem este objetivo, interligar as médiuns com divindades das águas de *Mahlagbá* para os trabalhos mediúnicos. Destarte, o *Kibó* foi preparado com camarão, comprado fresco. Este ficou no sal grosso e sal fino durante três dias, no sol de *Tanfà Ilu*, secando e sendo energizado. Pois, todas as vezes que este é levado ao sol de *Tanfà Ilu*, se saúda e pede a esta divindade para energizar o alimento. Os trabalhos cotidianos de concentração mediúnica na *piana* ajudam no momento de realizar este pedido. Assim sendo, é importante a prática da concentração mediúnica com as divindades. Destarte, o camarão inicialmente fresco, com este processo, passou a ter cheiro de podre, ao término dos

três dias foi retirado do sol de *Tanfá Ihu*, permanecendo ainda com um pouco deste cheiro, que faz parte deste preparo.

De modo geral o cheiro de podre é considerado desagradável. Entretanto, com base nas pesquisas de Câmara Cascudo e sem generalizar, pois, a África é um vasto continente, encontramos informações sobre uma das preferências do africano pelo peixe e a carne podre.

O peixe podre vende-se perfeitamente nos mercados; costumam mesmo os negros, refere Bosman, deixar primeiro apodrecer o seu peixe uns cinco ou seis dias antes de o comer. [...].  
Os negros de Galam, dizem Gray e Dochard, têm a reputação de preferir sobretudo as carnes já arruinadas. (CASCUDO, 2004, p. 174).

Deste modo, como assevera Câmara Cascudo a seguir, o bom cheiro ou o mau cheiro faz parte da importância formadora do gosto.

O cheiro da comida participará da importância formadora do gosto. Cada alimento, líquido ou sólido, denuncia sua presença pelo odor, anúncio fluido e inconfundível. Bom cheiro, mau cheiro, *bouquet* dos vinhos, *fumet* das viandas, dependerão do processo de aceitação, que é um hábito de consumo. [...] nem todos os grupos humanos terão a mesma percepção deliciada dos mesmos sabores, embora possuindo os mesmos órgãos e a mesma mecânica fisiológica. (CASCUDO, 2004, p. 371).

O hábito de consumir determinados alimentos que exalam cheiros considerados desagradáveis devido ao estágio de decomposição, como frutos do mar, carnes, queijos, por exemplo, depende do hábito de seu consumo.

Segundo Flandrin e Montanari,

Longe de se constituírem em valores objetivos, o bom e o ruim são noções relativas, próprias a cada indivíduo e a cada cultura. Se podemos arriscar uma hipótese em relação a esta questão, é a de que normalmente se prefere o conhecido, o habitual ao desconhecido: para um japonês a melhor maneira de servir um peixe fresco é servi-lo cru; da mesma forma, um esquimó preferia, no início do século, foca crua, já em decomposição, cortada em fatias finas, às focas cozidas, assadas ou com molho, que lhe ofereciam os cozinheiros franceses. [...]. Portanto, é preciso um cuidado especial em relação ao conceito de gosto [...]. (FLANDRIN; MONTANARI, 1998, p. 31).

Com base nos estudos de Câmara Cascudo, Jean-Louis Flandrin e Massimo Montanari, a preferência pelo gosto alimentar deve ser respeitada, pois, se trata primeiramente de costume

relacionado ao hábito do consumo de determinados produtos, próprias do indivíduo ou de determinadas culturas. Neste sentido, podemos dizer que a herança cultural influencia o hábito do consumo alimentar.

Assim sendo, o *Kibó* foi preparado com o camarão, misturado a outros ingredientes, incluindo mel, e temperos, conforme veremos na sequência, se tornará de um agridoce exótico e apreciável pelos médiuns do terreiro.

Dando seguimento à descrição, foi pedido licença a *Oruá* para iniciar o preparo deste alimento. Todos os dias as médiuns que participaram deste trabalho, acenderam velas nas suas respectivas *pianas* para algumas entidades de *Mahlagbá*, que já pertencem a elas, lhes foram dadas pelo tutor para ser *cativadas*. Depois do camarão passar três dias no sol de *Tanfà Ilu*, foi lavado, descascado e levado durante a noite para ser energizado na lua de *Kimana*. Diz-se lua de *kimana*, pois, não é simplesmente levado para energizar no “sereno da lua”, existe algo mais, este algo mais é a presença do deus menor *Kimana*. Tanto o sol como a lua são considerados sagrados dentro da *cultura*. E neste sentido, fora dos períodos em que o camarão deveria ficar sob o sol de *Tanfà Ilu* ou a lua de *Kimana*, era levado para a *piana*, figura 13 infra, onde se acendiam velas para trabalhar as energias das divindades que estavam fazendo parte do preparo deste alimento.

Na figura 14, infra, dentro da *piana* o coalho está sendo cortado, bem como a pimenta. O litro de mel está próximo. O coalho foi colocado num pano de algodão e amarrado, deixando escorrer por três dias antes de seu uso. Depois deste período, foi cortado, figura 14 infra.

São feitos os preparos dos alimentos nas *pianas* para que sejam sacralizados. São acesas velas e realizadas concentrações espirituais pelas médiuns para suas respectivas entidades que pertencem à *digina* de *Mahlagbá*. Com isto, desde o início, paulatinamente os alimentos vão sendo sacralizados em cada uma das etapas do trabalho mediúnico do preparo do *Kibó*. Assim, as médiuns estão se preparando para ser interligadas espiritualmente a deusa menor das águas. Isto é feito por meio das entidades e com o auxílio espiritual do tutor, que participa fazendo as interligações espirituais das mesmas com as divindades que estão sendo trabalhadas durante o preparo do *kibó*.

Figura 13: Camarão sendo preparado na *piana* para entidades de *Mahlagbá*.



Fonte: Mascarin, (2016).

Figura 14: Alimentos sendo preparados na *piana* para entidades de *Mahlagbá*.



Fonte: Mascarin, (2016).

O preparo do *Kibó* tem particularidades do plano da espiritualidade que são trabalhados pelas médiuns e pelo tutor, e que fazem parte dos *fincamentos espirituais* de cada uma. Os *fincamentos* são trabalhos espirituais feitos no início do desenvolvimento mediúnico na digina do médium e da divindade, para interligar o médium com o plano espiritual, para que ele possa fazer o desenvolvimento dentro desta *cultura*. Todos os médiuns tem seu *fincamento* espiritual. Não são revelados, diz respeito à singularidade e espiritualidade mediúnica de cada um. Isto é realizado desde que os guerreiros e as guerreiras deixaram o local das tumbas há quase quatro mil anos.

Chegado o tempo da quadragésima nona geração, após o início da formação do povo e da Cultura Ganza, os guerreiros e guerreiras iniciaram a saída do local das tumbas e começou o *fincamento* das questões espirituais. Estes *fincamentos* – firmamentos espirituais – realizados por meio de obrigações feitas com deuses, deusas menores e entidades, os quais, “interligam” o médium a estas divindades, foram levados pelos guerreiros e guerreiras que continuaram vivendo a cultura após a saída do local das tumbas. (MASCARIN, 2019, p. 57).

Destarte, as entidades escolhidas pelas médiuns para este trabalho mediúnico já pertencem a elas, podendo estas, ser de outra digina de deus ou deusa menor, desde que estas estejam interligadas a *Mahlagbá*, para que se possa fazer a interligação do médium com esta deusa menor. Como dito anteriormente, as entidades podem pertencer a mais de uma digina, ou seja, elas tem a digina principal do deus ou deusa menor, mas, podem ser *cruzadas* com outros deuses ou deusas menores, secundariamente. Isto faz com que sejam feitas várias e diferentes interligações dentro da *cultura*. Com o preparo do *Kibó* estamos tendo uma noção de como isso acontece.

A interligação principal, com um deus ou deusa menor faz parte do desenvolvimento mediúnico, pois, é preciso ter este vínculo com a divindade para estar em condições de trabalhar mediunicamente. Destarte, existem diferentes trabalhos de interligação dentro da *cultura*, este que estamos descrevendo é um deles.

Assim sendo, faz parte do preparo do *kibó*, as concentrações espirituais cotidianas na *piana*, o cozimento dos alimentos no fogão a lenha, e na finalização o oferecimento na *piana* para as divindades. Desta maneira, se respeita e se vive o tempo sagrado, no decurso do tempo profano. As vivências no tempo sagrado e profano fazem parte do trabalho mediúnico. Neste sentido,

O homem religioso vive assim em duas espécies de Tempo, das quais a mais importante, o Tempo sagrado, se apresenta sob o aspecto paradoxal de um Tempo circular, reversível e recuperável, espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos. Esse comportamento em relação ao Tempo basta para distinguir o homem religioso do homem não religioso. O primeiro recusa-se a viver unicamente no que, em termos modernos, chamamos de “presente histórico”; esforça-se por voltar a unir-se a um Tempo sagrado que, de certo ponto de vista, pode ser equiparado à “Eternidade”. (ELIADE, 1992, p. 39).

Toda vez que se prepara um alimento para oferecer às divindades, em todos os momentos de seu preparo, há uma “busca” e uma “conexão” com o tempo sagrado, em que se faz necessário “transpor” o tempo profano, buscar a ancestralidade, ou seja, as divindades que fazem parte da *cultura*, e assim, transpor o tempo profano para trabalhar com o tempo sagrado, que é o tempo da dimensão do espiritual.

Contudo, para trabalhar a dimensão espiritual, existe o trabalho no plano da materialidade para o preparo do *Kibó*. Destarte, foi utilizado camarão fresco comprado num estabelecimento de produtos nordestinos e religiosos, não temos mar próximo. Produtos como o camarão, azeite de dendê, pimenta, o leite para o coalho, foram comprados em mercados da cidade, diferentemente do milho, por exemplo, que foi colhido na roça, conforme mencionado no preparo do prato no subitem anterior. O mercado (comércio) ajuda a compor as necessidades do terreiro para os trabalhos mediúnicos. Mas, a preferência é obter diretamente do plantio, da pesca, enfim, do local onde são produzidos. Aquilo que não se pode adquirir desta forma, é comprado para que se possa realizar os preparos necessários para a prática mediúnica.

Neste sentido, em relação ao mercado religioso, de modo geral, é grande o consumo de bens culturais. Afirma Juan Saldívar:

[...] las identidades religiosas se han convertido en ideologías de consumo, manifestando los bienes culturales em objetos, paisajes y conocimientos. Estas <<religiones a la carta>>, sostienen de la Torre y Gutiérrez (2005), ponen em escena los consumos religiosos que las personas demandan a través de intereses individuales como adquirir, entender y pertenecer a esferas no comunes de imaginarios culturales periféricos. Los mercados religiosos son portadores de significados exóticos, diversos y multiétnicos em sentido pluridireccionales (Berger, 2001). Las simbologías que adquieren los productos se relacionan con las necesidades de los consumidores que solicitan a grandes escalas los objetos, sosteniendo los mercados menores (en ciudades y regiones, calles y avenidas) como epicentros notablemente potenciales de

producción y reproducción de elementos esotéricos. (SALDÍVAR, 2018, p. 140-141).<sup>12</sup>

Complementando, Arno Vogel, Marco Antônio Mello e José Barros (1998), falam da importância do mercado para a iniciação e identidade na cultura afro-brasileira.

A sedução e o poder do mercado, no entanto, não derivam apenas do controle social e das imposições aquisitivas de uma religião de consumo. Suas raízes mergulham profundamente na tradição africana, pois, se em toda parte há mercados, com o seu existir tumultuoso e pitoresco, foi em determinadas sociedades da África que se lhes atribuiu a condição de um domínio cujo valor, além de sociológico, é cosmológico. (VOGEL; MELLO; BARROS; 1998, p. 14).

Assim portanto, o mercado religioso corrobora para a preservação de valores, simbologias e bens culturais, nos produtos que comercializa. Reafirma a presença do sagrado e do profano, nos alimentos, nas roupas, artefatos de madeira, ferro, argila, imagens votivas, instrumentos musicais e assim por diante. Em suma, o mercado religioso é um grande propagador e mantenedor, por meio de seus produtos, das crenças culturais e religiosas.

Deste modo, com a compra do camarão e dado início ao trabalho mediúnico com as divindades no preparo, foi misturado a este alimento outros ingredientes, coalho, pimenta e o mel. Após, foram colocados numa peça de couro de bode e dadas quarenta e nove batidas, figura 15, infra.

Quarenta e nove é um número simbólico da multiplicação sete vezes sete, bastante utilizado nos trabalhos da Cultura Ganza.

Depois das quarenta e nove batidas, foi retirada uma parte do alimento e colocado numa frigideira de ferro fundido, este artefato também é uma das culturas materiais da *cultura*, presente na cozinha do Terreiro Senzala. O ferro é um importante elemento da natureza retirado de dentro da terra para a confecção de diferentes objetos. Tem importância para a cultura material e a espiritualidade da Cultura Ganza. Assim também, o uso do fogão a lenha, figura

---

<sup>12</sup> As identidades religiosas tornaram-se ideologias de consumo, manifestando bens culturais em objetos, paisagens e conhecimentos. Essas << religiões à la carte >>, apoiadas por Torre e Gutiérrez (2005), colocam em cena os consumos religiosos que as pessoas exigem por interesses individuais, como adquirir, compreender e pertencer a esferas incomuns do imaginário cultural periférico. Os mercados religiosos são portadores de significados exóticos, diversos e multiétnicos em um sentido pluridirecional (Berger, 2001). As simbologias adquiridas pelos produtos estão relacionadas às necessidades dos consumidores que solicitam objetos em grande escala, possuindo mercados menores (nas cidades e regiões, ruas e avenidas) como epicentros notavelmente potenciais da produção e reprodução de elementos esotéricos. (SALDÍVAR, 2018, p. 140-141, tradução nossa).



16, infra, é um dos importantes bens culturais, indispensável para o preparo de alimentos. No fogão a lenha são preparados alimentos, visando vários objetivos: preparo de alimentos para as divindades, preparo de remédios, preparo de refeição para dias de trabalho mediúnico do grupo e eventos no Terreiro Sensala, além do trabalho mediúnico com *Lum Bia Adá*, deus menor do fogo, que trabalharemos sequencialmente na tese.

Figura 15: Alimentos para o *kibó* recebendo quarenta e nove batidas.



Fonte: Mascarin, (2016).

Assim sendo, no fogão a lenha, figura 16, infra, está sendo preparado o *Kibó*.

Figura 16: Preparo do *kibó*: fogão a lenha do Terreiro Sensala.



Fonte: Mascarin, (2016).

Uma pequena quantidade de camarão foi refogado com mel, coalho e pimenta na frigideira untada com azeite de dendê, figura 16, supra. A porção do *kibó* foi colocada numa pequena trouxinha de pano. O médium representante de *Oruá* participou do preparo auxiliando durante o cozimento dos alimentos e fez a entrega da trouxinha com *Kibó* para uma das médiuns que está participando deste preparo, figura 17, infra.

Na sequência a trouxinha foi oferecida pela médium na *piana* para as divindades de *Mahlagbá*. Ela ficará em oferecimento na *piana* por até sete dias, após este período, será levada para ser entregue às águas, pode ser de rio ou mar. Teve acompanhamento e orientação do tutor em todas as etapas do preparo do *kibó*. Incluindo, sua participação nas interligações feitas com acendimento de velas às suas divindades na *piana*, para fazer as interligações que estavam sendo trabalhadas pelas médiuns.

Cada ingrediente e cada pedido às divindades, durante o preparo deste alimento, incluindo o tempo do alimento no sol de *Tanfá Ilu*, na lua de *Kimana* e no fogo de *Lum Bi Adá*, são extremamente importantes, para que ao final deste trabalho mediúnico, as interligações com as divindades de *Mahlagbá* estejam concluídas com êxito.

Figura 17: entrega da trouxinha com o *kibó* para oferecimento na *piana*.



Fonte: Mascarin, (2016).

Assim, depois da entrega do *kibó* na trouxinha para a interligação com as entidades de *Mahlagbá* na *piana*, seguiu o preparo do *kibó* para os médiuns do terreiro consumirem. Acrescentou-se sal e cebola à porção dos ingredientes restantes, que também foi refogado na

frigideira de ferro. Após, foi colocado num alguidar de argila. Este foi levado à beira do fogão a lenha sobre brasas para assar, figuras 18 e 19, infra.

Figura 18: *Kibó* assando sobre as brasas.



Fonte: Mascarin, (2016).

Figura 19: *Kibó* assado sobre as brasas.



Fonte: Mascarin, (2016).

Deste modo, o *Kibó* foi assado na brasa, conforme figuras supra, depois de três horas, tempo respeitado pelo processo de preparo de interligações na espiritualidade, as médiuns que estavam fazendo parte desta interligação, figura 20, infra, serviram o *Kibó* aos médiuns do Terreiro Senzala e também comeram.



Figura 20: *kibó* sendo consumido pelos médiuns do terreiro.



Fonte: Mascarin, (2016).

Com a comensalidade deu-se por encerrado este trabalho de preparação do *Kibó* e interligação com entidades das águas de *Mahlagbá*. O resultado desta interligação virá com os trabalhos mediúnicos cotidianos.

Esse *kibó* representa a ligação com o povo das águas de *Mahlagbá*. As médiuns à partir daí, podem estar desenvolvendo trabalho com as águas, tanto no recebimento, na busca do vento com a água, quanto daquilo que é pedido e é entregue. Tudo o que retirar da água terá um certo reconhecimento, um certo valor, devido a ligação com as águas de *Mahlagbá*. Tudo o que fizer nas águas, sempre vai ter que retornar àquela entidade que fez a interligação, de forma que mesmo desvinculando dessa *piana*, desse tutor, as águas ficam ligadas, não tem como desligar, é um *Kibó* de interligação com as águas. (GANZA, 08 mai. 2016).

Deste modo, o trabalho de interligações durante o desenvolvimento mediúnico - existem vários e diferentes- são feitos conforme a evolução espiritual e necessidade mediúnica, tem por objetivo proporcionar ao médium capacidade de realizar trabalhos mediúnicos com as divindades que foram interligadas. A descrição do *kibó* é um destes importantes trabalhos.

A Cultura Ganza é uma *cultura* de nômades, depois de desenvolvido, o médium tem liberdade para decidir como e onde realizar seus trabalhos dentro da *cultura*. A potencialidade e a capacidade varia de médium para médium, conforme seu tipo de mediunidade, seu potencial

e conhecimento dentro da *cultura*. Em suma, o desenvolvimento mediúnico e o resultado dos trabalhos não são iguais para todos, contudo, dentro dos seus limites e das suas abrangências, cada médium durante o desenvolvimento vai se tornando capaz de receber as divindades mediunicamente. Com isto, consegue estar em condições de estar preparado para as hierofanias que se manifestam na sua mediunidade.

Consequentemente, cada trabalho realizado durante, ou, depois de concluído o desenvolvimento mediúnico, torna mais presente o modo de ser, crer e viver da Cultura Ganza. Vai-se somando e reatualizando a presença desta *cultura* no meio social a seu modo. Neste sentido, trazemos à luz os dizeres de Durkheim: “Tudo, portanto, nos faz voltar à mesma idéia: é que os ritos são, antes de tudo, os meios pelos quais o grupo social se reafirma periodicamente.” (DURKHEIM, 1996, p. 422).

Para Ganza, o conjunto de conhecimentos mediúnicos: entidades, preparos de comidas e bebidas, entre outros trabalhos interligados às mediunidades, faz parte da preparação do médium, do aprendizado necessário para sua vivência dentro desta *cultura*. “(...) o médium considerado desenvolvido está pronto para também desenvolver outras pessoas e com isto, os rituais passam a ter maior frequência”. (MESTRE RAIZ, 14/12/2013). Contudo, o tempo de desenvolvimento mediúnico para a conclusão, para a formação do médium varia de acordo com sua dedicação e nível mediúnico.

#### 4.4 DANÇA DA COROA E DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

Na descrição que faremos do preparo de alimentos para a *dança da coroa*, neste subitem, trataremos o trabalho mediúnico de transporte e clarividência. Anteriormente, no subitem 4.1 vimos uma descrição para o desenvolvimento de incorporação. Reiteramos que, mesmo com vários médiuns desenvolvendo a mesma mediunidade, por exemplo, de *transporte*, clarividência ou incorporação, o desenvolvimento é diferente de um para o outro. O tutor orienta cada médium levando em conta a potencialidade e disponibilidade para a prática mediúnica. As concentrações espirituais com as divindades na *piana*, na mata, nas caminhadas, nas *chamadas espirituais*, é necessário que todos os médiuns em desenvolvimento façam. A maneira de desenvolver as mediunidades podem se assemelhar, entretanto, não são iguais. O médium desenvolve a mediunidade principal, orientada pelo tutor quando este chega ao terreiro, depois de um período praticando uma, desenvolve outras secundariamente. Isto faz com que ele tenha maior preparação mediúnica, e melhores condições de descodificar as mensagens das divindades. Assim acontecem as hierofanias, a irrupção do sagrado, resultado da preparação

mediúnica, em que o médium trabalha durante seu desenvolvimento para incorporar entidades, bem como, receber mensagens destas e saber decodificá-las, seja pela clarividência ou *transporte*, conforme veremos a seguir. Nesta descrição densa veremos como estas mediunidades podem ser trabalhadas e como acontecem as hierofanias à partir das mesmas.

Assim sendo, a realização do preparo do alimento para a *dança da coroa* foi feito por médium que está desenvolvendo a incorporação, clarividência e o *transporte*. Como dito anteriormente, o preparo do alimento só pode ser feito depois de algum tempo de conhecimento da *cultura* e preparação mediúnica. Tendo em vista que, é necessário conhecer as divindades, saber suas respectivas dignas e os alimentos que devem ser preparados à elas. As divindades participam do preparo, não somente recebem as oferendas, mas, estão presentes por meio das concentrações espirituais mediúnicas, trazendo suas energias e sua força para os alimentos durante o preparo. O local das oferendas dos alimentos preparados é a *piana*. Quando o médium está em condições de ter a *piana* na sua residência, ou, outro local onde possa realizar os trabalhos mediúnicos, ele então a leva para continuar os trabalhos com suas divindades. Em suma, a *piana* é o local sagrado, onde as divindades são mediunicamente e cotidianamente trabalhadas, conforme vimos anteriormente.

Em vista disto é que a *coroa* começou a ser preparada quarenta e nove dias antes e os alimentos nove dias, antecedendo o ritual da dança, sempre tendo a *piana* como o principal local dos trabalhos mediúnicos para sua preparação. Em vista disto, na figura 21, infra, é importante observar que a *coroa* fica guardada no espaço sagrado da *piana*.

Figura 21: *Coroa* na *piana* para o ritual da dança.



Fonte: Mascarin, (2016).

Destarte, nos quarenta e nove dias que antecederam a *dança da coroa*, o tutor confeccionou a estrutura da *coroa* com trançados de cipós que foram colhidos em uma mata próxima ao local do Terreiro Senzala. Deu início com concentrações espirituais mediúnicas às divindades que escolheu para esta preparação. À partir deste início o tutor passou para a médium que está se preparando para ser representante da *coroa* dar continuidade à sua preparação. Na estrutura de cipós foram colocados e trabalhados espiritualmente pela médium diferentes apetrechos, alguns doados por médiuns do próprio terreiro. Os trabalhos de concentração espiritual com as divindades, que veremos sequencialmente, também tem por finalidade trazer proteção a quem doou os objetos colocados na *coroa*.

Os apetrechos colocados na estrutura feita com cipós, que é uma fibra natural, esta utilizada na Cultura Ganza para inúmeros trabalhos mediúnicos, figura 21, supra, são: sementes, um rosário, bijuterias e conchas do mar. Não existe problema em que a pessoa pertença a alguma religião, o que importa é que sejam respeitados os princípios da *cultura*, e as práticas para o seu desenvolvimento mediúnico. Assim, quando observamos um rosário cristão ao redor da *coroa*, significa que existe este respeito da *cultura* para o médium e do médium para a *cultura*. Os objetos doados devem ser de uso pessoal e servirá para ajudar na proteção daquele que doou.

Na figura 21, supra, vemos a coroa pronta. Foi sendo trabalhada mediunicamente por meio de concentrações espirituais para divindades que estarão fazendo parte do *preparo dos alimentos* para a *dança da coroa*. A dança será realizada no quadragésimo nono dia à partir do início da confecção da *coroa*. Neste tempo, foram acendidas velas na *piana* durante períodos do dia e da noite, para divindades que serão trabalhadas mediunicamente durante a *dança da coroa*. À vista disto, o trabalho mediúnico de *transporte* foi essencial, sendo realizado pela médium durante a confecção da coroa e posteriormente, para os alimentos, trazendo energia das divindades nestes preparos. O desenvolvimento da mediunidade de *transporte*, como o próprio nome sugere, é o *transporte* de energia da divindade durante o trabalho mediúnico. Com isto, também se trabalha mediunicamente a aproximação e o *cativo* a divindade.

Neste sentido, cada divindade manifesta uma energia diferente da outra, pois, cada uma é dotada de uma energia própria. Assim sendo, o exercício de trabalho com a energia da divindade é uma das formas de identificá-la, toda vez que for “chamada” para se manifestar nas mediunidades.

Nos doze dias que antecederam a *dança da coroa*, os alimentos começaram a ser preparados. Foram utilizados nove tipos diferentes de castanhas, adquiridas nos mercados da

cidade – foi feita abordagem sobre mercado e aquisição de produtos no subitem anterior -, as quais, foram colocadas durante nove dias no sol de *Tanfã Ilu* e na lua de *Kimana*. A Cultura Ganza acredita em divindades da natureza, e *Tanfã Ilu* é um deus menor do sol, cujas entidades desta digina podem se manifestar nas mediunidades, para isto os médiuns fazem os trabalhos de desenvolvimento mediúnicos. Assim, de maneira semelhante encontramos hierofanias solares (ELIADE, 2008, p. 103) no “culto do sol” no Egito, na Ásia, Europa, Peru e México. Entretanto, as hierofanias solares são consideradas, segundo Mircea Eliade, pouco frequentes:

[...] ao contrário das outras hierofanias cósmicas, tais como as da Lua ou das águas, a sacralidade expressa pelas hierofanias solares não é sempre *transparente* para um espírito ocidental moderno. Mais exatamente ainda, o que permanece transparente e, portanto, facilmente acessível numa hierofania solar é tão só, na maior parte dos casos, o resíduo dum longo processo de erosão racionalista, resíduo que chega até nós, sem que o saibamos pelo veículo da linguagem, do costume e da cultura. O Sol acabou por tornar-se, um dos lugares-comuns da “experiência religiosa indistinta” na medida em que o simbolismo solar se viu reduzido a não ser mais do que uma utensilagem banal de automatismos e estereótipos. (ELIADE, 2008, p. 104).

Apesar das hierofanias solares serem reduzidas a “experiência religiosa indistinta” e seu simbolismo ser reduzido a utensilagem banal de automatismos e estereótipos ao espírito ocidental moderno, conforme assevera Mircea Eliade, podemos encontrar, segundo o mesmo autor, uma estrutura coerente e inteligível do sagrado, em que, o “regime diurno do espírito” é dominado pelo regime solar, mesmo que por um simbolismo artificial ou racional, ou, por meio de hierofanias nem sempre transparentes sob o ponto de vista puramente racionalista.

É um fato que o “regime diurno do espírito” é dominado pelo regime solar, quer dizer, em grande parte, por um simbolismo que, se nem sempre é factício, é muitas vezes o resultado de uma dedução racional. Isso não quer dizer que todo e qualquer elemento racional das hierofanias solares seja, ao mesmo tempo, tardio ou artificial. Tivemos a ocasião de ver que, a “razão” não estava ausente das hierofanias mais arcaicas, que a experiência religiosa não é incompatível *a priori* com a inteligibilidade. O tardio e o artificial é o primado *exclusivo* da razão, porque a vida religiosa, quer dizer, para nos limitarmos a uma definição sumária, a experiência das cratofanias, das hierofanias e das teofanias, mobiliza a vida total do homem e seria quimérico querer estabelecer fronteiras entre as diferentes regiões do espírito. As hierofanias arcaicas do sol constituem a esse respeito, um excelente exemplo. [...] elas revelam uma certa *inteligência global do real*, sem deixarem de revelar, ao mesmo tempo, uma estrutura coerente e inteligível do *sagrado*. Mas esta inteligibilidade não pode reduzir-se a uma série de “verdades racionais” evidentes e a uma experiência hierofânica. Exemplifiquemos: por mais radicais que sejam, numa apreensão total da vida e da realidade, as relações entre o sol e as trevas ou os



mortos, ou ainda o binômio especificamente indiano “Sol-Serpente” não se segue daí que sejam transparentes numa perspectiva puramente racionalista. (ELIADE, 2008, p. 105).

Em suma, e em vista do exposto, mesmo que por um lado o sol tenha se tornado uma “experiência religiosa indistinta”, ainda encontramos hierofanias solares. Assim sendo, para exemplificar, na África (ELIADE, 2008, p. 107-108), em alguns casos como dos *munsh*, o sol passa a ser o filho do Ser Supremo *Awondo*. Para os *Kavirondo*, o sol substitui o culto do Ser Supremo. Para os bantos da África oriental, particularmente entre os *dshagga* do *Kilimandjaro*, *Ruwa* que significa sol, habita de fato o sol. Na Indonésia, *Puêmpalaburu*, é o deus solar dos *Toradja*, e pouco a pouco toma o lugar do deus celeste I-lai, continuando sua obra cosmogônica, sendo seu subordinado, ou, filho do criador, recebe dele o mandato para terminar a obra da criação.

Destarte, na Cultura Ganza, assim como nas crenças de outros povos que acabamos de mencionar, existe uma divindade que está presente no sol, e que é considerada sagrada. Deste modo, existe a hierofania solar, ou seja a irrupção da divindade sagrada do sol. Assim sendo, *Tanfâ Ilu* é o deus menor do sol da Cultura Ganza. E a energia do sol de *Tanfâ Ilu* pode ser trabalhada pelo médium durante o preparo do alimento, o médium faz concentrações espirituais buscando na sua mediunidade a energia e a “presença” deste deus menor com acendimento de vela na sua *piana*. Pois, já realizou caminhadas e *chamadas espirituais* anteriormente, trabalhando com este deus menor durante algum tempo. Assim, na Cultura Ganza, a importância de *Tanfâ Ilu* para o preparo dos alimentos e para os trabalhos mediúnicos faz parte de constante prática, pois, o sol de *Tanfâ Ilu* é uma grande fonte de energia sagrada.

Assim, em períodos alternados, as castanhas eram levadas para o sol de *Tanfâ Ilu*, para serem secadas e energizadas e levadas para a *piana*. Também eram deixadas para energizar durante a noite na lua de *Kimana*, e levadas para a *piana*. Era feita esta alternância durante o preparo das castanhas. Numa das caminhadas de uns dos tutores da Cultura Ganza, transcrita abaixo, podemos perceber a relação do alimento com os trabalhos mediúnicos relacionados a *Tanfâ Ilu*, o deus menor do sol. É uma das passagens que remete a importância do alimento com esta divindade *cativada* na Cultura Ganza. Deste modo, para se ter uma melhor noção desta crença e sua relevância para a *cultura*, trouxemos a transcrição infra.

- Hoje caminharemos para o Deus sol.  
Começaremos e encerraremos o dia com ele.

Na saída deu-me um pouco de farinha e a cuiá com água. Ao meio dia um pouco de sal, farinha e água. Sem muito falar caminhamos e caminhamos. Sentíamos muita sede. Mas, paramos apenas quando o sol se pôs atrás das montanhas. (MASCARIN, 2018, p. 33, grifo nosso).

Existem diferentes trabalhos mediúnicos dentro da *cultura* que trazem a relação com divindades e os elementos da natureza, conforme estamos vendo. É importante perceber que o alimento também é um destes elementos e faz parte do desenvolvimento das mediunidades. É considerado um elemento sagrado na espiritualidade da *cultura*, sendo *Oruá* é o seu deus menor. O alimento pode ser preparado para qualquer divindade, resguardas as particularidades nos seus respectivos preparos e a finalidade.

Assim sendo, o alimento principal que está sendo preparado neste trabalho mediúnico, até o momento, são as castanhas, levadas para ser energizadas no sol de *Tanfá Ilu*, e na lua de *Kimana*.

Estamos trazendo para este trabalho a importância do sol de *Tanfá Ilu* para o médium da *cultura*, e para o preparo de alimento. Neste sentido também, a lua de *Kimana* está presente e faz parte do preparo deste alimento que estamos descrevendo para a *dança da coroa*.

Deste modo, os nove tipos de castanhas durante algumas noites, ficaram sob a lua de *Kimana*. A energia da lua de *Kimana* que o alimento recebe, auxilia no preparo mediúnico do alimento. Tudo isto, faz parte da prática mediúnica, possibilita que as hierofanias aconteçam nas suas mediunidades. O médium se prepara durante seu desenvolvimento, cada dia mais, para receber as divindades nas suas mediunidades. Neste sentido, é de suma importância que o alimento também receba a energia da lua de *Kimana*. Este trabalho com as divindades da natureza é necessário para o conhecimento e a prática mediúnica. Exige esforço mental e espiritual, além do conhecimento sobre como preparar o alimento em cada etapa, direcionando para o sagrado, ou seja, para as divindades. Destarte, além de *Tanfá Ilu*, *Kimana* também está presente energizando o alimento. “[...] a lua nunca foi adorada em si mesma, mas, no que ela revela de sagrado, quer dizer, na força que está concentrada nela, na realidade e na vida inesgotável que manifesta.” (ELIADE, 2008, p. 131). Assim sendo, paulatinamente o médium vai aprendendo sobre suas limitações e exercitando sua potencialidade mediúnica, com a prática, trazendo aos poucos as divindades para seus trabalhos, “abrindo” e conhecendo suas mediunidades.

Neste sentido, as divindades são importantíssimas e imprescindíveis para o trabalho de desenvolvimento mediúnico. Em relação a lua e sua emanção sagrada, existem várias crenças

relativas a divindades lunares. Abrangem as águas, a chuva, os vegetais e a fertilidade. Acredita-se que: “O vínculo entre a Lua e a vegetação é tão forte que grande número de deuses da fertilidade são, ao mesmo tempo, divindades lunares, por exemplo, Hathor, Ishtar, divindades egípcias e Anaitis, divindades iranianas, etc. (ELIADE, 2008, p. 134). Deste modo,

Ritos, símbolos e mitos nos quais, como vimos, coexistem as sacralidades da Lua, das águas e da vegetação, quer estas últimas derivem a sua sacralidade da Lua, quer constituam hierofanias autônomas. Como quer que seja, encontramos sempre uma *realidade última*, fonte de força e de vida, [...]. (ELIADE, 2008, p. 135).

Assim sendo, são várias as crenças em divindades relacionadas a natureza, que, de alguma forma fazem parte da vida de diferentes povos. Neste sentido, também para a Cultura Ganza, várias divindades representativas e presentes em diferentes elementos da natureza faz parte de sua crença, do seu modo de ser e viver.

*Kimana* é uma destas divindades, a lua é uma fonte da natureza, trabalhada para o desenvolvimento mediúnico. Por conseguinte, também está presente no preparo de alimentos. Nenhuma comida é preparada mediunicamente sem que tenha sido feita saudação e pedidos de bênçãos e energização a *Oruá*, depois, é que se faz o trabalho mediúnico com outras divindades para dar continuidade aos preparos dos alimentos

Deste modo, decorridos os nove dias, as castanhas foram piladas pela médium que se prepara para a *dança da coroa* e pelo médium representante de *Oruá*, figura 22, infra. Este médium participa em alguns momentos fazendo concentrações mediúnicas com *Oruá*, direcionadas ao preparo da comida.

Figura 22: Alimentos sendo pilados no Terreiro Senzala.



Fonte: Mascarin, (2016).

Após o término da pilagem, as castanhas ficaram na *piana* por mais três dias. As concentrações espirituais para as divindades seguiram sendo feitas pela médium que se prepara para realizar a *dança da coroa* e ser uma de suas representantes dentro da *cultura*. O tutor é quem instrui e orienta o trabalho desde o início.

Destarte, nas sete horas que antecederam a *dança da coroa*, no quadragésimo nono dia, outros alimentos foram preparados. Um pouco de arroz e algumas batatas foram cozidas, estes alimentos foram colocados em alguidares de argila e levados à *piana* para concentração espiritual com as divindades que estão participando do preparo, figura 23, infra.

Figura 23: Castanhas, arroz, batatas e a coroa trabalhados mediunicamente na *piana*.



Fonte: Mascarin, (2016).

Finalizada a concentração com as divindades, os alguidares com os alimentos permaneceram na *piana*. Antes de completar as sete horas para o ritual da *dança da coroa*, o tutor preparou um pequeno alguidar de argila, com rosas, água e alecrim para a médium lavar as mãos, para purificação antes do preparo do alimento.

Figura 24: Flores, alecrim e velas fazem parte do preparo de alimento.



Fonte: Mascarin, (2016).

Foram acesas velas no prato de argila onde ficará o alimento que será oferecido na *piana*, figura 24 supra e 25 infra.

Na sequência a médium lavou as mãos para burilar os alimentos, figura 24 infra.

Figura 25: Lavagem das mãos com rosas e alecrim.



Fonte: Mascarin, (2016).

Após a lavagem das mãos foi dado início ao preparo do alimento. Cada etapa faz parte da sua preparação. Pois, é por meio desta preparação que a médium estará em condições mediúnicas, portanto, também espirituais, para realizar a *dança da coroa* e cumprir as obrigações para se tornar sua representante dentro da *cultura*.

Destarte, na sequência os alimentos foram levados para a cozinha, figura 26, infra, acrescentou-se mel e foram misturados.

Após foram retiradas três pequenas porções, modeladas em formato de bolinhos e oferecidos na *piana*, próximo a coroa, figura 27, infra. O pequeno alguidar com água, rosas e alecrim também ficou na *piana* próximo às outras oferendas, figura 27 infra. Após três dias foram entregues numa beira de caminhos.



Figura 26: Mel, sendo acrescentado aos alimentos.



Fonte: Mascarin, (2016).

Figura 27: Alimentos oferecidos na *piana* e a *coroa* para a dança.



Fonte: Mascarin, (2016).

Depois de oferecido o alimento na *piana*, foi feita a *dança da coroa* em outro espaço do Terreiro Senzala. O mesmo espaço da figura 4, anterior.

Com os trabalhos de preparo da coroa e do alimento, trabalhando mediunicamente com as divindades, a clarividência foi sendo trabalhada pela médium, no mesmo sentido o *transporte*. O tutor orienta para a clarividência o *cativo* das divindades cotidianamente, buscando direcionar as concentrações mediúnicas de modo que possa receber mensagens nos sonhos e procurando trabalhar as mensagens manifestadas pela divindade para descodificação das mensagens recebidas. Cada médium tem o seu código. A clarividência também pode ser manifestada quando o médium está acordado, a divindade traz à sua mente algumas mensagens, como se fosse uma “visão” na mente. O *transporte* é orientado para ser trabalhado mediunicamente nas energias das divindades, dos elementos da natureza, e do próprio alimento. Estes trabalhos mediúnicos do preparo da coroa e do preparo do alimento serão manifestados no momento da *dança da coroa*.

Cada etapa para o preparo para a *dança da coroa* e cada etapa do preparo do alimento, trabalhando mediunicamente com as divindades, faz parte do desenvolvimento mediúnico para se tornar representante da *coroa*, é algo especial dentro da *cultura*. Destarte, é uma responsabilidade grande para o tutor que faz a preparação, bem como, para a médium que será a responsável como representante da *coroa*. São aprendizados e práticas para o desenvolvimento mediúnico que evidenciam o modo de ser, crer e viver desta *cultura*.

A Cultura Ganza tem diferentes trabalhos mediúnicos relacionados com alimentos em que a música, ou apenas o ritmo está presente. Neste sentido, abaixo segue um exemplo, breve, de trabalho com alimento, ritmo e cântico, dentro da *cultura*, que traz a espiritualidade nas entrelinhas. Isto pode ser observado no modo como está sendo realizada a quebra de licuri, que será utilizado para preparar alimento posteriormente.

Gentilmente Vento<sup>13</sup> sentou-se, pegou uma pedra e rachou o licuri. Neste momento as mulheres retiraram os lenços de suas cabeças, deixaram as tranças livres e fizeram reverência a Vento. Vento puxou um cântico em língua estrangeira, enquanto as mulheres continuavam seu trabalho. Vento também fez reverência e levantou-se. As mulheres continuaram quebrando os licuris no ritmo daquele cântico. O som das pedras quebrando os licuris trazia mais vida e harmonia aos cânticos. (MASCARIN, 2018, p. 97-98).

Isto, reafirma o alimento como importante elemento da natureza, seu valor para a espiritualidade e a mediunidade dentro da *cultura*. Ele também é importante e faz parte de

---

<sup>13</sup> Vento é um médium da *cultura*, personagem principal do livro Os Caminhos de Vento (MASCARIN, 2018).

rituais de diferenças crenças sagradas. Nas religiões afro-brasileiras, o candomblé é um dos exemplos:

Entender da comida, decodificar cada ingrediente, oferecer, provar, nutrir, são alguns dos caminhos que o candomblé segue na aliança permanente com a ação de alimentar, fortalecer e manter vivos deuses e homens. Essa preocupação está nos planos do sagrado e do humano. O candomblé é um bom lugar onde se comer. Santo também come, e muito – uma variedade de pratos, incluindo cardápios elaborados, diferentes, sofisticados. O importante não é apenas saber preparar os alimentos, mas organizá-lo em utensílios de barro, louça e madeira. Cada comida diz a intenção dos deuses, mostrando preferências e proibições (LODY, 1992, p.54).

Em suma, podemos dizer que seja o alimento, ou, seja a comida, como dito no candomblé, são vias importantes para a “conexão” com o plano espiritual. E neste sentido, o preparo do alimento para a *dança da coroa*, foi muito importante para a aproximação com as divindades que serão trabalhadas mediunicamente no momento da dança da coroa.

Figura 28: Médiun em concentração para iniciar a *dança da coroa*.



Fonte: Mascarin, (2016).

Portanto, para a *dança da coroa* o alimento é parte fundamental da preparação, em que as divindades são *cativadas* durante o preparo do alimento, potencializando as mediunidades necessárias para que a dança seja realizada como se deve, ou seja, interligando o plano material



ao espiritual. Destarte, ao toque do tambor foi dado início a dança de três povos, Nagô, Congo e um terceiro que não foi revelado. O tutor foi quem ensinou os movimentos anteriormente, visto que, num determinado momento da *dança da coroa*, eles devem ser iniciados e terminados, num quase transe. A médium fez a “puxada” mediúnica por meio da mediunidade de *transporte*, trazendo nos movimentos da dança um pouco da expressão de cada um destes três povos, trabalhando a espiritualidade por meio da mediunidade. A clarividência era necessária para se ter certa clareza para encerrar a dança de um povo e iniciar outra no momento certo, que ela deveria perceber espiritualmente, sem parar os movimentos do corpo e sem incorporar, algo aparentemente simples para quem vê, mas extremamente delicado e decisivo para quem executa.

Assim, terminada a *dança da coroa*, todos os médiuns presentes foram até outro espaço do Terreiro Senzala, onde é feito trabalho mediúnico em grupo, para a comensalidade. Para os médiuns consumirem fora acrescentado sal ao alimento que ficou separado daquele que foi oferecido às entidades na piana antes da *dança da coroa*, e em pequenas porções, modeladas em formato de “plastinhas” com a palma da mão, foram levadas para tostar, figura 29 infra, e após servidas, figuras 30 e 31, infra.

Figura 29: Alimento para a *dança da coroa*.



Fonte: Mascarin, (2016).

Figura 30: Servindo alimento preparado para a *dança da coroa* - 1.



Fonte: Mascarin, (2016).

Figura 31: Servindo alimento preparado para a *dança da coroa* - 2.



Fonte: Mascarin, (2016).

Este alimento só pode ser servido aos médiuns, estes, *comem de mão*, sendo esta uma maneira de trabalhar a busca espiritual da ancestralidade no ato de alimentar-se. Na *cultura*

como disse Ganza anteriormente, *tudo está interligado*. Existem maneiras de interligar-se aos ancestrais, ou seja, às divindades, o preparo do alimento e o ato de *comer de mão* contribui para a elevação espiritual do médium. Em vista disto, o visitante não pode consumir este alimento preparado para a *dança da coroa*, apenas os médiuns da *cultura*.

Luís da Câmara Cascudo traz uma passagem em seu livro História da Alimentação no Brasil, que remete ao ato de *comer de mão* relacionado ao sabor:

O contato da mão estabelece uma continuidade simpática, uma intercomunicação valorizadora que o metal isolará, fazendo dispersar-se sabores imponderáveis e reais. Por isso, Júlio Camba desaconselhava o garfo de prata para as sardinhas galegas e os negros serviam o *fou-fou* à mão nua. (CASCUDO, 2004, p.38).

Em vários momentos de trabalho espiritual dos médiuns no Terreiro Senzala, ou nas caminhadas e *chamadas espirituais*, mencionadas anteriormente, se *come de mão*. Contudo, como vimos no subitem anterior, o *kibó* não precisou ser servido desta forma, neste sentido, dependendo do alimento e da sua finalidade se *come de mão*, ou em cuias, ou em alguidares, ou pratos de argila, ou outros utensílios como no caso do *kibó*, que pôde ser colocado em vasilhas descartáveis para ser consumido pelos médiuns, pois, o trabalho espiritual de interligação com *Mahlagbá* dizia respeito somente às médiuns beneficiárias do mesmo.

Contudo, aos poucos Ganza está trazendo a Cultura Ganza para o desenvolvimento mediúnico e com isto, vai trazendo para os médiuns as maneiras de trabalhar mediunicamente, buscando a ancestralidade. Neste sentido, aos poucos, os utensílios da cultura material desta *cultura*, vão sendo incorporados aos hábitos para o consumo dos alimentos. Existem períodos em que os médiuns só podem *comer de mão*, ou seja, para o desenvolvimento da mediunidade há algumas fases em que se devem respeitar obrigações espirituais. Isso está sendo ensinado aos poucos, o desenvolvimento mediúnico continua.

Assim, com a comensalidade foi encerrado o ritual da *dança da coroa*.

Os apetrechos da *coroa* são modificados depois de certo período, são colocados outros, conforme vai sendo firmada a digina e a divindade principal da médium. Isto faz parte da evolução do desenvolvimento mediúnico da médium que está trabalhando para ser uma de suas representantes dentro da *cultura*. O preparo dos alimentos interligados à coroa e à dança da coroa, deram início a este desenvolvimento em específico. E, durante sete anos seguidos a médium deverá realizar a *dança da coroa* no início do ano, sendo esta uma obrigação mediúnica. Implica no desenvolvimento das suas mediunidades.

#### 4.5 *BUBICINHA*: alimento para o escravo reprodutor e preparação mediúnica

A *bubicinha* é um alimento preparado no Terreiro Senzala quando necessário, pois, serve para problemas de saúde, além de ter seu sabor apreciado por todos que a consomem. Este alimento foi elaborado pelo bisavô de Ganza, que passou os conhecimentos para seu filho Joaquim, este, ensinou aos seus descendentes, assim sendo, chegou ao conhecimento de Ganza, que aprendeu com seu avô na adolescência. É ensinada no Terreiro Senzala aos médiuns que optam e se preparam para trabalhar principalmente com tratamento relacionado à saúde física e espiritual. Neste caso, é preciso que o médium tenha conhecimento sobre algumas plantas, sementes e raízes, que são utilizadas para seu preparo.

Destarte, no final do período da escravidão no Brasil este alimento foi elaborado e passou a ser consumido pelo bisavô, pelo avô de Ganza e por vários escravizados que tinham a função de reprodutores, e algumas mulheres que eram escolhidas para esta função. Servia para ajudar no vigor físico, e espiritual. De modo geral a alimentação do escravizado não supria as necessidades do seu organismo, principalmente diante o esforço físico para as jornadas de trabalho. Os alimentos destinados pelo senhor da casa grande para seu sustento, deixava a desejar<sup>14</sup>.

A impressão lógica é que o escravo teve alimentação relacionada com sua atividade essencial. Escravos dos engenhos de açúcar, escravos das fazendas de gado, escravos da mineração, escravos dos cafezais, escravos urbanos, não deviam ter a mesma dieta. Variavam os produtos, e cada profissão teria horário característico para alimentar-se. Tal não se verificou. A base era idêntica, e apenas a incidência de alguma carne ou pescado para dar gosto distinguiu os regimes. Para o Norte a farinha de mandioca garantia o pirão, indispensável, diário, sinônimo do próprio alimento geral. Pelo interior da Bahia, para o centro e sul do Brasil estendia-se a geografia do milho. A farinha de mandioca não era ignorada nem ausente no Sul e Centro, tal qual o milho ocorria no Norte e Nordeste mas sem a predominância do primeiro elemento, característicos nos repastos. (CASCUDO, 2004, p. 202-203).

Mesmo em vista da alimentação precária destinada aos escravizados, o principal motivo para que a *bubicinha* fosse elaborada foi devido a função do escravizado para a reprodução.

---

<sup>14</sup> Para complementar, o escravizado sentiu necessidade de procurar meios de fazer render a pouca comida que recebia. “O negro encontrou um meio de fazer render mais a pouca comida que recebia: inventou o *massapê*. Pirão feito de farinha de mandioca com água fervendo, e que tomava a cor roxa do barro massapê. Era comido com molho de pimenta-malagueta. O pirão massapê ainda hoje está muito em uso no nosso meio rural. (CASCUDO, 2004, p. 205). Maiores detalhes encontram-se no capítulo Comida de Escravo, de Luís da Câmara Cascudo 2004.

Trazidos ao Brasil, o bisavô e avô de Ganza, por volta do ano de mil oitocentos e setenta e quatro, período em que o tráfico de escravos já estava proibido, porém, apreensões de barcos (MAGNANI, 2017, p. 29) indica que havia o exercício desta atividade na ilegalidade<sup>15</sup>, esta informação corrobora no sentido do período em que foram trazidos, ilegalmente. Ao atingir a puberdade o avô de Ganza, também foi escolhido para ser reprodutor. Segundo Ganza, nos relatos de Joaquim, ele dizia que sua altura e de seu pai, passando um pouco de dois metros, contribuiu determinantemente para esta escolha. Para a reprodução de escravizados algumas características físicas como altura e porte físico forte era levada em conta pelos senhores de escravos, segundo Joaquim.

Também os compradores de escravos observavam as características físicas dos escravizados para sua aquisição. Segue abaixo, um dos exemplos trazidos por Gilberto Freyre de como isso acontecia, mostrando também o racismo e a seleção eugênica na época.

Os característicos físicos dos negros importados para o Brasil, é interessante segui-los através da linguagem pitoresca do povo, nos anúncios de compra e venda de escravos para o serviço doméstico ou agrícola. Nesse sentido a coleção do *Diário de Pernambuco* – o diário mais antigo da América chamada Latina, fundado em 1825 – apresenta-se com particular interesse para o estudante de antropologia. Vê-se através dos velhos anúncios de 1825, 1830, 35, 40, 50, a definida preferência pelos negros e negras altas e de formas atraentes – “bonitas de cara e de corpo” e “com todos os dentes da frente”. O que mostra ter havido seleção eugênica e estética de pajens, mucamas e molecas para o serviço doméstico [...]. (FREYRE, 2006, p. 396-397).

Assim sendo, os escravos reprodutores eram obrigados a “enxertar” as escravizadas que estariam com suas “barrigas vendidas”. O termo depreciativo “enxertar”, foi reproduzido por Ganza durante entrevista, expressando a forma com a qual eram tratados os escravizados nas senzalas, como animais. Os senhores de engenho negociavam a compra e a venda da barriga. Escolhiam os escravos e as escravas que participariam do negócio, assim como faziam com seus animais, no intuito de aumentar a mão de obra escrava.

Feita a escolha do casal, na senzala eram vigiados e observados para certificarem-se do êxito do ato sexual, visando que a escrava engravidasse. Diariamente os escravizados reprodutores não eram poupados, assim como, outros escravizados em suas lides. Sendo que,

---

<sup>15</sup> Entre os vários autores que pesquisaram a escravidão no Brasil, como Jaime Pinsky, João José Reis e Gilberto Freyre, temos o trabalho de Beatriz G. Mamigonian (2017) de onde retiramos a informação sobre o tráfico ilegal de africanos. Segundo a autora a Marinha Britânica em julho de 1851 fez várias apreensões ilegais (p. 29) demonstrando que o governo brasileiro não estava com *animus* para reprimir o tráfico de ilegal de africanos, inclusive, cita que, na Ilha de Marambaia no Rio de Janeiro, havia indicativos de que este seria um local para o desembarque ilegal de escravizados (2017, p. 264-265).

em alguns dias eram submetidos várias vezes, ao gosto dos negócios dos senhores das fazendas, observados para fazerem filhos que não conheceriam, o mesmo acontecia com as escravizadas, que estavam com suas barrigas vendidas. Devendo ambos, como dito anteriormente, servir apenas para reprodução de mão de obra escrava.

Meu bisavô ficou como reprodutor. Mas como essa mistura dava um fruto muito bom, devido ao tamanho e agilidade do outro a nível de trabalho, então, houve uma época que ele não dava conta das mulheres que levavam para que ele “cruzasse”, na verdade na linguagem antiga, “enxertasse”, por que era tratado como animal. E essa reprodução era feita na frente dos senhores, ali, como era feito com cavalo, com boi. E a salvação dele, uma das coisas que deixava ele mais em paz, era ser um bom reprodutor. (GANZA, 22 jul. 2014).

Esta função levava ao esgotamento físico, sem falar na humilhação e degradação humana. O confronto com esta realidade levou o bisavô de Ganza a fazer uso de seus conhecimentos e elaborar um alimento diferenciado, que também pudesse servir como remédio para manter a saúde e o vigor, tanto físico, como espiritual. Fez uso de conhecimentos sobre plantas e seus benefícios, aprendidos dentro da *cultura* durante o período que viveu na África. Aqui no Brasil buscou conhecimento com ameríndios e outros negros com quem convivia ou tinha contato, e estavam aqui a mais tempo, de forma que pudesse substituir os vegetais que não eram encontrados por ele.

Ao chegar ao Brasil, o africano, pela maneira de relacionar-se com o vegetal, sofreu um dos mais traumáticos impactos: a confrontação feita entre a flora africana com a brasileira. Foi necessário ele identificar as espécies vegetais conhecidas desde a África. Necessário, também, para ele foi conhecer espécies vegetais capazes de substituir as árvores, as plantas as ervas (se aqui elas não existissem). Foi fundamental conhecer e dominar esta mata desconhecida, deslumbrante, e misteriosa como forma de estabelecer a mais urgente maneira de sobreviver, tanto física quanto culturalmente. (VASCONCELOS, 2006, p. 48).

Deste modo, adaptou alguns produtos para preparar este alimento, que seria remédio para necessidades físicas e espirituais. Combatia a anemia e era afrodisíaco, ajudando nas funções sexuais e no vigor espiritual. Assim, na lua cheia de *Kimana*, colhia-se o milho maduro,

porém, não seco, algumas ervas e raízes compatíveis com a finalidade desejada, que serviriam para o preparo da *bubicinha*.

Era feita concentração espiritual para *Oruá* trazendo a benção e a energia deste deus menor para os alimentos. Após, este era deixado no telhado durante o dia, no sol de *Tanfá Ilu* e no período da noite na lua de *Kimana*, de nove a quatorze dias, fazendo as concentrações espirituais com divindades *cativadas* no dia a dia às escondidas, ou de maneira camuflada. Isto era feito durante os períodos de suas atividades no sol de *Tanfâ Ilu*, na mata de *Zihipoá* e na lua de *Kimana*, do jeito que podiam. Depois deste período, o milho era cozido com algumas ervas, raízes, um pouco de leite de vaca, que conseguiam um jeito de arranjar, e gordura de animal que abatiam no mato. Depois de bem cozidos os ingredientes, deixava-se na panela apenas a canela em cocção por mais algum tempo. Eram retiradas as raízes e as plantas - ver figura 33 e 34 na sequência, no preparo da *bubicinha* feito no Terreiro Senzala – a maneira de fazer não mudou desde àquele período em que foi ensinado a Ganza por Joaquim. Após, a panela era retirada do fogo e deixava-se “descansar o alimento” por três horas, somente então deveria ser consumido duas vezes ao dia, pela manhã e pela noite, dentro de três dias. Notemos que, cada preparo servia para três dias de tratamento.

Devido a finalidade deste alimento surgiu a denominação *bubicinha*, foi derivativa do sentido de, “fazer bobiça”, expressão usada na época para relações íntimas. Em várias ocasiões, entrando em contato com escravos reprodutores de outras fazendas, estes, encomendavam o preparo deste alimento ao bisavô, e pouco tempo depois, também ao avô de Ganza, que passou a fazer este alimento. Não era incomum escravizados escolhidos para esta função adoecerem principalmente de anemia, provocada por este desgaste físico específico, inclusive, pelo fato de não terem alimentação adequada.

Em vista disto, a *bubicinha* passou a servir como revigorante, era remédio para a função reprodutora, incluindo a saúde espiritual, pois, na *cultura*, participar da concepção, trazendo uma nova Vida ao mundo é algo sagrado e isto, deve ser respeitado por todos os Ganzas. Existem fundamentos e *fincamentos espirituais* originários das concepções nas tumbas que fazem parte dos princípios e das práticas do médium. Não se tira ou podem ser ignorados.

Assim, os motivos elencados levaram o bisavô de Ganza a procurar vegetais e demais produtos que pudessem servir para preparar um alimento para estas finalidades. Como dito anteriormente, a *cultura* se adapta ao local e ao contexto onde o médium vive. Sendo assim, a *bubicinha* continuou sendo preparada dentro da *cultura* depois do período da escravidão, em outro contexto, não mais para escravos reprodutores, continuou servindo como afrodisíaco,

sendo um revigorante físico para as funções sexuais, ou para o casal que pretende ter filhos. Servindo também para ajudar a trazer energia e força ao espírito. Cabe ressaltar que, durante o consumo da *bubicinha* para tratamento das funções sexuais, não se pode ingerir bebidas ou alimentos gelados, pois, são prejudiciais ao processo do organismo que está sendo preparado para a reprodução.

Não podemos deixar de reiterar que, estes conhecimentos fazem parte de uma *cultura* que se adapta, sem deixar seu modo de ser, crer e viver. Assim, o preparo da *bubicinha* é realizado com trabalho mediúnico, trabalhando as concentrações espirituais com as divindades. Continuou sendo ensinada dentro da *cultura* pelo avô de Ganza, que passou estes conhecimentos aos seus filhos, netos, sobrinhos, e assim seguiu, chegando ao Terreiro Sensala, local de onde estamos trazendo estes conhecimentos. Servindo portanto, ao mesmo tempo como alimento e remédio. Ressaltamos que, a *bubicinha* também pode ser consumida por mulheres, adolescentes e crianças, pois, não havendo o regime das recomendações feitas para tratamento de disfunção sexual e intuito de ter filhos, ela se torna apenas alimento e revigorante.

Abaixo seguem algumas fotos da *bubicinha* preparada no Terreiro Sensala. O modo de preparo é o mesmo mencionado anteriormente, continuou sendo mantido desde o período da escravidão. O que mudou foi, a gordura que precisa ser acrescentada ao preparo, no lugar da gordura de animal abatido no mato, é usada gordura de porco, em que se derrete o toucinho para ser acrescentado ao preparo. Outra coisa que é muito importante para o médium, é o fato de não precisar mais camuflar as concentrações com as divindades.

Nas figuras 32, 33 e 34, infra, a *bubicinha* está sendo preparada no Terreiro Sensala pelo tutor dos médiuns que estão desenvolvendo as mediunidades.

Figura 32: A *bubicinha* em cocção.



Fonte: Mascarin, (2015).



Figura 33: Cozimento da *bubicinha*: milho, raízes e plantas.



Fonte: Mascarin, (2015).

Figura 34: Retirando as raízes durante o preparo da *bubicinha*.



Fonte: Mascarin, (2015).

Uma das divindades que participa deste preparo além daquelas anteriormente mencionadas é *Zihipoá*. Se busca concentração espiritual na mata de *Zihipoá*, e se acende vela na *piana* para que este deus menor traga energia e força espiritual da mata

para o alimento, trazendo para a eficácia das plantas, grãos e raízes energia e força espiritual desta divindade. Assim também é trabalhada a energia e a força do sol de *Tanfá Ilu* e da lua de *Kimana*. *Zhipoá* é *cativado* desde o período da formação da *cultura* nas tumbas.

A seu modo diferentes culturas e religiões utilizam variedades de vegetais para fins terapêuticos, culinária e cosméticos<sup>16</sup> desde a antiguidade.

Os vegetais que os gregos denominavam *botané*, raiz etimológica da palavra botânica – ciência que os estuda – estão indissoluvelmente associados aos processos curativos. Feiticeiros, curadores, médicos eram, entre outras coisas, conhecedores das várias propriedades das ervas. Não podemos dissociar o conhecimento sobre plantas, da prática da medicina primordial. Nem da medicina moderna. Nem podemos separá-los dos fazeres mágico-religiosos, que permearam e, ainda permeiam os processos de cura. Fazendo uma rápida viagem através dos tempos sobre o tema, verifica-se que o uso das ervas com finalidade curativa, culinária e cosmética é encontrado em documentos das mais diversas e antigas culturas. (VASCONCELOS, 2006, p. 45).

No panteão afro-brasileiro Edison Carneiro menciona Óssãe (1978, p. 67), divindade das folhas presente em cultos do candomblé. Lísias Nogueira Negrão (1996) menciona entre as características dos caboclos da umbanda, a de espíritos curadores que fazem uso das plantas para banhos de purificação e defumação.

3ª São espíritos curadores. Vivendo nas matas, conhecem os segredos das ervas, com as quais tratam seus clientes. Faz curas com banhos, manda fazer banhos, defumação na casa [...] O Caboclo Pena Verde dá mais é só remédio de ervas, assim de banhos de descarrego, [...]. (NEGRÃO, 1996, p. 207).

Destarte, Maria Odete Vasconcelos (2006), Lísias Nogueira Negrão (1996) e Edison Carneiro (1978) são alguns dos autores que trabalham religiões afro-brasileiras e nos traz exemplos de divindades que tem como característica principal os vegetais.

Para a Cultura Ganza as divindades da natureza são *cativadas* para ajudar nos trabalhos mediúnicos. O médium aprende com os conhecimentos da *cultura* durante o desenvolvimento, como trabalhar com diferentes mediunidades e descodificá-las. Como se preparar para que a

---

<sup>16</sup> Na Cultura Ganza também se prepara cosméticos à base de vegetais, contudo, não trataremos deste assunto neste trabalho, tendo em vista que o foco principal da nossa pesquisa é o preparo de alimentos para o desenvolvimento mediúnico.

hierofania aconteça nas mediunidades, de maneira que beneficie também pessoas que procuram por ajuda na *piana*. O preparo de alimentos durante o desenvolvimento mediúnico ajuda no desenvolvimento das mediunidades. Por meio da prática para o *cativo* das divindades, busca-se êxito na finalidade do alimento. Assim, a *bubicinha* se tornou um dos alimentos importantes para a saúde física e espiritual, não somente no final do período da escravidão, mas também depois deste período. Se tornou importante não somente dentro da *cultura*, mas também para outras pessoas, que se beneficiam deste conhecimento que está sendo transmitido no Terreiro Senzala.

#### 4.6 ÁGUA DE TONGO: da senzala ao Terreiro Senzala

Nosso propósito é trazer a descrição da *água de tongo* na perspectiva de estratégia. Primeiramente, *a que possa servir, e, a quem é servida*, tendo em vista o contexto no qual ela foi elaborada. Assim como a *bubicinha*, a *água de tongo* fez parte da vida do bisavô e avô de Ganza, no final do período da escravidão no Brasil. Após este período, a *água de tongo* continuou a ser preparada para desenvolvimento mediúnico, e alguns problemas relacionados a saúde principalmente física, sendo neste último caso, preparada com produtos que pudesse servir para esta finalidade.

A *água de tongo*, também denominada *água de tombo*, fez parte do contexto de vida de escravizados pertencentes e não pertencentes a *cultura*, que buscavam meios de sentirem-se “donos de si”, em momentos que consideravam importantes, tais como, reuniões e planejamentos para fugas, sendo nestes casos, servida para os feitores do engenho. A forma de prepará-la independentemente da época, na senzala da casa grande durante a escravidão, ou, no Terreiro Senzala na atualidade, mantém o respeito aos princípios e a finalidade da Cultura Ganza, mencionados no início da tese.

Assim sendo, para além dos objetivos da espiritualidade da *cultura* e alguns problemas de saúde, em alguns momentos na senzala, a *água de tongo* serviu de estratégia para subverter a ordem imposta aos escravizados. Deste modo, esta bebida deixava os feitores imobilizados na tentativa de conter os ânimos dos escravizados em momentos de euforia, reuniões para articular fugas e momentos de fugas, propriamente dito. Esta estratégia acontecia da seguinte maneira, era oferecida aos feitores gradativamente, servindo como uma das “chaves” para ajudar a realizar alguns propósitos. A cada preparo aumentava-se o processo da fermentação e a quantidade de alguns produtos, sem que esta gradação fosse percebida nas beberagens,

fazendo com que paulatinamente seu efeito se prolongasse por mais tempo. Este processo ia do primeiro ao sétimo preparo, isto significa que o primeiro preparo era suave, o segundo um pouco mais forte, seguindo desse modo até o sétimo preparo que era o mais forte, deixando os feitores sem ação pelo efeito da bebida.

Assim, a *água de tongo* também denominada *água de tombo*, ganhou esta denominação pelo fato de trazer “leveza” à mente, tirar a força dos movimentos do corpo, e prolongar o sono, conforme o grau de seu preparo. Por estes motivos as denominações, *água de tongo* e *água de tombo*, estão no sentido de indivíduo cambaleante, propenso a quedas e sonolento. Em vista disto, era oferecida à noite aos feitores na senzala, de maneira planejada, evitando que o senhor do engenho soubesse.

Havia dificuldade para acesso a bebidas, isto levava os escravizados a produzirem para consumo próprio, a seu modo, com produtos que conseguiam de forma precária. Estas por vezes eram oferecidas aos feitores aos poucos, no intuito de ganhar sua confiança. O propósito da *água de tongo* ser oferecida aos feitores era deixar a senzala um tanto quanto desprotegida da vigilância. Assim, a *água de tongo* se tornou uma estratégia que acabou sendo ensinada para escravizados de outras fazendas, utilizando os mesmos ingredientes, contudo a seu modo, preparavam nas suas respectivas crenças por não pertencerem a esta *cultura*. A dificuldade para o *cativo* de suas divindades, por vezes alterava o resultado. Por este motivo a *água de tongo* preparada pelo bisavô e avô de Ganza se tornou uma referência para escravizados também de outras senzalas.

Assim como fez com os conhecimentos sobre a *bubicinha*, descrita no subitem anterior, o avô de Ganza também passou aos seus descendentes os conhecimentos sobre a *água de tongo*, o modo de seu preparo, sua importância dentro da *cultura*, e para a dinâmica de objetivos dos escravizados nas senzalas. Destarte, além da importância que acabamos de mencionar, no Terreiro Senzala esta bebida traz outros benefícios, serve para auxiliar no desenvolvimento espiritual dos médiuns, visto que, para seu preparo os médiuns precisam trabalhar com divindades da *cultura*, as quais, são *cativadas* pelos mesmos, conforme temos visto até o momento, também auxilia na prevenção para tratamento de saúde, pela composição das ervas e raízes adicionadas.

Existe diferentes modos de preparo trazendo sabores variados, conforme a digina da divindade e a finalidade da bebida. A título de exemplo, preparada com abacaxi, figura 35 infra, pode ser consumida em trabalhos espirituais com entidades da digina de *Zihipoá*.

Figura 35: Abacaxi sendo acrescentado ao preparo da *água de tongo*.



Fonte: Mascarin, (2015).

A menção ao preparo com abacaxi é apenas um exemplo para entendermos previamente que a adição de sabor pode ser feita, por sua vez, está relacionada a dignidade da divindade. Dependendo da finalidade, seu preparo será direcionado a tratamento de problema de saúde física. Neste caso, a *água de tongo* é preparada para a pessoa que fará o tratamento, com doses pequenas e por tempo prolongado. Para se ter uma ideia de seu preparo, visto que não segue um só modo e um só objetivo, esta bebida pode ser tema para projeto de pesquisa, diante as diferentes formas de seu preparo, sua eficiência, variedade de ingredientes e importância para a *cultura*. À vista disto, não é nosso objetivo neste trabalho descrever extensivamente sobre a *água de tongo*, ela é parte desta pesquisa.

Conforme a necessidade para os trabalhos mediúnicos, a *água de tongo* pode ser consumida em algumas caminhadas, *chamadas espirituais* e trabalhos nas *pianas*. Não é necessário que seja preparada e consumida toda vez que estas atividades são realizadas, portanto, é de acordo com o objetivo almejado.

Com a descrição da *água de tongo* sequencialmente, preparada no Terreiro Senzala, podemos ter uma noção também do seu preparo na senzala do senhor de engenho, pelos antepassados de Ganza, pois, existe alguns ingredientes que são básicos e também o modo de preparo na espiritualidade da *cultura* não muda.

A *água de tongo* durante e depois do término do seu preparo na senzala que pertencia a casa grande, era depositada em recipientes que ficavam escondidos debaixo da terra. Em algumas ocasiões, feitores os encontrava e acabava não se importando, pois, era considerada mais uma das bebidas confeccionadas pelos escravizados que estavam tentando escondê-la.

Não era incomum os escravizados prepararem suas bebidas fermentadas, pois, era difícil ter acesso a este produto, conforme mencionado anteriormente. Neste sentido, a contribuição de antepassados da *cultura*, neste período, com a elaboração da *água de tongo* e também da *bubicinha*, esta, para a saúde dos escravos reprodutores, como vimos, é significativa. Lutaram para sobreviver na senzala a seu modo, tentando manter a Cultura Ganza viva, com os conhecimentos que dispunham para adaptar sua sobrevivência e o *cativo* das divindades. À vista disto, podemos ter uma noção da importância que teve a *cultura* na vida dos antepassados de Ganza e de outros escravizados que se beneficiaram com o preparo destes alimentos.

Assim sendo, a *água de tongo* tem como um dos principais ingredientes a cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum*), produto utilizado como base para a confecção de bebidas pelos escravizados, de modo geral. Neste sentido, Câmara Cascudo traz a seguinte informação:

Da escuma um tanto feculenta e abundante, que serve de comida e bebida para o gado, o escravizado fazendo o coamento e acrescentando água a esta escuma, consegue confeccionar uma bebida denominada *garapa*. Ao deixar esta *garapa* em potes fermentando, esta perdia sua doçura e produziam a seu modo a cachaça para seu consumo. (CASCUDO, 2004, p. 773-774).

Existem diferentes modos de preparar as bebidas fermentadas<sup>17</sup>.

Figura 36: Engenhoca do Terreiro Senzala, Ganza e uma das médiuns moendo cana para o feitiço da *água de tongo*



Fonte: Mascarin, (2014).

<sup>17</sup> No livro *História da Alimentação* (2004), Câmara Cascudo traz várias informações sobre o feitiço de bebidas fermentadas.



A *água de tongo* não é cachaça, é uma bebida fermentada, preparada com a garapa ou o melaço de cana-de-açúcar. No Terreiro Sensala a cana-de-açúcar é colhida na plantação e feita a moagem para a *água de tongo*, figura 36 supra.

Após a moagem, o caldo da cana é levado no fogo de *Lum Bi Adá* para ferver até o ponto de melaço, figura 37 infra.

Figura 37: Melaço sendo preparado para *água de tongo* no Terreiro Sensala.



Fonte: Mascarin, (2014).

Ao levar o melaço do caldo de cana para ferver é feita concentração espiritual para *Oruá* abençoar e energizar este alimento. Neste momento também se trabalha espiritualmente com o deus menor do fogo *Lum Bi Adá*. Este deus menor é uma divindade *cativada* na *cultura* desde o período nas tumbas. Em vista disto, o fogão a lenha, cultura material desta *cultura*, é utilizado no Terreiro Sensala para concentração espiritual com esta divindade do fogo. É o retorno a ancestralidade da *cultura* trazendo-a para o presente. Assim também, é utilizado para preparar ao alimentos.

Na época da senzala o senhor de engenho cedia para o escravizado a garapa azeda e o resto do melaço que seria colocado como alimentação para os porcos e o gado. Anteriormente na transcrição de Câmara Cascudo, vimos um pouco de como isto acontecia. E assim o avô e bisavô de Ganza conseguiam esta parte dos ingredientes para preparar a *água de tongo*, que em vários momentos seria destinada para os feitores consumirem. Trabalhavam no preparo desta bebida com deuses e deusas menores que *cativavam* na sua espiritualidade, e que haviam trazido da África com a *cultura*.

Destarte, para o preparo da *água de tongo* no Terreiro Sensala o caldo da cana é levado para fervura até o ponto de melaço, posteriormente é misturado com alguns ingredientes, estes

são escolhidos diante a finalidade do preparo. Após é reservado para uma primeira etapa de fermentação. Fica depositado em recipientes de bambu ou argila, em torno de um palmo debaixo da terra. O número de dias varia, pois, no inverno o processo de fermentação, por exemplo, é um pouco lento. Após a primeira fermentação se acrescenta alguns ingredientes, conforme o sabor desejado, ou tratamento de saúde. Para problema de garganta, por exemplo, é adicionado gengibre (*Zingiber officinale*), é feito gargarejo e também o consumo da bebida. Também pode ser adicionada a folha de fumo (*Nicotiana tabacum*) auxilia na limpeza das cordas vocais. Quanto ao sabor, pode ser preparado com coco, abacaxi, ervas doces. Estes produtos fazem parte da segunda ou terceira fermentação, dependendo da finalidade do preparo. No caso do preparo para os feitores chegava até a sétima fermentação, sendo adicionadas ervas, raízes e cipós, gradativamente. Determinados tipos de cipós e folhas eram acrescentadas para trazer menos controle do corpo e o sono aos feitores. Estes são alguns dos ingredientes que são utilizados. As primeiras fermentações são básicas para o preparo tanto na senzala, como no Terreiro Senzala.

Figura 38: Uma das médiuns fazendo a mistura das fermentações da *água de tongo*.



Fonte: Mascarin, (2014).



Figura 39: Uma das médiuns colocando a mistura da *água de tongo* para novo processo de fermentação.



Fonte: Mascarin, (2014).

Conforme podemos observar nas figuras acima, a presença do fogo de *Lum Bi Adá* é constante durante o preparo.

As etapas de fermentação variam conforme os produtos utilizados, por exemplo, abacaxi, coco, hortelão, contudo são no mínimo dois processos de fermentação, considerando o tipo de ingrediente e o grau de leveza ou fortidão almejado. O preparo pelo médium durante seu desenvolvimento mediúnico é importante, são feitas as práticas mediúnicas com as divindades nas várias etapas do preparo. Acende-se vela na *piana* para que a divindade energize e atenda o pedido feito durante o preparo da *água de tongo*. Isto é realizado em concentração espiritual com as divindades que participam do preparo. Sem esquecer que primeiramente deve ser pedida benção dos alimentos para *Oruá* e abertura para o direcionamento do preparo na sua finalidade. *Oruá* é o principal deus menor saudado nestes trabalhos, é com *Oruá* que se inicia e se dá *corrente espiritual* para o preparo dos alimentos, de modo geral.

Outro elemento importante é o fogo, além de ser útil para cozer alimentos e aquecer o frio, é considerado sagrado desde tempos imemoriais por várias crenças e culturas.

Existem diferentes processos para a combustão, contudo o fogo que estamos falando é aquele da queima da lenha ou vela, sagrado na espiritualidade da *cultura*. Deste modo, seja o fogo da fogueira, da vela, ou do fogão a lenha, é o fogo de *Lum Bi Adá*, ele traz vida ao ambiente,

sua energia aquece não somente o corpo, também o espírito, e ajuda a preparar o alimento. De modo geral, o fogo é desejado e contagiante para o descanso e a meditação, conforme explicita Câmara Cascudo:

O fogo é o companheiro inarredável. [...]. Sentar-se e olhar o fogo continua sendo uma atitude permanente para o homem. Meditação à luz da lâmpada. Lucubração. Impressão de segurança, tranquilidade, convivência invisível com auxílios propícios. Explicar-se-á no clima temperado ou frio mas no tropical, ameríndio e africano, também o fogo arde, inevitável noite e dia. Fogo morto, casa morta. Dos Va-Nyaneka, em Mossamedes, Angola, o padre C. Tastevin informa: *Sont accoutumés à dormir toujours auprès du feu, même quando il fait chaud* (139). (CASCUDO, 2004, p. 84-85).

Portanto, o fogo para a Cultura Ganza tem “vida” e *Lum Bi Adá* é o deus menor que rege esta “vida” no fogo. É uma fonte de energia que pode ser trabalhada mediunicamente. Durante o preparo da *água de tongo*, é trabalhado principalmente a mediunidade de *transporte*. As energias das divindades, principalmente do fogo de *Lum Bi Adá*, devido ao tempo de preparo que é necessário para o cozimento no fogão à lenha, e juntamente com Oruá, estas energias destas divindades são direcionadas por meio da mediunidade de transporte para o preparo desta bebida, auxiliando na finalidade do seu preparo, que geralmente tem por objetivo a saúde física. Assim sendo, seja o fogo da vela, da fogueira, ou do fogão a lenha, para o trabalho mediúnico não é um fogo pura e simplesmente, é o fogo de *Lum Bi Adá*. O médium da *cultura* durante o desenvolvimento mediúnico aprende a trabalhar com este deus menor, principalmente durante o preparo de alimentos.

Nas imagens do preparo da *água de tongo* que apresentamos nesta descrição densa, percebemos que aparecem médiuns diferentes. Foi feita durante o aprendizado desta bebida que foi preparada principalmente pelo tutor, que ensinava seu preparo. Assim, à medida que a mediunidade vai sendo desenvolvida o aprendizado é maior e paulatinamente o desenvolvimento mediúnico com as divindades *cativadas* aumenta e fortalece. Neste sentido, o preparo da *água de tongo* ajuda a intensificar a mediunidade principalmente de *transporte*, a clarividência e a incorporação acabam recebendo das divindades força para serem trabalhadas, à medida que o médium recebe as energias das divindades e canaliza para estas mediunidades. Assim sendo, o trabalho com a mediunidade de transporte é fundamental nos trabalhos mediúnicos.

Ressaltamos que para o desenvolvimento mediúnico na Cultura Ganza, de modo geral, é limitado o *cativo* a algumas divindades, pois, entre deuses e deusas menores são quarenta e nove, sendo impossível *cativar* todos para trabalhar mediunicamente.

E para finalizar, a *água de tongo* também ajuda no transe mediúnico, porém, no Terreiro Senzala não se costuma tomar para esta finalidade. Nos eventos do terreiro abertos ao público, geralmente é oferecida para quem queira conhecer e apreciar seu sabor. Neste sentido, a *água de tongo* diante sua importância para a *cultura* tem sido conhecida em momentos oportunos, também fora do Terreiro Senzala, como no ano de dois mil e dezessete durante reunião do GAIA (Grupo de Antropologia e Interdisciplinaridade em Ambientes – DIVERSITAS/FFLCH/USP) sob a coordenação da Professora Margarida Maria Moura e aulas de antropologia na USP no período de trabalho desta pesquisa, em que pudemos a convite da mesma professora, falar sobre a Cultura Ganza e sobre este trabalho. Assim, a *cultura* está sendo conhecida além das suas fronteiras, seja pela escrita, seja pelos benefícios dos trabalhos mediúnicos de desenvolvimento e atendimentos nas *pianas*, seja pela sua arte, ou alimentação. Mesmo com limites nos conhecimentos passados para quem não pertence à ela, tudo o que está sendo levado para fora é um marco dentro da Cultura Ganza, pois, até então nada disso era levado a público. O atual Ganza tomou esta decisão e esperamos que a Cultura Ganza continue viva e apaziguadora.

## CONCLUSÃO

Trabalhar com pesquisa sobre a importância do preparo de alimentos para o desenvolvimento mediúnico na Cultura Ganza foi uma tarefa gratificante. Esperamos que corrobore para abrir possibilidades de pensar o alimento e a sua importância para o corpo e para o espírito. Neste sentido a pesquisa não termina. Ela deve servir para a busca de questionamentos que permitam avançar e trazer direcionamentos para além daquilo que estamos apresentando.

A Cultura Ganza acredita que todos, independentemente de seu nascimento nasce com alguma mediunidade. Seja as intuições, sonhos, (clarividência), seja as energias (transporte), ou a mediunidade de incorporação.

Assim, num tempo em que a questão dos alimentos e da alimentação estão sendo um desafio mundial diante o problema da fome, estamos trazendo um olhar para a sobrevivência, no que diz respeito à sua relação com a alimentação extensiva à espiritualidade. A Cultura Ganza acredita que é preciso trazer esta dimensão, para que se possa respeitar a Vida nas suas diferentes dimensões. E assim, buscar o respeito com a natureza e alternativas para a sobrevivência humana. Nossa contribuição com este trabalho sobre desenvolvimento mediúnico e preparo de alimentos, esperamos que seja de tentar trazer o sentido da Vida não apenas sob a perspectiva da matéria, mas, da matéria interligada ao espiritual, para que possamos devolver a nós mesmos, o nosso corpo e o nosso espírito sadios. Uma das maneiras é por meio do respeito à natureza, e enfatizamos, aos alimentos que retiramos dela. Este respeito nos possibilita encontrar maneiras de nos interligarmos à outra dimensão, a do plano da espiritualidade e ancestralidade.

Portanto, trabalhar a descrição densa e as interpretações da Cultura Ganza, à partir dos sujeitos que pertencem à ela, dentro do conceito de Clifford Geertz (2008), nos possibilitou trazer conhecimentos do desenvolvimento mediúnico, em que, o preparo de alimentos foi determinante para, primeiramente interligar as mediunidades às divindades, à partir de então, contribuir para descodificar, intensificar e ampliar as mediunidades que estão sendo desenvolvidas por cada médium. Neste sentido, Luís da Câmara Cascudo, Mircea Eliade, Amadou Hampâté Bâ, entre outros autores, nos propiciaram trazer para a descrição densa abordagens e algumas interpretações que auxiliaram o desenvolvimento da pesquisa.

Assim sendo, falar do lugar de pertencimento e ao mesmo tempo como pesquisadora, proporcionou uma experiência de muito aprendizado e intensificou acreditar que é preciso lutar para trazer de volta o sentido de Humanidade, que ele está em diferentes lugares e formas, o que é preciso é *cativar*. Isto inclui onde e como obter e preparar os alimentos, mesmo que adaptando produtos às circunstâncias e ao local. É preciso retomar algumas maneiras de pensar e praticar o preparo para o consumo alimentar, e à partir de então, pensar possibilidades que possam contribuir, e não destruir aquilo que está sendo útil e benéfico. Neste sentido, não existe um modelo único. Estamos trazendo como a Cultura Ganza, à partir de seus conhecimentos acredita e procura na prática mediúnica o preparo, o consumo, e o oferecimento dos alimentos às divindades. Isto corrobora para a saúde física e espiritual, servindo por sua vez para apaziguar. Afinal, só apazigua quem traz “dentro de si” este sentimento. É assim que a *cultura* pensa e procura viver.

Neste sentido, vimos que a importância do preparo de alimentos para o desenvolvimento mediúnico interliga por meio das mediunidades o alimento às divindades, estas por sua vez existem porque existe a natureza, da qual são sua fonte de interligação com todos os seres que habitam a terra. Vimos no presente trabalho um pouco desta interligação e como durante o desenvolvimento mediúnico isto é realizado. Para isto, as *pianas* são fundamentais.

Pudemos ter uma noção de como por meio do preparo do alimento pode ser feita a conexão, melhor dizendo, interligação, do plano da materialidade com o plano da espiritualidade. Cada médium é respeitado na sua singularidade, e sua elevação espiritual depende muito mais dele, da busca e prática dos conhecimentos sobre a Cultura Ganza para o seu desenvolvimento mediúnico e espiritual, conforme vimos neste trabalho.

Quando Ganza decidiu que outros alimentos, além daqueles que a *cultura* prescreveu durante sua formação para manter a vida e a sobrevivência, pudessem ser consumidos, não excluiu o que existia, ele possibilitou outras opções, contudo, não retirou a matriz. Respeitar e adaptar para sobreviver, deve ir ao encontro da Vida e do sentido de Humanidade. Temos como exemplo disto, conforme vimos neste trabalho, pessoas da *cultura* que foram escravizadas, adaptaram produtos alimentares na forma de preparar dentro da *cultura*, que serviram não somente à eles, mas também a outros escravizados que tinham suas próprias formas de crença e a mesma ânsia de sobrevivência.

No Terreiro Senzala o trabalho mediúnico segue no mesmo sentido, cada preparo de alimento tem uma ou mais finalidades, que são trabalhadas pela mediunidade, podendo servir tanto para a saúde do corpo como para a saúde do espírito, seja do médium ou outra pessoa que

se beneficia do trabalho mediúnico e do alimento. Para isto, é imprescindível conhecer a mediunidade, a divindade e para que serve determinado alimento. Deste modo, nos tornamos conscientes daquilo que fazemos e almejamos. O preparo de alimentos é uma das maneiras de realizar este trabalho por meio das mediunidades.

Houve esforço no sentido de desenvolver o tema com o devido entendimento que a *cultura* traz sobre si mesma e extensivamente no modo como se relaciona com a sociedade e no respeito a outras crenças e culturas. Levando em conta aquilo que era permitido apresentar sobre a Cultura Ganza dentro dos assuntos que foram abordados. Assim sendo, também fizemos menção a algumas informações sobre seu líder, por considerarmos relevante apresentar a fonte dos conhecimentos sobre esta *cultura*, e algumas mudanças recentes na alimentação que acabam influenciando no preparo dos alimentos.

Assim sendo, o preparo de alimentos é feito depois de certo período de desenvolvimento, exige alguns conhecimentos e práticas mediúnicas prévias. É importante durante o aprendizado desenvolver as mediunidades e descodificar as mensagens recebidas.

No início do desenvolvimento, e à medida que este vai sendo trabalhado são acrescentadas práticas mediúnicas que intensificam e ampliam o conhecimento mediúnico. Com isto, as divindades se manifestam às mediunidades de diferentes maneiras, hierofanias, trazem sua energia e as mensagens, que durante o desenvolvimento mediúnico os médiuns aprendem a descodificar.

Assim, os preparos de alimentos são realizados respeitando a dignidade da divindade do médium, por este motivo, foram realizados preparos que interligavam as mediunidades às águas com a deusa menor *Mahlagbá* na *piana*. O preparo de alimentos com as divindades traz mensagens e força mediúnica à partir dos elementos da natureza. Trabalhos de preparo de alimentos foram descritos, respeitando a fonte da natureza e a divindade que dele faz parte. Neste sentido, dentro da singularidade mediúnica, o nível da mediunidade e espiritualidade é próprio de cada médium e depende de sua prática elevá-lo.

Todos os preparos de alimentos são realizados com o pedido a *Oruá* para abençoar e trazer sua força para o alimento que é seu elemento da natureza. Este deus menor é a principal interligação do alimento com o plano espiritual dentro do trabalho mediúnico. É uma presença constante dentro da Cultura Ganza a tudo que se relaciona ao alimento e alimentação.

O desenvolvimento das mediunidades envolve além do preparo de alimentos o trabalho com a dança em alguns casos. A *dança da coroa* é um dos trabalhos mediúnicos que interligam por meio da dança, as mediunidades ao plano da espiritualidade. A música (toque do tambor) é

um dos elementos que ajudam nesta busca da interligação. O preparo de alimento e a *dança do coroa*, trabalha ao mesmo tempo as mediunidades da clarividência, transporte e uma quase incorporação. Por este motivo, foi preciso que a médium já estivesse desenvolvendo estas mediunidades, para ter condições de saber trabalhar a “puxada” com as divindades que estão interligadas às “nações” que fazem parte da *cultura*, e foram escolhidas para este trabalho mediúnico.

Em suma, à medida que o desenvolvimento vai sendo praticado apazigua a mente e o espírito, traz maior consciência diante e para as ações cotidianas. O conhecimento e as vivências, nos levam a conhecer o “velho”. Ou seja, a Cultura Ganza busca na sua formação no local das tumbas o conhecimento e princípios para trazer para o “novo”, atualidade, maneiras de continuar vivendo a *cultura* à partir de sua ancestralidade. Trazendo conhecimento do passado, adaptando o que é preciso, elaborando outras maneiras de continuar vivendo a *cultura*. Neste sentido, o preparo dos alimentos, conforme vimos, são uma demonstração de resistência não somente física e espiritual, mas cultural. Que em alguns momentos serviram para destreza, demonstração de inteligência às tentativas de dominar e anular a bagagem de conhecimentos dos escravizados de diferentes culturas, e devemos ressaltar, suas crenças.

Para finalizar, concluímos que o alimento pode servir de maneira consciente para diferentes finalidades, desde que ele não seja visto apenas como algo que mantém o corpo material, mas, seja também visto na sua dimensão e interligação com o plano da espiritualidade. Este é um dos caminhos que nos possibilita pensar sobre o sentido de Humanidade.

## REFERÊNCIAS

### BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, C. M. **Educação, Natureza e Cultura**: um modo de ensinar. 1998. 206 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ALTHOFF, G. Comer Compromete: refeições, banquetes e festas. In: FLANDRIN, J-L.; MONTANARI, M. **História da Alimentação**. 7. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. 885 p.

BASTIDE, R. **As religiões Africanas no Brasil**: Segunda Parte: estudo sociológico das religiões afro-brasileiras. São Paulo: EDUSP, 1971. 324 p.

BRANDÃO, C. R. **Repensando a Pesquisa Participante**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 252 p.

BELLEGARDE-SMITH, P.; MICHEL, C. **Vodou Haitiano: espírito, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011. 240 p.

BIRMAN, P. **O que é umbanda**. São Paulo: Abril Cultural; Editora Brasiliense, 1985. 106 p. (Coleção primeiros passos).

BOAS, F. **Cuestiones Fundamentales de Antropologia Cultural**. Buenos Aires: Lautaro, 1947. 271 p.

CARNEIRO, E. **Religiões Negras**: notas de etnografia religiosa. Rio de Janeiro: Biblioteca de Divulgação Científica, 1936. 189 p.

\_\_\_\_\_. **Candomblés da Bahia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. 145 p.

CASCUDO, L. C. **História da alimentação no Brasil**. São Paulo: Global, 2004. 956 p.

CERTEAU, M.; GIARD L.; MAYOL P. **A Invenção do Cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 372 p.

CONSELHO REGIONAL DE FAMÁCIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Departamento de Apoio Técnico e Educação Permanente Comissão Assessora de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. **Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. São Paulo, 2019. 85 p. Disponível em: < [http://www.crfsp.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=8467-cartilha-de-plantas-medicinais-e-fitoterapicos.html](http://www.crfsp.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=8467-cartilha-de-plantas-medicinais-e-fitoterapicos.html) >. Acesso em: 15 ago. 2019.

CONCONE, M. H. V. B.; REZENDE, E.G. Entre Passes, Plantas e Garrafadas: a busca da cura. In: ISAIA, A. C.; MANOEL, I. A. (Orgs). **Espiritismo e Religiões Afro-brasileiras**. São Paulo: UNESP, 2012. 337 p.



CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 4 ed. revista e atualizada, 5ª impressão. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010. 712 p.

DAIBERT Jr, R.; FLORIANO, M. G.; BERKENBROCK, V. J. (Orgs). **A Mão que Costura o Vento**: mediações do sagrado nas tradições religiosas afro-brasileiras. Juiz de Fora, MG: UFJF, 2015. 291 p.

DA MATTA, R. **O Que Faz o Brasil, Brasil?** 12. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. 126 p.

DIAGNE, P. História e linguística. In: Ki-ZERBO, J. (Ed.). **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 247-281. 992 p.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**: ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991. 136 p.

DURKHEIM, E. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008. 536 p.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 109 p.

\_\_\_\_\_. **Tratado de História das Religiões**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 479 p.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Tubarão Branco**. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/Biosseguranca/Bis/infantil/tubarãoBranco.htm>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

FLANDRIN, J-L.; MONTANARI, M. **História da Alimentação**. 7. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. 885 p.

FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala**: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. São Paulo: Global, 2006. 727 p.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 213 p.

\_\_\_\_\_. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 256 p.

GUIA GEOGRÁFICO – MAPAS DO MUNDO. **Mapa Físico da África**. Escala 1:51.400.000. Disponível em: <<http://www.guiageo.com/africa.htm>>. Acesso em: 09 set. 2019.

GONÇALVES, E. S. **Mosaico de Vulnerabilidades**: açaí artesanal e risco da transmissão oral da doença de chagas. 2017. 462 p. Tese (Doutorado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

HAMPÂTÉ BÂ, A. A Tradição Viva. In: Ki-ZERBO, J. (Ed.). **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212. 992 p.

\_\_\_\_\_. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003. 376 p.

HOUAISS, A.; SALLES, M. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986 p.

HUGOT, H. J. Pré-História do Saara. In: Ki-ZERBO, J. (Ed.). **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 657-684. 992 p.

INSTITUTO CHICO MENDES. **PLANO NACIONAL PARA CONSERVAÇÃO DOS MAMÍFEROS AQUÁTICOS. GRANDES CETÁCEOS E PINÍPEDES**. Disponível em: <[http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-plano-de-acao/pan-des\\_cetaceos\\_sirenios/livro\\_grandescetaceos\\_icmbio-web.pdf](http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-plano-de-acao/pan-des_cetaceos_sirenios/livro_grandescetaceos_icmbio-web.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2020.

\_\_\_\_\_. **TUBARÃO**. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/faunabrasileira/plano-de-acao-nacional-lista/2839-plano-de-acao-nacional-para-a-conservacao-dos-tubaroes>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 221 p.

LEITE, F. **A Questão Ancestral: África Negra**. São Paulo: Palas Athena; Casa das Áfricas, 2008. 385 p.

LÉPINE, C. **OS Dois Reis do Danxome: varíola e monarquia na África Ocidental 1650-1800**. São Paulo: FAPESP, 2000. 219 p.

LÉVI-STRAUSS, C.; ERIBON, D. **De Perto e De Longe**. São Paulo: Cosac Naify, 2005. 272, p.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. 456 p.

LODY, R. **Candomblé: religião e resistência cultural**. São Paulo: Editora Ática, 1987. 88 p. (Série Princípios).

\_\_\_\_\_. **Tem Dendê, tem Axé: etnografia do dendezeiro**. Rio de Janeiro: PALLAS, 1992. 122 p.

LUZ, M. A. **Do Tronco ao Opa Exim: memória e dinâmica da tradição afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002. 248 p.

MACHADO, C. A.; VARGAS, J. F. R. (Orgs). **Plantas Medicinais do Jardim Botânico de Porto Alegre**. Porto Alegre: Escola de Saúde Pública, 2018. 110 p. Projeto Arranjo Produtivo Local de Plantas Medicinais e Fitoterápicos do rio Grande do Sul – APLPMFito/RS- Secretaria de Estado da Saúde do Rio Grande do Sul/Ministério da Saúde. Disponível em <<https://saude.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20190154/17115411-e-book-plantasmedicinais.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

MAMIGONIAN, B. G. **Africanos Livres: a abolição do tráfico de escravos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 625 p.

MANDELA, N. **Longa Caminhada até a Liberdade**: autobiografia de Nelson Mandela. 3. ed. Curitiba: Nossa Cultura, 2012. 776 p.

MARTINS, L. S. **Sistemas para a Transposição de Peixes**. 2000. 184 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/3/3147/tde-25072002-142649/pt-br.php>>. Acesso em: 11 jan. 2020).

MASCARIN, T. F. **Cultura Ganza**. São Paulo: Fonte Editorial, 2019. 68 p.

\_\_\_\_\_. **Os Caminhos de Vento**. São Paulo: Fonte Editorial, 2018. 153 p.

MAUÉS, H. R.; VILLACORTA, G. M. Pajelança e Encantaria Amazônica. In: PRANDI, R. (Org.). **Encantaria Brasileira**: O Livro dos Mestres, Caboclos e Encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. 384 p.

MAUSS, M. **Ensaio Sobre a Dádiva**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1950. 199 p.

\_\_\_\_\_. **Esboço de Uma Teoria Geral da Magia**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000. 183 p.

MAZRUI, Ali. A. et al. Tendências da Filosofia e da Ciência na África. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe (Ed.). **História Geral da África VIII**: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010, p. 761-815. 1272 p.

M'BOW, A. M. Prefácio. In: Ki-ZERBO, J. (Ed.). **História Geral da África I**: Metodologia e pré-história da África. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. XXI-XXII. 992 p.

MOREIRA, N. J. **Dicionário de Plantas Medicinaes Brasileiras**. Rio de Janeiro: Typ. do Correio Mercantil, 1862. 145 p.

MOURA, M. M. **Nascimento da antropologia cultural**: a obra de Franz Boas. São Paulo: Hucitec, 2004. 399 p.

MUNANGA, K. **Os Basanga de Shaba**: um grupo étnico do Zaire - ensaio de antropologia geral. São Paulo: FFLCH/USP, 1977. 334 p.

\_\_\_\_\_. **Origens africanas do Brasil contemporâneo**: histórias, línguas, culturas e civilizações. São Paulo: Global, 2009. 111 p.

\_\_\_\_\_; GOMES, N. L. **O Negro No Brasil de Hoje**. 2. ed. São Paulo: Global, 2016. 224 p.

NEGRÃO, L. N. **Entre a Cruz e a Encruzilhada**. São Paulo: Edusp, 1996. 377 p.

NOVAES, S. C. (Org.). **Entre Arte e Ciência**: a fotografia na antropologia. São Paulo: USP, 2015. 224 p.

OLDEROGGE, D. Migrações e diferenciações étnicas e linguísticas. In: Ki-ZERBO, J. (Ed.). **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 295-316. 992 p.

ORTIZ, R. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978. 205 p.

PRANDI, Reginaldo. **As Religiões Negras na Sociedade Branca**. Revista USP. São Paulo, n. 28, p. 64-83, dezembro/fevereiro 1995/1996.

PRANDI, R. (Org.). **Encantaria Brasileira: O Livro dos Mestres, Caboclos e Encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. 384 p.

PINSKY, J. **A Escravidão no Brasil**. 12. ed. São Paulo: Editora Contexto, 1993. 78 p. (Repensando a História).

RAMOS, A. **O Negro Brasileiro: Etnografia Religiosa e Psicanálise**. Recife: Massangana, 1988. 304 p.

REIS, J. J.; GOMES, F.S. (Orgs). **Liberdade por um Fio: história dos Quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 509 p.

RODRIGUES, N. **O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1935. 199 p.

SALDÍVAR, J. M. **Com Los Ancestros em la Espalda: etnografia transnacional de la santería-Ifá cubana em Santiago (Chile) y La Paz (Bolívia) 1990-2015**. Santiago de Chile: RIL editores; Universidad De Los Lagos, 2018. 258 p.

SANTOS, C. R. A. A alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 42. Editora UFPR, 2005, p. 11-31.

SEMOG, É.; NASCIMENTO A. **Abdias Nascimento: o griot e as muralhas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006. 239 p.

SHAPANAN, F. Entre Caboclos e Encantados. In: PRANDI, R. (Org.). **Encantaria Brasileira: O livro dos Mestres, Caboclos e Encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. 384 p.

SILVA, V. G. **Candomblé e Umbanda: Caminhos da Devoção Brasileira**. 5. ed. São Paulo: Selo Negro, 2005. 149 p.

TSHIBANGU, T. et al. Religião e Evolução Social. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe (Ed.). **História Geral da África VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010, p. 605-629. 1272 p.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 385 p.

VASCONCELOS, M. O. **Curas através do Orún: rituais terapêuticos no Ilê Yemanjá Sábá Bassamí**. 2006. 313 p. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

VOGEL, A.; MELLO, M. A. S.; BARROS, J. F. P. de. **Galinha D'Angola**: iniciação e identidade na cultura afro-brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1998. 228 p.

WILLIS, R. **Mitologias**: Deuses, heróis e xamãs nas tradições e lendas de todo o mundo. São Paulo: Publifolha, 2007. 320 p.

## REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

### ENTREVISTAS

GANZA. Terreiro Sensala. Maringá Pr. 09 de outubro de 2011. (1:35hs).

GANZA. Terreiro Sensala. Maringá Pr. 14 de dezembro de 2013. (1:15hs).

GANZA. Terreiro Sensala. Maringá Pr. 02 de março de 2014. (1:45hs).

GANZA. Terreiro Sensala. Maringá Pr. 10 de setembro de 2014. (1:05hs).

GANZA. Terreiro Sensala. Maringá Pr. 22 de julho de 2014. (00:hs).

GANZA. Terreiro Sensala. Maringá Pr. 25 de julho de 2014. (00:45hs).

GANZA. Terreiro Sensala. Maringá Pr. 04 de agosto de 2014. (00:50hs).

GANZA. Terreiro Sensala. Maringá Pr. 08 de dezembro de 2014. (00:40hs).

GANZA. Terreiro Sensala. Maringá Pr. 15 de dezembro de 2014. (00:25hs).

GANZA. Terreiro Sensala. Maringá Pr. 12 de março de 2015. (01:10hs).

GANZA. Terreiro Sensala. Maringá Pr. 06 de agosto de 2015. (00:35hs).

GANZA. Terreiro Sensala. Maringá Pr. 23 de dezembro de 2015. (00:24hs).

GANZA. Terreiro Sensala. Maringá Pr. 27 de dezembro de 2015. (00:45hs).

GANZA. Terreiro Sensala. Maringá Pr. 28 de dezembro de 2015. (00:26hs).

GANZA. Terreiro Sensala. Maringá Pr. 01 de fevereiro de 2016. (00:7hs).

GANZA. Terreiro Sensala. Maringá Pr. 10 de fevereiro de 2016. (0:30hs).

GANZA. Terreiro Sensala. Maringá Pr. 04 de março de 2016. (00:45hs).

A.C.S.O. Terreiro Sensala. Maringá Pr. 05 de maio de 2016. (00:27hs).

GANZA. Terreiro Sensala. Maringá Pr. 08 de maio de 2016. (00:20hs).

M.R.S. Terreiro Senzala. Maringá Pr. 10 de maio de 2016. (00:41hs).

GANZA. Terreiro Senzala. Maringá Pr. 13 de maio de 2016. (00:45hs).

J. A. A. Terreiro Senzala. Maringá Pr. 07 de set. de 2016. (00:18hs).

GANZA. Terreiro Senzala. Maringá Pr. 17 de outubro de 2016. (1:30hs)

R. C. M. Terreiro Senzala. Maringá Pr. 16 de dezembro de 2016. (00:16hs)

GANZA. Terreiro Senzala. Maringá Pr. 04 de janeiro de 2017. (0:45hs).

GANZA. Terreiro Senzala. Maringá Pr. 12 de maio de 2017. (1:00hs).

GANZA. Terreiro Senzala. Maringá Pr. 02 de fevereiro 2019. (1:15hs).

GANZA. Terreiro Senzala. Maringá Pr. 03 de julho de 2019. (0:50hs).

## REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

### IMAGENS

Figura 1 – Mapa físico da África. Fonte: disponível em: <<http://www.guiageo.com/africa.htm>>. Acesso em: 09 set. 2019.

Figura 2 - Símbolo da Cultura Ganza. Fonte: Mascarin, T. F. Cultura Ganza, 2019.

Figura 3 – Pianas do Terreiro Senzala. Maringá-Pr. Fonte: Terreiro Senzala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 23/01/2014.

Figura 4:Terreiro Senzala – espaço para manifestações da Cultura Ganza. Fonte: Terreiro Senzala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 24/02/2020.

Figura 5 - Caminhada para desenvolvimento mediúnico. Fonte: ACCAME, 2013.

Figura 6 - Médiuns se concentrando conjuntamente para trabalho espiritual. Fonte: Terreiro Senzala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 26/03/2016.

Figura 7 - Milho sendo pilado. Fonte: Terreiro Senzala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 12/01/2014.

Figura 8 - Milho pilado para preparo de comida. Fonte: Terreiro Senzala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 12/01/2014.

Figura 9 - Guiné (*Petiveria alliacea*) sendo passado na panela de ferro. Fonte: Terreiro Senzala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 12/01/2014.

Figura 10 - Milho sendo cozido em panela de ferro e fogão a lenha. Fonte: Terreiro Sensala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 12/01/2014.

Figura 11 - Preparo da *piana* para oferecimento de alimento para entidades. Fonte: Terreiro Sensala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 12/01/2014.

Figura 12 - Oferecendo alimento para entidades na *piana*. Fonte: Terreiro Sensala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 12/01/2014.

Figura 13 - Camarão sendo preparado na *piana* para entidades de Mahlagbá. Fonte: Terreiro Sensala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 07/05/2016.

Figura 14 – Alimentos sendo preparados na *piana* para entidades de Mahlagbá. Fonte: Terreiro Sensala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 07/05/2016.

Figura 15: alimentos para o *kibó* sendo triturados. Fonte: Terreiro Sensala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 07/05/2016.

Figura 16: Fogão a lenha do Terreiro Sensala. Fonte: Terreiro Sensala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 07/05/2016.

Figura 17: entrega da trouxinha com o *kibó* para oferecimento na *piana*. Fonte: Terreiro Sensala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 07/05/2016.

Figura 18: *kibó* assando sobre as brasas. Fonte: Terreiro Sensala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 07/05/2016.

Figura 19: *Kibó* assado sobre as brasas. Fonte: Terreiro Sensala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 07/05/2016.

Figura 20: *kibó* sendo consumido pelos médiuns do terreiro. Fonte: Terreiro Sensala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 07/05/2016.

Figura 21: Coroa na *piana* para o ritual da dança. Fonte: Terreiro Sensala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 07/05/2016.

Figura 22: Alimentos sendo pilados no Terreiro Sensala. Fonte: Terreiro Sensala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 07/05/2016.

Figura 23: Castanhas, arroz, batatas e a coroa trabalhados mediunicamente na *piana*. Fonte: Terreiro Sensala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 07/05/2016.

Figura 24: Flores, alecrim e velas fazem parte do preparo de alimento. Fonte: Terreiro Sensala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 07/05/2016.

Figura 25: Lavagem das mãos com rosas e alecrim. Fonte: Terreiro Sensala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 07/05/2016.

Figura 26: Mel, sendo acrescentado aos alimentos. Fonte: Terreiro Senzala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 07/05/2016.

Figura 27: Alimentos oferecidos na *piana* e a *coroa* para a dança. Fonte: Terreiro Senzala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 07/05/2016.

Figura 28: Médiun em concentração para iniciar a *dança da coroa*. Fonte: Terreiro Senzala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 07/05/2016.

Figura 29: Alimento para a *dança da coroa*. Fonte: Terreiro Senzala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 07/05/2016.

Figura 30: Servindo alimento preparado para a *dança da coroa* - 1. Fonte: Terreiro senzala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 07/05/2016.

Figura 31: Servindo alimento preparado para a *dança da coroa* - 2. Fonte: Terreiro Senzala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 07/05/2016.

Figura 32: A *bubicinha* em cocção. Fonte: Terreiro Senzala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 21/06/2015.

Figura 33: Cozimento da *bubicinha*: milho, raízes e plantas. Fonte: Terreiro Senzala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 21/06/2015.

Figura 34: Retirando as raízes durante o preparo da *bubicinha*. Fonte: Terreiro Senzala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 21/06/2015.

Figura 35: Abacaxi sendo acrescentado ao preparo da *água de tongo*. Fonte: Terreiro Senzala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 15/07/2014.

Figura 36: Engenhoca do Terreiro Senzala, Ganza e a médiun moendo cana para o feitio da *água de tongo*. Fonte: Terreiro Senzala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 15/07/2014.

Figura 37: Melaço sendo preparado para *água de tongo* no Terreiro Senzala. Fonte: Terreiro Senzala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 15/07/2014.

Figura 38: Uma das médiuns fazendo a mistura das fermentações da *água de tongo*. Fonte: Terreiro Senzala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 15/07/2014.

Figura 39: Uma das médiuns colocando a mistura da *água de tongo* para novo processo de fermentação. Fonte: Terreiro Senzala. Arquivo Pessoal. Tereza de F. Mascarin. 15/07/2014.